

COTO VEDADO: ruptura e reencontro

Carmelita Tavares Silva

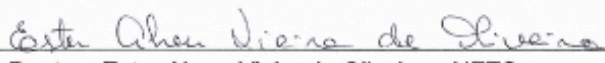
Orientadora: Professora Doutora Sílvia Inés Cárcamo de Arcuri.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Literários-Literaturas Hispânicas).

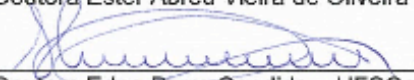
BANCA EXAMINADORA



Presidente - Profª. Doutora Sílvia Inés Cárcamo de Arcuri – UFRJ



Profª. Doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira – UFES



Profª. Doutora Edna Parra Candido – UFSCar

Prof. Doutor Julio Aldinger Daloz – UFRJ

Prof. Doutor Victor Manuel Ramos Lemus – UFRJ

Defendida a dissertação:

Conceito:

Em 12 de maio de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CARMELITA TAVARES SILVA

COTO VEDADO: ruptura e reencontro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Literários- Literaturas Hispânicas).

Orientadora: Professora Doutora Sílvia Inés Cárcamo de Arcuri.

Rio de Janeiro

Abril de 2010

Dedicatória

A DEUS, razão maior de minha vida.

A Sebastião e Maria,
In memoriam,
Dedicação sem limites.

Ao Gena,
Apoio e companheirismo a toda prova.

A Flavia, Diego, Paola,
Moran, Gabriela e Louise:
certeza de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Romper barreiras, extrapolar os limites, superar as limitações e concretizar os sonhos, tudo isso se faz possível quando se tem amigos.

A Silvia Cárcamo

seu direcionamento e condução firme e segura foram fundamentais para a realização deste estudo.

A Angela, Mirtis, Penha, Rivaldo, Sara, Wanderley e todos que, de alguma forma, participaram dessa caminhada,
minha eterna gratidão.

A Ester Abreu Vieira de Oliveira e Edna Parra Candido,
Membros da Banca Examinadora.

RESUMO

SILVA, Carmelita Tavares. Alteridade e multiculturalismo em *Coto vedado*, Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2010. 202 folhas. Dissertação de Mestrado em Literaturas Hispânicas.

Este estudo propõe uma reflexão sobre os temas da alteridade e do multiculturalismo na narrativa autobiográfica de Juan Goytisolo – *Coto vedado*. A diversidade étnica, o hibridismo, a alteridade, e o eurocentrismo são aspectos a partir dos quais essas questões são tratadas pelo autor em sua obra. A pretensa superioridade do Ocidente, a negação das diferenças, o não reconhecimento da heterogeneidade cultural e étnica e a intolerância religiosa são considerados pelo autor em sua dimensão histórica e contextualizados à luz da nova ordem mundial. A Guerra Civil espanhola, e suas consequências na vida do autor constituem o eixo da narrativa e a partir dela constroi uma autobiografia que mais que isso se configura como um projeto de interpretação da história e da sociedade espanhola. Conhecer a história que a História não reconhece é sempre um convite a uma tomada de consciência. É o que propõe Juan Goytisolo.

Palavras – chave: Juan Goytisolo, alteridade, multiculturalismo, autobiografia, literatura espanhola.

ABSTRACT

SILVA, Carmelita Tavares. Alteridade e multiculturalismo em *Coto vedado*, Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2010. 202 folhas. Dissertação de Mestrado em Literaturas Hispânicas.

This study proposes a reflection about the themes of alterity and multiculturalism in Juan Goytsolo's autobiography – *Coto vedado*. The ethnic diversity, hybridism, alterity, and Eurocentrism are important aspects treated by the author in his work. The pretense Western superiority, the negation of the difference, the non-recognition of the cultural and ethnic heterogeneity, and the religious intolerance are considered in their historical dimension, as well as contextualized under the light of the new global order. The Spanish Civil War and its consequences to the author's life constitute the axis of the narrative and through it he builds an autobiography which presents itself as a historical project and a Spanish interpretation. To know the history that History does not recognize is always an invitation to build consciousness. That is what Juan Goytsolo proposes.

Key-words: Juan Goytsolo, otherness, alterity, multiculturalism, autobiography, Spanish literature

COTO VEDADO: ruptura e reencontro

SUMARIO

INTRODUÇÃO	08
1. JUAN GOYTISOLO: AUTOR E OBRA	25
1.1.O CONTEXTO HISTÓRICO ESPANHOL	37
1.2. A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO AUTOR	45
1.3. GOYTISOLO E O PROCESSO CRIATIVO	52
2. ESPANHA: MITO E DESMITIFICAÇÃO	60
2.1. MODERNIDADE E NACIONALISMO	72
2.2.HEGEMONIA CRISTÃ E RACISMO	79
2.3. O DISCURSO DA EXCLUSÃO	88
3. AUTOBIOGRAFIA: ALTERIDADE E MULTICULTURALISMO..	96
3.1.O LUGAR DO AUTOR.....	106
3.2. VIAGEM E ESCRITURA	111
3.3.RUPTURA E REENCONTRO	122
CONCLUSÃO	165
REFERÊNCIAS	169
ANEXOS	175

Un rabino hacía a sus alumnos la siguiente pregunta: - ¿Cómo podéis distinguir cuando acaba la noche y empieza el día? El primer discípulo respondió: - Cuando en la lejanía puedes distinguir un perro de una oveja. - No – dijo el rabino. Otro discípulo aventuró su respuesta: - Cuando puedes distinguir una palmera de una higuera. - No – replicó el maestro. - ¿Cuándo? – preguntaron a coro los discípulos. Y el rabino respondió: - Cuando puedes mirar el rostro de una persona y reconocer en ella a un hermano. - Mientras esto no pasa, es todavía de noche en tu corazón. (Lenda judaica)

INTRODUÇÃO

Con la luz, con el aire, con los seres
Vivir es convivir en compañía.
Placer, dolor: yo soy porque tú eres.
Jorge Guillén

A aproximação com a obra de Juan Goytisolo ocorreu durante um curso realizado em Salamanca em 2002. Mais tarde começamos a pensar na elaboração de um projeto de pesquisa que pudesse nortear um estudo mais sistematizado sobre o autor, e com esse propósito ingressamos no curso de pos graduação da UFRJ em 2007. A oportunidade se concretizou durante o curso da disciplina “Tópicos Especiais”, ministrada pelas Professoras Maria Aparecida Silva e Sílvia Inés Cárcamo de Arcuri em agosto daquele ano, data em que iniciamos os estudos de Mestrado em Literaturas Hispânicas, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Juan Goytisolo nos foi apresentado como um escritor inovador, teórico erudito, ensaísta atento às transformações impostas pela mundialização e crítico do cenário histórico e político ocidental. Esse autor nos despertou, de imediato, um grande interesse. Conhecer sua trajetória de vida, suas ideias, sua visão de mundo, investigar uma possível relação entre os valores que defende em sua produção literária nos pareceu uma oportunidade excelente de aprendizagem e uma possibilidade de participação em um debate que acreditamos ser fundamental na definição dos critérios de convivência do homem deste século - a discussão sobre alteridade e multiculturalismo.

Partindo de uma base teórica apresentada durante o curso por nossos professores, nos sentimos, então, estimulada a pesquisar tais temas dentro da obra de Juan Goytisolo. Os seiscentos quilômetros percorridos semanalmente de nossa cidade até a sala de aula na Faculdade de Letras também muito contribuíram porque, durante o trajeto, refletíamos sobre a questão. Nesse processo de idas e vindas, tivemos a certeza de que queríamos empreender mais uma viagem rumo ao universo multicultural que Juan Goytisolo nos oferecia e cujo ponto de partida, percurso e destino final seria a sua narrativa autobiográfica, *Coto vedado*, publicada em 1985. Esta viagem se constitui, portanto, no corpus desta pesquisa.

Este estudo nasce da hipótese de que o projeto autobiográfico de Juan Goytisolo tem como base os conceitos de alteridade e multiculturalismo e como eixo da narrativa o acontecimento considerado como fundamental em sua vida: a Guerra Civil espanhola, o que resulta em um projeto de interpretação da história da sociedade e da cultura espanhola. Sabe-se que a Espanha, embora defenda uma tradição genuína, como teremos oportunidade de aprofundar neste estudo, abriga em sua formação, no mínimo, a contribuição de três civilizações, o que já constitui uma marca multicultural.

Essa Espanha de “tradição genuína” tem data de nascimento: “en 1492, la sociedad cristiana se creó una identidad nueva, inventó una historia, imaginó una ascendencia [...] una historia en la que los judíos y árabes dejaron de ser percibidos como occidentales” (GOYTISOLO, 1995, p.159). Os paladinos e cavaleiros da nobreza tomaram a seu cargo difundir a ideia de que o território que desde a Baixa Idade

Média se tornou conhecido por Espanha seria portador de uma essência milenar pura que não se aplicava a todos seus habitantes. Nas contribuições dos vários povos que, durante séculos consolidaram a cultura hispânica, não se reconhecia, então, a participação de árabes e judeus. Juan Goytisolo observa que “[l]a España posterior a los Reyes Católicos en su busca obsesiva de un credo unificador y una españolidad castiza, asoló el ámbito de su propia cultura y transformó a la Península en un patético erial: la España fantasmal del último Habsburgo” (GOYTISOLO,1995, p.156-157). O isolamento cultural imposto com essa política de superioridade irá, portanto, refletir-se em um empobrecimento cultural que, com o tempo abrangeria os demais aspectos da sociedade espanhola levando o país, segundo o autor, a um patamar fantasmagórico. E complementa:

La cultura española forjada entre los siglos XII y XV fue desarbolada de manera sistemática por la obsesión antijudaica y el dogmatismo de la mal llamada reforma tridentina; en 1680, [...]. Desembarazada de judaizantes, moriscos, erasmistas, místicos, protestantes – en suma, de quienes eran capaces de pensar por su cuenta -, había alcanzado la perfección del vacío (GOYTISOLO, 1995, p.83).

Juan Goytisolo destaca-se na literatura contemporânea como um dos escritores da chamada “geração do pós-guerra” ou da “metade do século”,¹ com características que o distinguem de outros de sua época, como Max Aub e Miguel Delibes. Seu posicionamento ideológico, claramente refletido em *Coto vedado*, bem como sua atitude combativa dentro e fora da Espanha, ao mesmo tempo em que lhe

¹ É denominada Geração dos 50, na Espanha, o grupo de escritores, fundamentalmente os poetas, que são considerados filhos da guerra civil e que unem a reivindicação social à nova lírica, bem como à preocupação pela linguagem e desenvolvem em suas obras reflexões metafísicas e filosóficas. Esses escritores não seguem uma linha academicista e apresentam uma característica mais intimista. Conservam algumas características da Geração de 98, especialmente de Antonio Machado. Consideram que a literatura tem como função denunciar as misérias e as injustiças sociais.

ocasionaram sérios transtornos pessoais, também o projetou como uma voz que se faz ouvir em nome das chamadas minorias (judeus, árabes, ciganos, negros, latinos ou homossexuais). Sua produção literária, traduzida em várias línguas, representa uma tomada de consciência e um posicionamento político lúcido, crítico e ao mesmo tempo questionador de mitos e proposições tidos como irrefutáveis e eternos na cultura espanhola.

À guisa de roteiro, definimos algumas etapas que serão trabalhadas ao longo deste estudo. Como ponto de partida, pretendemos situar o autor dentro do quadro histórico, social e literário de seu tempo, já que Juan Goytisolo viveu efetivamente, e de forma bastante intensa, as mudanças históricas de seu tempo. O autor destacou-se de muitos de seus coevos, tanto por sua produção escrita quanto pela adoção de uma atitude de rechaço ao regime político implantado pela ditadura franquista. O exílio a que se submeteu e a censura que durante muitos anos cerceou a publicação de suas obras surgem como consequência de sua trajetória política combativa e sua postura dissidente.

Deveremos, necessariamente, comentar a experimentação empreendida por Juan Goytisolo em sua obra, assim como a ruptura que provoca na estética canônica, ao mesmo tempo em que resgata e valoriza autores cujas obras considera emblemáticas na literatura espanhola, pelo que representam para o enriquecimento do panorama cultural do país. Nossa escolha recaiu sobre *Coto vedado*, obra publicada em 1985 pela Editora Seix Barral e considerada pela crítica como uma das melhores já produzidas na literatura espanhola dentro do gênero autobiográfico.

Buscaremos, na análise, identificar a ocorrência de elementos narrativos que evidenciam a concepção de multiculturalismo e de alteridade em Juan Goytisolo e a forma pela qual o autor contribui para articular e sedimentar os conceitos de modernidade, justiça e tolerância. Assim especificados, esses temas serão trabalhados com base em pressupostos teóricos de autores como Stuart Hall (2003), Nestor García Canclini (1989), Benedict Anderson (1989), entre outros. Entrevistas do autor e matérias publicadas nos meios eletrônicos, sempre que oportunas, serão também utilizadas como fonte de informação. Esclarecemos que quando a citação aparecer acompanhada do sobrenome do autor e o ano de publicação, sem indicação de página, trata-se de consulta aos materiais acima mencionados.

Coto vedado (1985) apresenta o relato autobiográfico de Juan Goytisolo, tendo como eixo narrativo a Guerra Civil espanhola. A situação política da Espanha, assim como seus reflexos e consequências na vida do autor e de sua família, constituem o conteúdo de um texto marcado ora pela ironia e pela crítica, ora pela amargura e desencanto, mas todo o tempo coerente, consciente e humano. Os conceitos de multiculturalismo e alteridade constituem a base argumentativa de Juan Goytisolo em *Coto vedado* e seu projeto autobiográfico pode ser lido como uma proposta de interpretação da história espanhola, por meio de um lugar de enunciação bastante específico, o lugar do autor. É o que esperamos poder demonstrar no decorrer deste estudo.

Tendo em vista o caráter autobiográfico de *Coto vedado*, entende-se que o papel do autor se diferencia daqueles onde não ocorre, no texto, a coincidência entre autor, narrador e personagem. Destarte optamos por apresentar o autor, sua família, infância, adolescência, juventude e idade adulta. Destacamos alguns episódios

traumáticos de sua vida como, por exemplo, a morte de sua mãe, vítima de um bombardeio durante a Guerra Civil, quando Juan Goytisolo contava apenas sete anos. Também nos parece importante conhecer algumas peculiaridades do escritor em sua condição de leitor. Portanto procuramos ao nomear os autores que influenciaram sua formação literária e outros que se constituem em alvo de sua crítica, delinear o seu perfil de leitor.

Consideramos também relevante abordar o contexto histórico espanhol, tendo em vista que é recuperado e analisado pelo autor em grande parte de sua produção, em especial, em sua obra ensaística. Sua trajetória política associa-se a fatos decisivos desse contexto e sua crítica estende-se até aos dias atuais. Encerra o primeiro capítulo uma análise de seu processo criativo, em que abordamos a concepção de modernidade e alteridade a partir da perspectiva multiculturalista que o autor defende e que perpassa sua literatura.

No capítulo dois mencionam-se alguns aspectos da cultura espanhola que, segundo Juan Goytisolo, são falaciosos. Os conceitos de modernidade, nacionalismo, multiculturalismo e alteridade são apresentados pelo autor dentro de uma conjuntura histórico-social cuja dinâmica é contraditória. No paradoxo gerado entre as práticas discursivas legitimadas e as experiências vivenciadas pela sociedade, o autor ocupa seu espaço e reafirma seus valores éticos, oferecendo ao leitor uma visão crítica e articulada da sociedade espanhola e ocidental. Visão essa que é importante para o entendimento de questões complexas e atuais como o racismo, a exclusão e a xenofobia. A visão eurocêntrica e a manipulação dos mitos como estratégias de dominação utilizadas pelas instâncias oficiais do poder serão comentadas ao longo deste estudo, a partir de fragmentos extraídos do corpus estudado.

No capítulo três será enfocada a temática central da obra de Juan Goytisolo – o problema da Espanha, e mais especificamente, em *Coto vedado*, a Guerra Civil Espanhola, que constitui o pano de fundo da narrativa e é o espaço onde se plasman sua autobiografia e sua interpretação da história da Espanha. Nesse contexto as teorias sobre o gênero autobiográfico são fundamentais para o desenvolvimento do tema e a compreensão do processo de resgate do passado por meio da escritura. Um gênero no qual o autor, pela escrita, se constroi e se desnuda.

A dicotomia que se estabelece entre a narração do fato recuperado na memória e o discurso ficcional que dá materialidade ao texto permite que o gênero autobiográfico transite livremente entre as fronteiras do real e do imaginário. A narrativa autobiográfica, mais que uma possibilidade de autoconhecimento, contém informações que, veladas ou claramente afirmadas, brindam a literatura com novos campos de pesquisa. E para a análise de *Coto vedado* será utilizada, entre outras, a obra de Philippe Lejeune – *O pacto autobiográfico* (2008). Acreditamos que dessa forma lograremos levar a bom termo o objetivo deste estudo.

No âmbito das preocupações de Juan Goytisolo, outro tema se destaca por sua recorrência e pela forma singular como o autor o interpreta. Trata-se da modernidade. Comumente associado a uma ideia de mundo moderno, que se situaria a partir do advento da Idade Moderna, e cristalizado na Revolução Industrial, o conceito de modernidade se vincula diretamente ao desenvolvimento do Capitalismo, tendo, portanto, um impacto direto sobre as relações sociais. Assim entendida a modernidade apresenta uma marca da cultura ocidental e estabelece uma nova forma de convívio entre as pessoas.

Para Juan Goytisolo, entretanto, a modernidade não se vincula aos meios de produção capitalista nem se rege pelos seus princípios. Trata-se de um projeto capaz de abarcar distintas épocas e autores, inaugurando um novo conceito de cultura, segundo o qual esta não mais se circunscreve a territórios geograficamente delimitados, mas à possibilidade que apresenta de assimilar todas as demais culturas com que convive. Sobre a possibilidade de abrangência do projeto da modernidade o autor afirma:

¡La modernidad obedece a unas razones que la cronología ignora! Clasificar esquemáticamente la literatura que llamo viva en función de periodos históricos y áreas geográficas o estatales es condenarse a no aprehenderla. La contemporaneidad de una obra fluye a través de los siglos y no admite fronteras en el ámbito de su lengua [...] (GOYTISOLO, 1995, p.195).

Juan Goytisolo situa a modernidade em uma dimensão atemporal, relacionada não apenas ao contexto das mudanças provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo, mas acima de tudo a determinadas circunstâncias a partir das quais as artes, e de forma especial a obra literária questionam a tradição e propõem novos olhares. E no contexto das relações humanas, a aceitação do outro, do diferente, é para esse autor também uma forma de expressão da modernidade. As transformações tecnológicas e científicas, entre outras, produzidas pela modernidade perpetuam a dominação econômica e cultural, e Juan Goytisolo analisa a ação da mídia na manipulação das consciências, na espetacularização do cotidiano e na publicidade da violência como ameaça constante aos países do chamado Primeiro Mundo.

Em “La Europa del miedo”, ensaio publicado em 1995, Juan Goytisolo ilustra sua forma de interpretar a modernidade a partir do relato de um episódio que presenciou no aeroporto de Barajas, em Madri, e no qual interferiu diretamente.

Sem especificar a data o autor comenta: “Una escena trivial un día cualquiera, en la terminal de viajeros de Barajas”. E descreve, por meio de um discurso direto e objetivo o fato presenciado. Ao se aproximar do setor de imigração um passageiro de um voo procedente de Casablanca recebe do agente de polícia um tratamento discriminatório e humilhante. Juan Goytisolo assinala que o passageiro reunia os traços físicos de uma pessoa considerada de “*mala pinta*: piel morena, pelo ensortijado y [...] un no sé qué que delata su origen modesto” (GOYTISOLO, 1995, p.287). A aparência como parâmetro de julgamento e precoce condenação evidencia, para o autor, um código de valores calcado na rejeição e exclusão do diferente, do não europeu. É o que demonstra Goytisolo nesse ensaio.

Na conversa que se estabelece entre o agente e o passageiro, o diálogo mais se assemelha a um monólogo. O discurso da *autoridade* (grifo nosso) europeia não deixa dúvidas de que se coloca em posição superior, e conseqüentemente impondo ao turista uma condição inferiorizada e ao mesmo tempo suspeita, já que as perguntas que lhe são feitas insinuam um tom de desconfiança. A situação se torna ainda mais desfavorável para o passageiro considerando que seu biótipo não corresponde ao de seu interlocutor e a dificuldade no manejo do idioma não lhe permite responder com desenvoltura. Isso se alia ao fato de que, sempre que alguém é tomado por suspeito, sua espontaneidade fica prejudicada. Juan Goytisolo informa que fatos dessa natureza ocorrem com muita frequência e não estão circunscritos apenas à época atual.

A intolerância, a xenofobia e o etnocentrismo têm sido uma marca permanente na história dos países europeus e responsável por práticas arbitrárias e cruéis que se perpetuam na atualidade, legitimadas pela demagogia de lideranças políticas. O episódio presenciado por Juan Goytisolo põe em cena a forma pela qual se vivencia a alteridade. O autor afirma: “en los últimos siglos sometimos al universo entero a nuestro dominio sin reparar en los destrozos que ocasionábamos porque únicamente existíamos nosotros y no podíamos imaginar a los demás” (GOYTISOLO, 1995, p.90). Dessa forma a modernidade que se instaura na ruptura das tradições e na abertura ao novo não se abre ao diferente e à aceitação do outro. As situações de colonização, sujeição, coerção física, coação moral e intelectual são alvo da análise do autor que afirma:

Ser árabe en Francia, *moro* en España, africano en Bélgica, turco en Alemania, significa vivir la pesadilla cotidiana de los controles arbitrarios, afrentas sin motivo, agresividad difusa.[...] el proceso de xenofobia que vive España es comparativamente menos grave que el de otros países en donde, como Alemania o Francia, los asesinatos racistas, homicidios policiales e incendios criminales de viviendas habitadas por inmigrantes son hiel de todos los días (GOYTISOLO, 1995, p.289 -290).

Juan Goytisolo vê nas medidas políticas adotadas pelos países do Primeiro Mundo para controlar os movimentos de imigração, ancoradas em um vocabulário especialmente construído para estigmatizar e inferiorizar os imigrantes, o retorno da barbárie que se supunha sepultada. O tratamento dispensado aos não europeus como, por exemplo, a criação dos “espaços de acolhimento” é visto pelo autor com bastante preocupação. De fato, a ideia de uma nova versão dos campos de concentração é facilmente associada à concepção da Europa como um território exclusivo dos ricos que ameaçam e punem os que tentam nele ingressar.

É exatamente a essa política excludente e etnocêntrica que Juan Goytisolo contrapõe sua interpretação de modernidade. O entendimento da unidade na diversidade como uma possibilidade de paz entre os povos passa pela abertura e aceitação do diferente. Essa é a modernidade que acontece sempre que alguém, ao olhar o rosto do outro, é capaz de neste perceber sua própria face. E a rejeição ao outro, o medo generalizado fabricado e vendido pela mídia, a negação da possibilidade de sobrevivência para os imigrantes do terceiro mundo, como se vê na Europa, constituem, para Juan Goytisolo, um desafio a ser seriamente enfrentado.

Marshall Berman (2007) é outro autor que aborda a questão da modernidade e cujo pensamento sobre o tema se aproxima ao de Juan Goytisolo. Para este autor de formação marxista, a modernidade não se vincula às relações econômicas e de fronteiras, mas a um processo cuja dinâmica é sempre representada pela busca do novo e a destruição do antigo. O espírito da modernidade caracteriza-se pela busca permanente da mudança, como se pode observar em suas palavras: “É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, [...] na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz” (BERMAN, 2007, p.22).

A insegurança, a transitoriedade, o incerto, o efêmero, a angústia da falta de perspectivas, a crise dos paradigmas remetem às ideias de Walter Benjamin (1989) que, em muitos textos, volta-se para a fragmentação e a fugacidade da vida moderna, em sintonia com os escritos de Charles Baudelaire, de Poe, de Kafka, dos surrealistas, entre outros. São escritos que oferecem um panorama da sociedade urbana, especialmente das cidades de Londres e Paris, onde proliferam as galerias,

ou passagens e os cafés. A flânerie, o choque e a nostalgia do “herói” moderno interessam a esses autores. Não é objetivo neste estudo aprofundar essas questões, mas apenas destacar alguns paradoxos da sociedade que deixa seu espaço íntimo e passa a ocupar o espaço público, onde imita o gestual, o vestuário e, ao mesmo tempo, também critica e nega os costumes do “outro”.

Ao conviver com o “diferente”, os indivíduos começam a questionar sua própria individualidade. No caso da sociedade espanhola, onde esse questionamento teve como base a negação do “outro”, irrompem questões tais como a diversidade étnica, o hibridismo, a mestiçagem e o multiculturalismo, características que Juan Goytisolo aponta como determinantes e, de certa forma, conflituosas na formação da sociedade espanhola. Tais circunstâncias contribuíram para a construção de uma imagem do país em dupla perspectiva. Para alguns, endeusada e mítica, quase sagrada; para outros, objeto de crítica. Nessa segunda perspectiva, a Espanha tornou-se o tema referencial para autores como Américo Castro e José Ortega y Gasset, que com diferente argumentação analisam sua história.

Juan Goytisolo está inserido no contexto da modernidade europeia. Sua condição de exilado lhe permite um afastamento espaço-temporal que amplia sua visão de observador, assim como lhe possibilita ocupar uma posição a partir da qual analisa e critica os chamados mitos da Espanha sagrada: a “mediocridade” do sistema educacional, a “pretensa” superioridade ocidental em oposição a outras culturas e em especial as culturas árabe e judaica. Essa situação de exílio parece, de certa forma, colaborar em seu projeto literário. O autor afirma que a possibilidade de ver sua cultura a partir de outra perspectiva lhe faculta uma análise mais articulada e, ao mesmo tempo, mais lúcida: “[...] el intelectual independiente capaz de formular

desde su situación trasterrada un proyecto de reforma social y cultural. Esta era y es una perspectiva renovadora a la vez del pasado y del futuro: una nueva crítica” (GOYTISOLO, 2001, p.23).

O autor aborda também os dogmas católicos, o atraso cultural da Espanha, a negação de uma história cujas peculiaridades lhe conferem diversificada riqueza cultural e que foram silenciadas, omitidas, empobrecendo-a e levando à estagnação e ao hermetismo a sua produção literária, como atesta Castellet neste fragmento em que cita Carlos Fuentes: “la implacable intención crítica de Goytisoló es demostrar la falsedad y la corrupción del tradicional lenguaje literario español y demostrar en que medida [...] justifican una cultura cerrada [...]” (CASTELLET, 1976, p.88-89). Essas circunstâncias são amplamente discutidas por Juan Goytisoló, que considera o engessamento e a hipocrisia dentro da cultura espanhola como estruturas que modelam um sistema ultrapassado e arbitrário, que se perpetua através dos tempos e que deve ser desmascarado.

Juan Goytisoló alerta para o uso que se faz, na atualidade, do conceito de nacionalismo. Essa ideologia que emerge na Europa no final do feudalismo e início da criação dos estados modernos se associa também ao surgimento da burguesia, tornando-se um valor burguês. O autor denuncia as atrocidades cometidas em nome desse nacionalismo e a omissão de organismos internacionais diante da barbárie legitimada. Um exemplo citado pelo escritor diz respeito aos conflitos ocorridos na antiga Iugoslávia na década de noventa. Sabe-se que Juan Goytisoló foi correspondente dessa guerra para o Diário El País e que essa experiência lhe confere mais autoridade para falar dos riscos desse nacionalismo que nada tem a ver com patriotismo:

La ideología nacional extrema y exclusivista [...], patrocinadora de limpiezas étnicas y valores retrógrados, ¿puede ser definida como fascista? Un estudio de las raíces del nacionalismo mitológico serbio nos mostraría más bien su parentesco con el que prevaleció en la España de los *crístianos viejos*, con su deseo de vengar multacentenarias *afrentas* y programado odio interétnico. (GOYTISOLO, 1995, p.316).

Essa e outras práticas, antigas e recentes, de desrespeito à vida são analisadas por Juan Goytisolo que, mesmo pessimista quanto a possíveis mudanças, insiste na necessidade de um novo código de convivência entre os povos a partir da construção de um diálogo intercultural.

Juan Goytisolo vê no multiculturalismo uma forma de desmitificação da homogeneidade cultural pretendida pelo eurocentrismo e nesse sentido o autor dirige sua atenção principalmente para a cultura árabe e aponta, dentro da literatura espanhola, autores cujas obras, quando analisadas a partir de uma perspectiva histórica, revelam aspectos da sociedade multicultural em que foram produzidas.

Dentro da nova ordem mundial, impulsionada principalmente pela tecnologia da informação, o multiculturalismo e a alteridade despontam como temas importantes no meio acadêmico e devem ser considerados em sua amplitude e desdobramentos. O atual debate cultural sinaliza para uma revisão de conceitos e de valores, rompendo paradigmas e reescrevendo a História. Com essa afirmativa, justifica-se esta pesquisa ressaltando-se que, pela própria natureza dos temas que enfoca, o presente trabalho não apresenta respostas definitivas mas tem como objetivo tão somente contribuir para a discussão sobre esses temas.

Considerando que o conceito do multiculturalismo remete ao da alteridade, Juan Goytisolo vê no reconhecimento dessa um caminho viável ao exercício pleno da cidadania, um meio social onde as diferenças sejam assumidas e respeitadas, a

possibilidade de convívio com o “outro”, pautado em valores éticos e numa relação sujeito vs. sujeito que resulte em riqueza cultural e inclusão. Em seu ensaio “El bosque de las letras” (GOYTISOLO, 1995), o autor discorre sobre esse tema e destaca vários episódios na história passada e recente, quando o desrespeito ao princípio da alteridade concorreu para justificar atrocidades e extermínio de milhares de pessoas, sob a alegação de que eram inferiores, diferentes, ou impuras. Nelly Sachs (1891 – 1970), judia alemã e prêmio Nobel de Literatura de 1966, é citada no início do referido ensaio como um entre tantos exemplo de desrespeito à vida e negação do “outro”. Juan Goytisolo estabelece uma analogia entre o exílio da escritora e o seu próprio, e enfatiza que o ocorrido na Alemanha repetiu-se na Espanha com a Guerra Civil, e na última década do século passado na antiga Iugoslávia.

O autor situa as origens da crença na pureza de raça e na superioridade europeia branca em época anterior à Idade Média, resultado da ação dos paladinos que divulgaram uma imagem da Espanha como uma entidade mítica portadora de valores sagrados e perenes. Para os defensores dessa espanholidade quase metafísica, a contribuição de alguns povos (fenícios, gregos e cartagineses) somou positivamente na formação da identidade do ser hispânico e, segundo Juan Goytisolo, o mesmo não sucedeu com relação aos árabes e judeus cuja ‘importancia cultural y vital’ foi considerada ‘insignificante en una España de raza, de vida y de cultura occidental’. Essa alteridade sedimentada durante séculos encontrou terreno fértil na Espanha do século XV, durante o reinado de Fernando e Isabel. O multiculturalismo da Espanha Medieval, simbolizada, por exemplo, pela Escola de Tradutores de Toledo perde importância diante das medidas adotadas para a

unificação do país sob um único credo religioso, na obsessão pela pureza de sangue, no fechamento do país a outras realidades e na conseqüente negação da alteridade.

Juan Goytisolo opina que tais medidas repercutiram de forma negativa na cultura espanhola e um episódio narrado em *Coto vedado* pode ser tomado como exemplo do que é uma nação que define seu povo pelo conceito de iguais e inferiores:

El tío Joaquín, que había obtenido como Leopoldo un diploma de médico, emigró a Argentina antes de mi nacimiento tras haber contraído un matrimonio severamente condenado por la familia a causa del origen humilde de la desposada (GOYTISOLO, 1985, p.21-22).

Há de se considerar a força e o peso da tradição na sociedade espanhola. Se, como no exemplo citado, uma questão econômica foi o suficiente para provocar o rompimento da família, não se poderia esperar menos quando a situação envolve pessoas de outras atitudes, credos e nacionalidades. Para o autor, grande parte do atraso cultural e econômico da sociedade espanhola se deve à dificuldade ou obstinação em aceitar a alteridade.

Segundo Juan Goytisolo, a prática da alteridade, do reconhecimento do outro, de poder entender o mundo pelos valores e crenças do outro e de sentir-se sujeito pelo convívio com o outro contribuiria para a consolidação da dinâmica das relações sociais que, na atualidade, transformam-se para adequar-se ao novo panorama mundial. Esse mundo regido pelo avanço das comunicações corre o risco de comprometer cada vez mais a capacidade de comunicação entre seus habitantes, se não reconhecer que suas fronteiras atuais se redefinem mais em função da

distribuição da riqueza que de fatores geoculturais culturais. O autor alerta para esse e outros riscos ao afirmar: “la sociedad europea será multicultural en la medida en que lo es la propia cultura europea. Ocultar este último es el punto de partida de una lógica que conduce al rechazo de la primera” (GOYTISOLO, 1995,p.162). Entender que o homem se constitui como sujeito em função de seu convívio com o outro; reconhecer que somos produto e produtores de uma cultura que se renova, que se mescla, que se transforma no contacto com as demais culturas, abrir a mente a novas formas de diálogo sob uma base de respeito e valorização do outro é o que propõe Juan Goytisolo a partir da perspectiva do multiculturalismo como possibilidade de aglutinação em torno a ideais de paz, dignidade, justiça, respeito e progresso. Para tanto o autor defende como condição *sine qua non* o respeito à alteridade.

A Guerra Civil Espanhola, personagem e eixo da narrativa, é o elemento chave na constituição do texto que, relacionado a um tempo e um espaço definidos, extrapola-os e convida o leitor a uma reflexão pertinente e atual. O cristianismo e sua influência na vida nacional e a segregação social imposta às minorias judaica e muçulmana são comentados a partir das análises de Américo Castro (1948). Esse autor é considerado por Juan Goytisolo como uma referência fundamental em sua formação literária. Com algumas ideias divergentes daquelas defendidas por Américo Castro, a teoria de Ortega y Gasset (1966 e 1921) será também suporte teórico para comentar as peculiaridades que caracterizam a formação da identidade cultural espanhola.

Outro aspecto que se destaca neste estudo diz respeito à função do mito na formação da identidade nacional espanhola. Mircea Eliade (2000), autor cuja teoria

subsidiará esta temática na pesquisa, define o mito como uma narrativa tradicional de caráter sagrado, por meio da qual um povo interpreta sua própria existência. Pela sua condição de sagrado, o mito assumiria então o status de inquestionável. E é para esse aspecto que Juan Goytisolo dirige sua atenção – o mito sagrado, intocável, usado como mecanismo legitimador de práticas arbitrárias e excludentes no contexto da sociedade espanhola. A interpretação do mito proposta por Cárcamo (2000) é também fonte de consulta para o desenvolvimento desta pesquisa.

Espera-se que este estudo seja um meio de reflexão e que contribua para que a obra de Juan Goytisolo possa atualizar-se através de novas leituras sobre a dinâmica das relações sociais. Que possa suscitar novos questionamentos sobre a diversidade de culturas, costumes, crenças, valores, além de ensejar um novo olhar a uma realidade que desafia o homem a compreendê-la, respeitá-la e transformá-la e para o qual a linguagem e a literatura poderão, também, contribuir.

1. JUAN GOYTISOLO: AUTOR E OBRA

Pues, ¿qué cosa es el escritor contemporáneo sino un persa anímico, un fantasma salido de las barriadas del eurocentrismo para reclamar la humanidad de los marginados, extender las fronteras de toda carne viviente y de toda mente despierta, más allá de los dogmas proclamados y defendidos por las teocracias industriales, y aun preindustriales, que convierten en bufones o mártires a los escritores que le dan la espalda a los altares de luz neón y prefieren mirar al abismo incendiado o la selva hambrienta o al desierto vacío, proclamando, 'Esta, también, es la tierra humana'? (FUENTES, 1993, p.172).

Neste capítulo temos como objetivo apresentar alguns aspectos da vida e da obra de Juan Goytisolo² bem como a sua visão sobre a Espanha e a história do país.

² A partir desta página sempre que o autor for citado, será usado o sobrenome Goytisolo.

Acreditamos que numa pesquisa dessa natureza seja adequado contextualizar esses aspectos, face às vivências do autor no centro das relações familiares. Observamos que sua experiência de vida se encontra relacionada a fatos históricos nacionais e que o particular e o social se influenciam mutuamente. A obra *Coto vedado* e alguns ensaios de Goytisolo oferecem subsídios que lançam luzes sobre a relação entre autor e obra, autobiografia e ficção e por isso são aqui utilizados.

A narrativa autobiográfica de Juan Goytisolo põe em destaque um tema amplamente trabalhado na literatura de pós-guerra – a Guerra Civil espanhola. Além de *Coto vedado*, o autor apresenta uma extensa produção que inclui ensaios, contos, crônicas, romances e reportagens jornalísticas. A crítica o considera como um dos escritores mais importantes da geração da metade do século XX, aqueles que nasceram entre os anos de 1925 e 1936 e que compartilham ideias semelhantes, especialmente no que se refere aos problemas culturais e sócio-econômicos da população espanhola. O autor se situa, segundo Cachero (2006, p.172), dentro do grupo formado por José Ángel Valente, Ramón José Sender, Max Aub, Carmen Laforet, Miguel Delibes, Juan Benet, Luis Martín Santos, Jaime Gil de Biedma, Carlos Barral, Ignacio Aldecoa, Rafael Sánchez Ferlosio, Jesús Fernández Santos, Juan Marsé, Ana María Matute, Carmen Martín Gaité, para citar alguns escritores.

Um objetivo comum a essa geração foi o de denunciar, por meio da produção literária, as injustiças sociais, centrando-se em temas como a hipocrisia e o egoísmo da classe burguesa, a exploração do proletariado, a Guerra Civil e seus efeitos na sociedade espanhola. Tais temas foram abordados em distintas perspectivas como a infância e a adolescência de quem vivenciou direta ou indiretamente a ditadura franquista - na insegurança e perigo que a antecederam, nos três anos em que o

país viveu os horrores de uma guerra fratricida e no longo período de desmandos, arbitrariedades e perseguições subseqüentes. García López (2006, p.731) reconhece a importância dos autores dessa geração na literatura de pós guerra, e destaca a representatividade do grupo na produção literária e a heterogeneidade de seus membros ocasionada, entre outros fatores, pela sua separação geográfica, ao fazer referência ao exílio de alguns deles, imposto pela sua postura ideológica.

Pelo caráter de denúncia de suas obras, em sua maioria dentro de uma estética realista, vários desses escritores enfrentaram as restrições e a censura em decorrência do regime político que se instalou na Espanha a partir da Guerra Civil. Muitos deles, tais como Jorge Guillén, Rafael Alberti e Alejandro Casona, buscaram no exílio uma alternativa para levar adiante sua vida e sua produção literária. Nesse contexto político se insere Goytisolo cuja produção, iniciada em 1954 com *Juegos de manos*, chega aos dias atuais com uma extensa produção que, na opinião do crítico José Maria Castellet (1976), prima pela busca de uma linguagem renovada e pela preocupação por temas da atualidade.

O gênero autobiográfico também é inovado por Juan Goytisolo em suas obras *Coto vedado* (1985) e *En los reinos de Taifa* (1986) publicadas pela Editora Seix Barral. Em ambas, o relato de suas memórias apresenta a genealogia da família do autor a partir da saga de seus antepassados, em uma narrativa que alterna episódios ocorridos entre Catalunha e Cuba, desde a primeira metade do século XIX até a época em que as registra.

Desde o primeiro parágrafo, que ocupa toda uma página, a crítica aos valores burgueses de sua família e, por extensão, à sociedade catalã, está presente: “[...] mi

padre, en uno de los arrebatos de grandeza que antecedian o preludiaban sus empresas y descalabros, se había forjado un escudo familiar [...]” (GOYTISOLO, 1985, p.9). Essa crítica se estende por toda a narrativa e imprime ao gênero autobiográfico características muito particulares que rompem com os padrões estéticos usualmente utilizados. A respeito dessa obra, assim se expressou Goytisoló (1985) durante a cerimônia de lançamento ocorrida em 30 de janeiro de 1985, em Madri: “ *Coto vedado* es un libro que le debe todo a España y nada a la tradición literaria española [...], un género que no se ha cultivado en este país, [...] y que sí ha tenido numerosos y magníficos ejemplos en las literaturas francesa e inglesa”. Sua afirmação, entretanto, não deve ser tomada em seu sentido literal, já que a literatura espanhola tem registro de vários autores cujas obras são claramente autobiográficas, de que é exemplo a obra *Autobiografía de Blanco White* (1975), cujo prólogo leva a assinatura de Juan Goytisoló.

Talvez a afirmação seja mais adequada se considerarmos que, e esta é uma marca do autor, tanto os fatos de sua vida pessoal quanto aqueles da História coletiva são tratados no mesmo plano. Não há uma gradação de maior a menor importância, já que Juan Goytisoló constroi seu relato entrelaçando na mesma narrativa a sua vida e a sua interpretação da história da Espanha. Nesse sentido talvez seja possível considerar a validade da afirmação no que tange a “un género que no se ha cultivado en este país”.

Chama a atenção o fato de que, ao mencionar seu nascimento, o autor não se preocupe em destacá-lo como elemento importante dentro da narrativa autobiográfica. Pelo contrário, expressa textualmente seu desinteresse: - “Tiempo: la fecha del parto fue el cinco de enero de 1931. Aunque en la partida de bautismo

figura la hora exacta en la que aquél se produjo la has olvidado y no te importa saberla” (GOYTISOLO, 1985, p.42). Por meio desse aparente descaso em relação ao seu nascimento, o autor, de certa forma, adverte o leitor para a importância de outras etapas que seriam marcadas por momentos de extrema gravidade, bem como ilustra seu posicionamento a respeito da identidade, como se aduz de sua declaração na entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo, em 27 de setembro de 2005: “[...] sou contrário às identidades. Os homens não temos raízes, e sim pés. Caminhamos. Nunca busco as minhas origens [...]”.

Mesmo que se trate de uma narrativa de natureza autobiográfica, é possível observar em *Coto vedado* a influência da obra de José María Blanco White, fato publicamente assumido por Goytisolo em várias ocasiões. Como observa Eduardo Subirats (2001), na obra de Goytisolo estão presentes motivos centrais da autobiografia de José María Blanco White, incorporados por Goytisolo. As experimentações levadas a efeito com o gênero, como o agregar , como se fossem suas, informações referentes a outro autor, e o entrelaçar na narrativa de elementos reais e ficcionais exemplificam sua proposta literária, no que diz respeito à busca de uma nova estética. Nesse caso específico, o autor alcança, também, o próprio gênero em questão. *Coto vedado* rompe radicalmente com os padrões de linguagem e questiona, inclusive, os limites entre realidade e ficção:

Cuando leo libros de historia, la seguridad impertérrita con que sus autores establecen lo ocurrido hace milenios me produce una invencible sensación de incredulidad. ¿Cómo es posible reconstituir un pasado remoto si incluso el más reciente aparece semblado de tantas incertidumbres y dudas? La opacidad del destino de una buena parte de mi familia es una perfecta ilustración para mí de la impotencia en descubrir y exhumar al cabo de pocos años la realidad tangible de lo que ha sido (GOYTISOLO, 1985, p.35).

Na realidade, a obra configura-se como um exemplo característico de sua proposta literária no tratamento da linguagem. Ao apresentar sua autobiografia, o autor rompe com a estética predominante nesse tipo de relato, como se verá no desenvolvimento deste estudo.

A estratégia discursiva utilizada por Goytisolo destaca-se como um aspecto interessante em seu processo criativo e, ao longo de sua produção, mantém-se fiel ao intento de buscar novas formas de expressão linguística e de recuperar e atualizar o que considera moderno dentro da literatura espanhola. Resulta interessante observar, em sua obra, a comprovação de uma de suas premissas sobre a tarefa do escritor: a de tomar a literatura como uma aventura, um risco. Goytisolo cita Cervantes como modelo, ao afirmar que cabe à literatura formular perguntas, questionar as propostas e respostas que impedem uma visão real de mundo e, nesse sentido, declara: “Considero que el deber de un intelectual es mostrar aquello que se oculta debajo de la alfombra, lo que esconde debajo” (GOYTISOLO, 2001, p.75).

Em sua produção literária, e também em *Coto vedado*, desenvolve uma visão crítica e contextualizada dos problemas da Espanha em um estilo amargo e às vezes desesperançado, que parte de uma sensação de profundo pessimismo em relação à sociedade espanhola e, de forma especial, aos escritores. O fragmento a seguir, extraído do discurso proferido em 1985, ocasião em que recebeu o prêmio Europalia, parece bem elucidativo desse sentimento:

Mientras España vivió encerrada en si misma y en un proyecto de vida anacrónico, sus escritores se acomodaron a una visión inmovilista y provinciana de las cosas: lenguaje purista, estilo 'correcto', reproducción monótona o exhaustiva de aquellos rasgos o elementos considerados genuinamente castizos. (GOYTISOLO, 1989, p.45).

Esse enfoque se faz recorrente em sua obra, conferindo ao escritor uma marca que o distingue de outros autores, inclusive os de sua geração, que abordaram o mesmo assunto. Desenvolve tal temática fundamentada em autores como Américo Castro, por exemplo, e abarca o estudo de obras que, desde o século XV, destacam de alguma forma o caráter híbrido e as relações de permanente tensão, presentes na formação da cultura espanhola.

Goytisoló (2001) afirma que existe atualmente uma pronunciada tendência de as pessoas se tomarem muito a sério em sua condição de escritores sem, entretanto, observar com cuidado o produto de suas reflexões. Com tal declaração, o autor chama a atenção para a necessidade de uma postura mais criteriosa e crítica na leitura do que ele define como texto literário e produção editorial. A figura do intelectual possibilita ir além da obra produzida para chegar ao plano do político, e discutir questões de poder, de modelos de sociedade. Nesse sentido, vale lembrar Northrop Frye que, em *Anatomia da crítica* (1973), recomenda que se dedique aos estudos literários o mesmo rigor que se dedica às demais ciências.

Coto vedado é uma obra que rompe com a estética tradicional da narrativa autobiográfica, questiona as verdades estabelecidas, expõe de forma clara as dúvidas e indecisões do autor, sem a preocupação de construir ou vender uma imagem de fácil aceitação. A obra descreve a infância de Goytisoló, antes e depois da Guerra Civil, apresenta sua genealogia paterna e materna, cuja descrição não

alcança mais que duas gerações anteriores à sua. Comenta sua orientação sexual e destaca as influências que a experiência no exílio imprimiu tanto à sua vida quanto à sua obra. A leitura de *Coto vedado* oferece, mais que a autobiografia de Goytisolo, uma narrativa que apresenta uma reflexão sobre o sentido da vida e uma reconciliação com o passado. Durante a já mencionada cerimônia de lançamento dessa obra, o crítico literário Rafael Conte (1935-2009) leu uma declaração do jornalista e diretor adjunto de El País (*Madrid* - 31/01/1985), Lluís Bassets, que afirma ser *Coto vedado* uma obra realizada "con mucho amor, con un amor duro y cruel a veces, que exalta lo que denigra. Un libro autobiográfico y valiente, de indagación y búsqueda que asume una mirada crítica, nada resignada de la propia historia personal y colectiva."

Señas de identidad, obra publicada em 1966, anterior, portanto, a *Coto vedado* (usamos como referência a edição de 1976 em nosso estudo) servirá também como suporte literário na elaboração da análise. A escolha dessa obra tomou em consideração, entre outros fatores, a recomendação do autor que, na página 11 de *Coto vedado* declara: "Del efecto que en mí produjo el hallazgo tardío de estos materiales el lector podrá forjarse una idea recorriendo las páginas de *Señas de identidad* [...]. E mais adiante, já na página 110, Goytisolo reafirma o vínculo de complementaridade entre ambas as obras:

No volví a ver la abuela sino una vez, meses más tarde, el día que fui a visitarla con Eulalia al sanatorio de las afueras en donde la cuidaban. La evocación de este melancólico encuentro en *Señas de identidad* me exime del penoso deber de rememorarle ahora en detalle (GOYTISOLO, 1985, p.110).

Observa-se, nas duas citações que *Señas de identidade* mantém uma relação de proximidade ou de complementaridade com *Coto vedado*. Essa comprovação é importante e encontra respaldo na teoria de Philippe Lejeune (2008) como se verá a seguir. A narrativa autobiográfica, gênero a que pertence *Coto vedado* foi, por muito tempo considerada um subgênero dentro da literatura, ocupando um espaço inexpressivo e até mesmo marginal em boa parte da produção literária de muitos escritores. Observa-se, entretanto, que, nas últimas décadas, este gênero adquire certo prestígio e credibilidade, tornando-se elemento importante para a compreensão de um determinado contexto histórico, bem como para a avaliação da própria obra. Contribui também para a discussão de determinadas questões essenciais ao próprio fazer literário - ficção e realidade, autor, narrador, personagem, e toda a problemática do pacto que se estabelece entre autor e leitor.

Lejeune, em sua obra *O pacto autobiográfico* (2008), aponta algumas questões a respeito do gênero autobiográfico, tais como a própria dificuldade de definição, as relações pouco claras entre biografia e autobiografia e, também, entre romance autobiográfico e autobiografia. O autor propõe uma definição centrada na perspectiva do leitor, situada temporalmente nos dois últimos séculos (a partir de 1770) e focada, geograficamente, na literatura europeia. Associa ao aspecto histórico um aspecto textual, complementando sua definição mediante o uso de um sistema de oposição entre os vários tipos de textos. Como o próprio Lejeune afirma, trata-se de uma definição “relativizada e explicitada” (LEJEUNE, 2008, p.13).

Lejeune define a autobiografia como a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). Para este autor ,

tanto quanto o discurso histórico e científico, a biografia e a autobiografia são textos referenciais, já que buscam apresentar informações sobre uma realidade exterior a si mesma.

Ao considerar as ambiguidades geradas pela semelhança e proximidade dos termos acima citados, Lejeune alerta para o fato de que só se considerará como autobiografia a obra que preencher todas as condições intrínsecas à definição: apresentar uma linguagem narrativa em prosa desenvolvida em perspectiva retrospectiva; abordar como tema a vida individual ou a história de uma personalidade; deixar clara a coincidência entre a identidade do autor, do narrador e da personagem principal do relato, cujo nome deve remeter a uma pessoa real.

Esta última condição gera alguns problemas no que se refere à forma como se expressa a identidade no texto. Embora a identidade de uma autobiografia seja caracterizada pelo emprego da narrativa em primeira pessoa, existem casos, embora raros, de relatos em terceira pessoa ou até mesmo em segunda pessoa. Este seria o caso da obra em análise – *Coto vedado* -, que alterna a primeira e a segunda pessoa e, com menor incidência, também a terceira pessoa. Lejeune (2008) também observa que na comunicação oral podem surgir complicações quanto à questão da identidade e exemplifica as ocorrências de citações dentro de um determinado discurso, tais como a representação teatral, a conversa por telefone, ou uma transmissão radiofônica e, ainda, a situação em que os falantes não têm contacto visual.

Destaca ainda que, ao contrário da autobiografia, o romance autobiográfico congrega tanto as narrações pessoais, onde ocorre a identidade entre o narrador e a

personagem, quanto às impessoais (personagens indicadas pelo uso de pronomes de terceira pessoa). Enquanto na autobiografia não ocorrem gradações – ou é, ou não é – o romance autobiográfico as admite. Novamente o autor ressalta a relevância do nome próprio, ou seja, todos os procedimentos empregados na construção de uma autobiografia podem ser usados no romance autobiográfico, mas, ao colocar o seu nome no frontispício do livro, o autor oferece um critério extra textual que define a sua identidade. Nesse momento se estabelece o pacto autobiográfico. No que se refere ao romance autobiográfico Lejeune esclarece:

Chamo assim todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la. Assim, definido, o romance autobiográfico engloba tanto narrativas em primeira pessoa (identidade do narrador e do personagem) quanto narrativas 'impessoais' (personagens designados em terceira pessoa); ele se define por seu conteúdo. A 'semelhança' suposta pelo leitor pode variar de um vago 'ar de família' entre o personagem e o autor até uma quase transparência que leva a dizer que aquele é o autor 'cuspido e escarrado' [...] Já a autobiografia não comporta graus: é tudo ou nada (LEJEUNE, 2008, p.25).

A narrativa autobiográfica pode representar também uma aspiração do autor a configurar um sentido para a sua própria vida, ao eleger os fatos e trabalhá-los com vistas a formar um texto coerente. Esse tipo de relato, no entanto, apresenta um conflito latente - o autor/narrador fala de um eu passado que pretende ser a representação desse tempo passado, mas que é, na verdade, a imagem presente desse mesmo passado. O que resulta, com maior evidência, é o fato de que o leitor pode se questionar sobre as semelhanças, mas não sobre a identidade.

Lejeune (2008) utiliza o conceito de "pacto autobiográfico", que será retomado adiante, para demarcar os limites entre a autobiografia e a ficção. Para esse teórico

francês, o romance autobiográfico mescla ficção e realidade, apresenta certa relação de semelhança entre autor, narrador e personagem; descreve episódios e situa-os em espaços comuns às experiências de vida do autor. O argumento de Lejeune, entendemos, amolda-se com justeza ao que afirma Juan Goytisolo em sua declaração sobre a obra *Señas de Identidad*, e também esclarece a ambiguidade gerada tanto pelas coincidências entre *Señas de identidad* e *Coto vedado*, quanto pela proximidade entre os termos narrativa autobiográfica e romance autobiográfico.

Tomemos suas palavras:

[...] para juzgar *Señas de identidad* no hay que tener en cuenta los elementos que la componen sino el tratamiento que doy a esos elementos[...] el elemento esencial de la novela consiste en el tratamiento que doy a una serie de materiales, que son a veces materiales literarios, otras veces materiales reales, simples elementos que tomados en la vida real[...] hay algunos aspectos autobiográficos en el personaje de Álvaro. He volcado en él una serie de vivencias personales y ello por una razón muy sencilla: y es que yo creo que el escritor debe escribir siempre sobre lo que conoce y evitar lo demás. La mejor forma para mí era situar a Álvaro en ambientes y lugares que yo conozco personalmente. Dicho esto no existe ninguna identificación de mi persona con el personaje de Álvaro; creo que somos muy distintos. (Entrevista a Emir Rodríguez Monegal publicada em *El arte de narrar*. Monte Ávila, Caracas, 1968).

Em síntese, Lejeune alerta para o fato de que o tema fundamental na autobiografia é o nome próprio. É este que dá autenticidade e credibilidade ao relato; é o ponto onde a pessoa e o discurso se entrelaçam, antes mesmo de se fundirem na primeira pessoa; é por meio dele, enfim, que se estabelece o pacto autobiográfico entre escritor e leitor. Vale lembrar que a definição apresentada por Lejeune se configura a partir da perspectiva do leitor. Não por acaso ele cita Benveniste (LEJEUNE, 2008, p.21), quando trata do sujeito da enunciação e do enunciado. E considerando que a narrativa pressupõe sempre um passado, o distanciamento entre o vivido e o

narrado pode instaurar, em maior ou menor grau, a ficção. Caberá sempre ao leitor cumprir com sua parte no pacto estabelecido. Ou não.

Em *Meditaciones del Quijote*, Ortega y Gasset (1966, p.13) afirma: “yo soy yo y mi circunstancia”. É possível, a partir dessa afirmação, refletir sobre a vida de Juan Goytisolo e as circunstâncias da história espanhola. Ambos, de forma muito intensa, sofreram recíproca influência. É possível, também, lembrar alguns aspectos que se supõem relevantes para entender os rumos que definiram o curso da história, da vida do escritor e de seu país. Com esse objetivo, passamos à análise do contexto histórico espanhol.

1.1. O CONTEXTO HISTÓRICO ESPANHOL

Deveríamos criar uma relação entre as pessoas, da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância.

José Saramago

O tema Espanha e a preocupação pelo passado desse país tornaram-se recorrentes na literatura espanhola, principalmente a partir da produção dos escritores da Geração de 98, grupo que tem como característica básica o fato de compartilharem ideais e preocupações semelhantes. Em um momento muito particular da história do

país, esse grupo, sentindo-se atingido pela perda das últimas colônias e pela crise gerada pelo fim do Império, buscou respostas às suas inquietudes por meio do resgate daquilo que considerava a essência nacional espanhola.

Esses escritores desenvolveram uma reflexão sobre a sociedade a partir de uma atitude de denúncia dos problemas sociais e culturais e apresentavam como temática básica a definição da identidade espanhola. A grande pergunta que tentaram responder Miguel de Unamuno, José Martínez Ruiz – Azorín, Ramiro de Maeztu, Antonio Machado, Ramón del Valle-Inclán e Pío Baroja, entre outros, foi “O que é a Espanha?” Problematizando o tema, enaltecendo a paisagem nacional, refletindo sobre as glórias e o passado da Espanha, em contraste com a situação do momento e em comparação com outros países europeus, esses escritores manifestaram sua angústia vital, que se vê expressa, por exemplo, na frase de Miguel de Unamuno: “Me duele España...” (UNAMUNO, 1964, p.92). Tal atitude muitas vezes perpetuava um estado de pessimismo que, segundo Gonzalo Navajas, “[...] se remonta hasta la picaresca y alcanza hasta nuestro siglo” (NAVAJAS, 1979, p.27).

As questões da decadência, da falta de modernização do país, da urgência de desenvolvimento econômico e cultural começam então a receber maior atenção, e o olhar crítico de alguns escritores tais como Américo Castro, José Ortega y Gasset, entre outros, trará à tona questões fundamentais para a compreensão do contexto histórico espanhol. A tese de Américo Castro, apresentada em *España en su historia* (1948), coloca em discussão a formação da identidade espanhola. Com preocupação semelhante, Ortega y Gasset analisa em *España invertebrada* (1921) as origens ou causas que nortearam os rumos na definição da sociedade espanhola

enquanto tal. Tais teorias, e de forma predominante a de Américo Castro, exerceram forte influência na formação crítica de Goytisolo, inclusive em seu próprio amadurecimento literário, como se comentará adiante.

Goytisolo retoma o tema Espanha e o estende sua análise: critica a falta de liberdade, a intolerância, as injustiças, a hipocrisia dos falsos valores burgueses, bem como a atrofia cultural, aspectos que ele considera como determinantes na formação da sociedade de seu país. A esse respeito, as obras, já citadas, de Américo Castro e de Ortega y Gasset oferecem uma reflexão que fundamenta a crítica de Goytisolo.

Em *España en su historia* (1948) Américo Castro apresenta uma visão histórica e crítica da Espanha durante o longo período em que o país foi ponto de encontro e espaço de convivência de três culturas monoteístas – cristãos, muçulmanos e judeus. Segundo o autor, a dinâmica das relações sociais que se estabeleceram nesse “crisol” (aqui considerado em seu sentido figurado de lugar onde convivem e interagem diversas culturas, nacionalidades e ideias), antes da Reconquista em 1492, foi determinante para a cultura espanhola: “[...] no perder de vista su dimensión temporal. Contemplando el pasado [...] para que nazcan y se enraícen nuevas costumbres, decisivas para la situación y el modo de ser del hoy en que nos hallamos incluso” (CASTRO, 1948, p 49).

É ainda Américo Castro quem aponta exatamente o aspecto que outros historiadores omitem – os componentes judeus e árabes na formação da identidade espanhola em oposição à essência espanhola cristã, dita de “sangue puro”. Também acredita que a identidade cultural de sua terra se consolida no convívio entre as três

castas e religiões – cristã, judaica e muçulmana, e não na busca de um código mítico de “espanholidade” cuja essência remontaria a um passado atemporal.

Goytisolo se identifica com essa visão e, tal como Castro, acredita que é fundamental conhecer o passado para ser capaz de propor uma nova tradição crítica. Observa que ainda existe resistência em relação a determinados temas, tais como o reconhecimento do caráter “mudéjar” de parte da produção literária espanhola, a negação das condições adversas e ameaçadoras a que foram submetidos os cristãos conversos e, ainda, a negação do tema do erotismo na literatura. A esse respeito o autor afirma:

Sí, España es diferente, aunque nuestros europeístas a ultranza lo nieguen y los historiadores tradicionales hayan destacado en exclusiva sus elementos gótico-romanos a expensas de los árabes y judíos. ¿Quién puede negar hoy el papel primordial de los conversos o de sus descendientes más o menos cristianizados en este Siglo de Oro que Américo Castro llamó con acierto Edad Conflictiva a causa de su desgarramiento interno y luchas intercastizas? (GOYTISOLO, 1995, p.273).

Por outro lado, a teoria apresentada por Ortega y Gasset em *España invertebrada* (1921) parte da ideia de que uma nação é um projeto de vida em comum e, dessa forma, as pessoas não convivem apenas para estar juntos e sim para fazer algo em conjunto. Para ele, aí reside o problema da Espanha, ou seja, na dificuldade do povo espanhol em unir-se em torno de um projeto comum. Ortega utiliza o conceito de particularismo para interpretar as relações que determinaram o funcionamento da sociedade espanhola. Para ele o particularismo apresenta-se sempre como um

fenômeno em que cada grupo deixa de se perceber como parte de um todo e, por isso, passa a negar ou subestimar os demais. Nesse aspecto, coincidem a teoria de Ortega y Gasset e a visão de Goytisolo sobre a Espanha e sua história.

Mesmo em situações conflitantes, a presença do “outro”, do diferente, deve ser reconhecida. No entanto, pelo particularismo, essa diferença é ignorada e o poder político passa a ser exercido de forma arbitrária. Esse uso do poder de forma totalitária, isto é, a imposição de um grupo sobre os demais sem considerar suas peculiaridades, crenças, valores, desejos, necessidades e interesses é denominado por Ortega de “ação direta”. Nela, o grupo dominante - no caso espanhol há de se lembrar que por dominante se entende a casta dos cristãos - considera que as demais classes não possuem o direito de existir e as vê como parasitas, isto é, anti-sociais. A ação direta é, portanto, uma estratégia que surge do particularismo, ou seja, do não querer contar com os demais grupos que formam parte da sociedade e que, em razão desse fato, se tornam excluídos. A teoria de Ortega y Gasset explica a dinâmica das relações sociais que durante anos vigorou na Espanha.

Dessa forma, a sociedade espanhola ignorou sistematicamente os demais grupos, recusando-se a incorporá-los e tornou-se, segundo as palavras de Ortega y Gasset (1966), um organismo invertebrado, isto é, incapaz de articular um projeto comum que irá refletir-se no atraso cultural e no marasmo intelectual. Ao referir-se aos espanhóis, Ortega y Gasset afirma: “[...] Y he observado que, por lo menos, a nosotros los españoles nos es más fácil enardernos por un dogma moral que abrir nuestro pecho a las exigencias de la veracidad” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p.39).

Pela citação anterior podemos observar que, com distintos enfoques, Américo Castro e Ortega y Gasset se aproximam em suas preocupações – a recusa da Espanha em aceitar como parte de sua história a presença de árabes e judeus e a negação do diferente. Juan Goytisolo, ao contrário de outros escritores, assume o passado espanhol não como algo vergonhoso e depreciativo, mas como um diferencial no contexto cultural europeu:

El tradicional complejo de inferioridad tocante a nuestro retraso y las causas que lo engendraron han perdido su razón de ser. En la Europa en la que España se ha integrado, nuestra diferencia no ha de ser ya motivo de crispación, y un recordatorio molesto: la huella judeo-musulmana de la península, manifiesta aún en todos los campos del arte y la literatura, es al contrario la expresión de una riqueza y originalidad de la que todos deberíamos enorgullercernos (GOYTISOLO, 1995, p. 275).

A Espanha, talvez mais que qualquer outro país europeu, foi palco de muita instabilidade política, como atestam os historiadores e analistas políticos. Economicamente atrasada e politicamente desarticulada, a nação enfrentou, em curto espaço de tempo, uma Primeira República, golpe de estado, Segunda República, guerra civil, várias constituições, sendo que as tentativas de mudança não conseguiram minimizar as desigualdades econômicas e sociais existentes. O processo de industrialização se desenvolveu de forma muito lenta e a agricultura, em poder dos grandes latifundiários, reafirma a estrutura arcaica e conservadora dos séculos anteriores. Mesmo registrando-se uma melhoria do nível de vida e uma maior integração com os demais países da Europa no primeiro terço do século XX, manteve-se a instabilidade política.

A Guerra Civil espanhola, deflagrada em 18 de julho de 1936, marca os primeiros anos da infância de Juan Goytisolo. Esse confronto entre as forças nacionalistas de direita que pretendiam um golpe de Estado e os partidários da esquerda republicana durou até abril de 1939 e deixou um saldo trágico de cerca de quinhentos mil mortos, quinhentos mil exilados e mais de um milhão de mutilados. A guerra ganhou destaque na mídia internacional em decorrência das atrocidades cometidas por ambas as partes. Os conflitos culminaram com a vitória dos direitistas chefiados pelo general Francisco Franco, ditador que impôs ao país uma repressão que perdurou até 1975, ano de sua morte.

As primeiras memórias narradas por Goytisolo, relacionadas à Guerra Civil, não revelam ainda o trauma que o acompanharia durante sua vida e permearia sua obra. O autor afirma que, inicialmente, tanto a Guerra Civil quanto as suas consequências não repercutiram de forma direta em sua consciência, fato que pode estar relacionado à sua pouca idade. Comenta que sua família se encontrava, de certa forma, à margem dos conflitos e adotava uma postura neutra: “La pequeña colonia de burgueses de Barcelona acomodada en Viladrau vivía provisionalmente al margen del conflicto y mantenía de puertas afuera una actitud de prudente neutralidad” (GOYTISOLO, 1985, p.60). As sequelas emocionais surgiram logo depois, detonadas pela perda de sua mãe, cuja morte o afetou profundamente e marcou para sempre sua vida. Seu registro destaca, em *Coto vedado*, um sofrimento que adquire maior significação na idade adulta, extrapola o caráter afetivo e alcança a dimensão política:

Como ocurrió su muerte, en qué lugar exacto cayó, adónde fue trasladada, en qué momento y circunstancias la reconocieron sus padres es algo que no he sabido nunca ni sabré jamás. La desconocida que desaparecía de

golpe de mi vida, lo hizo de forma discreta, lejos de nosotros, como para amortiguar con delicadeza el efecto que inevitablemente ocasionaría su marcha, pero adensando al mismo tiempo la oscuridad que en lo futuro la envolvería y haría de ella una extraña: objeto de cabalas y conjeturas, explicaciones incompletas, hipótesis dudosas, indemostrables. Había ido de compras al centro de la ciudad y allí la pilló la llegada de los aviones, cerca del cruce de la Gran Vía con el Paseo de Gracia. Una extraña también para quienes, pasada la alerta, recogieron del suelo a aquella mujer ya eternamente joven en la memoria de cuantos la conocieron, la señora que, con abrigo, sombrero, zapatos de tacón se aferraba al bolso en el que guardaba los regalos destinados a sus hijos [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 62-63).

As memórias da criança de sete anos, recuperadas pelo adulto, trazem à luz este relato que ilustra o peso da tragédia que atingiu sua família na manhã de dezessete de março de 1938 e fruto do conflito político que serve de pano de fundo e de eixo narrativo a *Coto vedado*. Uma descrição detalhada da angústia da espera por notícias, o sentimento de culpa por não ter impedido que a mãe saísse naquele dia e a confirmação de sua morte, bem como a fragilização que sua família enfrentaria a partir deste e de outros fatos posteriores estarão presentes nas recordações de sua infância e, conseqüentemente, marcarão sua obra.

Anos mais tarde seu processo de politização e de maturidade o leva a uma reflexão sobre a real dimensão das conseqüências da guerra em sua vida: “[...] *la querencia relativa a tu madre se había eclipsado con ella, puedes decir que, en estricto rigor, más que hijo suyo, de la desconocida que es y será para ti, lo eres de la guerra civil, su mesianismo, crueldad. Su saña...* [...]” (GOYTISOLO, 1985, p.66).

Com o desejo e a necessidade de afastar-se definitivamente do país, Juan Goytisolo, aos 22 anos, viaja pela primeira vez a Paris de onde observa atentamente a inércia que parece acometer a sociedade espanhola, ao mesmo tempo em que se deleita com novos horizontes literários proporcionados pela experiência do exílio:

El deslumbramiento ante París, inevitable en las circunstancias en la que me hallaba,[...]. [e]l ansia de ponerme al día, de ver, leer, realizar cuanto no era posible en España [...].Descubría a la vez a Beckett y los impresionistas, a Genet y Prévert, a Schönberg y las primeras obras de Ionesco. Nunca me había sentido tan feliz como durante aquellas semanas en las que, con el estómago vacío y la cabeza llena de proyectos, caminaba durante horas para domesticar la ciudad (GOYTISOLO, 1985, p.211-212).

Os fatos que foram determinantes no amadurecimento literário de Goytisolo são questões que emergem de forma bem clara quando se considera sua trajetória política, próxima etapa deste estudo, como se verá a seguir.

1.2. A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO AUTOR

Solo es posible avanzar cuando se mira lejos. Solo cabe progresar cuando se piensa en grande.

Ortega y Gasset

A situação atípica de ser estrangeiro em seu próprio país marca a vida de Goytisolo que tem abordado, reiteradamente, esse tema, como no fragmento seguinte:

Castellano en Cataluña, afrancesado en España, español en Francia, latino en Norteamérica, nesrani en Marruecos y moro en todas partes, no tardaría en volverme a consecuencia de mi nomadeo y viajes en ese raro espécimen de escritor no reivindicado por nadie, ajeno y reacio a agrupaciones y categorías. El conflicto familiar entre dos culturas fue el primer indicativo, pienso ahora, de un proceso futuro de rupturas y tensiones dinámicas que me pondría extramuros de ideologías, sistemas o entidades abstractas caracterizados siempre por su autosuficiencia y circularidad (GOYTISOLO, 1985, p.38).

Com essa definição de Goytisolo, pode-se exemplificar, em parte, o que tem sido sua trajetória política desde a decisão de exilar-se até os dias atuais. Atento à responsabilidade do escritor em um mundo onde quanto mais se massifica mais se acentuam as diferenças, o autor faz de sua obra um veículo de denúncia social. Assume os riscos e consequências de seu posicionamento político e ideológico e critica a falta de liberdade, as guerras, as tragédias nucleares, as políticas europeias com respeito à imigração; critica, enfim, a violência do mundo moderno. Em suas palavras: “Abolidas las formas exteriores y más visibles del colonialismo de nuestros padres y abuelos,[...] bajo nuevos disfraces y fórmulas, el saqueo, destrucción y exterminio continúan” (GOYTISOLO, 1978, p.110).

Sobre a decisão de exilar-se, assim se expressa: “[...] mi exilio nunca fue enteramente voluntario. Si España hubiese conocido un régimen distinto del que ha sufrido desde 1939 y me hubiera sido posible escribir y actuar libremente, nunca me habría ido del país (GOYTISOLO,1979, p. 133). Essa declaração ratifica o argumento da impossibilidade de conciliação entre a Espanha tradicional e a progressista (NAVAJAS, 1979, p.31), o que influenciou na decisão de recorrer ao exílio, ainda que a contragosto. Por outra parte, sinaliza a possibilidade de reconciliação com seu passado, como se poderá observar na análise de *Coto vedado*.

Sua condição de filho de uma família oriunda da classe burguesa de Barcelona, inclusive bem situada economicamente, não produziu em sua formação efeitos de alienação e aburguesamento. Escritor com profundo conhecimento da história espanhola, Juan Goytisolo dedica-se à literatura com a convicção de que, por meio dela, pode contribuir para a construção de um diálogo em que as diferenças sejam

respeitadas e a dignidade humana esteja acima de questões étnicas, religiosas e geográficas.

Sua militância surge com a maturidade e sua produção literária, iniciada na década de 1950 e situada inicialmente na corrente do realismo social - como a maioria dos escritores desse período -, tem um forte conteúdo de crítica sócio-política. Sua crítica torna-se mais ampla e atinge questões cada vez mais atuais: “Ser tercermundista significa hoy denunciar la hipocresía e injusticia de dicha postura, recordar [...] que los países subdesarrollados tienen el mismo derecho a disponer de sus bienes que nosotros de los nuestros” [...] (GOYTISOLO, 1978, p.110).

A partir de 1956, com o exílio, sua trajetória política toma novos rumos, como afirma: “Si vine a París lo hice no sólo por huir del régimen franquista y su vida intelectual miserable, sino también buscando el contacto con una sociedad mucho más viva y abierta que la nuestra” (GOYTISOLO, 1986, p.29). A convivência com intelectuais franceses como Sartre, Simone de Beauvoir, Jean Genette, entre outros, franqueia-lhe a oportunidade de um convívio intelectual e cultural importantes para um escritor que buscava algo mais que uma simples repetição de modelos pré-estabelecidos, o que na Espanha não era possível naquele momento.

De sua permanência em Paris, registra-se seu trabalho como assessor literário da editora Gallimard, seu casamento com Monique Lange e o reconhecimento internacional. Posteriormente, destaca-se como professor de literatura nas universidades da Califórnia, Boston e Nova York de 1969 a 1975. Tem início, também em Paris, sua militância antifranquista. Começa, então, a contatar e aglutinar outros exilados e a promover encontros para debater a situação política do

país e as estratégias que poderiam adotar para denunciar o que estava ocorrendo. Foi, por isso, acusado de antipatriótico e, por duas vezes, declarado *persona non grata* na Espanha (GOYTISOLO, 2001, p.32). Por vários anos suas obras foram censuradas razão pela qual muitas delas foram publicadas inicialmente em outros idiomas e só posteriormente traduzidas para o espanhol.

Ainda na Espanha, em sua juventude e por insistência de seu pai, iniciou os estudos na faculdade de Direito de Barcelona, pensando em dedicar-se à carreira diplomática. Entretanto, abandonou o curso algum tempo depois e se dedicou ao trabalho de escritor. De sua vida escolar, comenta, em *Coto vedado*, algumas experiências que, mais que memórias, são uma avaliação crítica do sistema educacional espanhol:

Mi experiencia lamentable de los años de colegio se repetía así en la universidad: sin maestros ni orientadores, a menudo sin los libros que desesperadamente necesitaba – inaccesibles a causa de la censura o mi ignorancia cruel de otros idiomas –, mi educación intelectual y moral iba a realizarse de modo aleatorio y a trompicones, a la merced de encuentros, lecturas, conversaciones llevadas a cabo fuera de las aulas (GOYTISOLO, 1985, p.145).

A qualidade do ensino superior não diferia da mediocridade existente no ensino colegial. A falta de bons professores e a dificuldade de acesso a bons autores, tanto em função da censura quanto pelo seu desconhecimento de outros idiomas, dificultavam-lhe uma formação mais eclética. Goytisoló avalia que sua formação intelectual ocorreu de forma aleatória e solitária, guiada tão somente pelas possibilidades fortuitas de vivências extraclasses. Somente com o exílio alcança os meios para romper com tais limitações e revisar os valores e normas que lhe foram transmitidos.

Na década de sessenta, quando de sua militância política marxista, o autor esteve em Cuba algumas vezes, chegando inclusive a escrever em 1963 um artigo em homenagem à revolução cubana, intitulado “Pueblo en marcha.” Na obra demonstra esperança na doutrina marxista como alternativa para uma sociedade mais justa e livre, como se pode ver na citação:

La lucha victoriosa de un puñado de hombres contra la supuesta inercia de los pueblos hispanos y su tradicional fatalismo constituía a tus ojos la prueba irrefutable de que las cosas podían variar radicalmente en tu país a condición de conjugar imaginación y denuedo con voluntad y espíritu de sacrificio (GOYTISOLO, 1986, p.62).

A experiência com o marxismo, porém, não respondeu aos seus anseios de justiça, respeito e tolerância. Decepcionado, observou durante sua permanência em Cuba, que a revolução não assegurara a igualdade, a liberdade de expressão e o respeito à dignidade humana. Da mesma forma que em outros países com outros regimes, permaneciam as ameaças, perseguições e desmandos. Seu senso crítico o levou a distanciar-se dessa doutrina, mas confessa seu apreço por Marx: “A mediados de los sesenta me alejé sin rencor de mis compañeros marxistas, pero Marx sigue siendo uno de mis autores de referencia” (GOYTISOLO, 2001, p.32). Em *Coto vedado* Goytisoló registra as distintas fases de sua vivência política: “*Imbuído de toscos, pero vivificantes principios marxistas – hostil a los valores reaccionarios de tu clase – empezaste a enfocar los sucesos que viviste marginalmente de niño desde una perspectiva muy diferente*” (GOYTISOLO, 1985, p. 65). E mais adiante, na mesma obra à página 195: “En aquella primavera del cincuenta y tres, la mayor novedad intelectual para mí consistía en el doble descubrimiento de la política y el objetivismo narrativo defendido por Castellet”.

A desilusão, pois, com o Partido Comunista veio finalmente com as experiências em Cuba. O autor comenta:

[...] Si los amigos o conocidos con quienes trataba en los años en que fui compañero de viaje del partido me hubieran impuesto la participación en tales actos y asambleas rituales estoy seguro de que mi colaboración [...] no habría durado mucho tiempo" (GOYTISOLO, 1985, p.211).

Esse amadurecimento que se reflete nessa obra pode ser observado também em seus ensaios, entrevistas e obras ficcionais. Um exemplo da consciência política do autor refletida em sua obra ficcional pode ser encontrado em *Señas de Identidad* (1966), onde, pela boca da personagem Álvaro, Goytisolo comenta:

Así hablaban de ti, al divulgarse el incidente del documental, en cafés y tertulias, reuniones y veladas, los hombres y mujeres satisfechos que un decreto irrisorio del destino te había otorgado, al nacer, como paisanos, borrosos amigos de infancia, inocuos compañeros de estudio, parientas de mirada frígida y torva, familiares virtuosos y tristes, encastillados todos en sus inexpugnables privilegios de clase, miembros conspicuos y bien pensantes de un mundo otoñal y caduco que te habían dado, sin solicitar tu permiso, con religión, moral y leyes hechas a su medida: orden promiscuo y huero del que habías intentado escapar, confiando que, por misteriosos imponderables, no se había producido y, al cabo de largos años de destierro, estabas de nuevo allí, en el doliente y entrañable paisaje de tu juventud, privado hasta del amargo consuelo del alcohol (GOYTISOLO, 1966, p.12-13).

Observa-se neste fragmento uma visão amarga e desesperançada com relação a qualquer possibilidade de mudança e a certeza de que definitivamente já não lhe cabe mais lugar dentro daquela sociedade. Nem mesmo a companhia e o efeito do álcool tornariam possível sua permanência. A personagem, tal como a sociedade, está doente. Se a personagem padece do coração (recupera-se de um ataque cardíaco), a sociedade, por sua vez, sofre da alma. Vive uma vida sem sentido e mais se assemelha a uma paisagem congelada no tempo.

Essa trajetória, plena de vivências, e uma extensa produção literária foram determinantes para que o autor alcançasse a projeção que a crítica lhe confere e o respeito do mundo acadêmico em geral. Como reconhecimento pelo seu mérito recebeu os seguintes prêmios: *Europalia* de Literatura em Bruxelas (1985); *Nelly-Sachs* em Dortmund, Alemanha (1993); *Mediterráneo* (1994); prêmio *Rachid Mimumi* de Paris, por *Tolerancia y la libertad* (1995); Membro honorário da *Unión de Escritores de Marruecos* (2001); *V Premio Octavio Paz de Poesía y Ensayo* (2002); *Premio Juan Rulfo de Literatura Latinoamericana y Del Caribe*; *Juan Rulfo de Literatura* (2004); *Premio a Mejor Trayectoria Literaria de Autor Ibero americano*; *Junta de Extremadura* (2005); *Premio Nelly Sachs, Alemania* (2002); *Premio Nacional de las Letras Españolas* (2008), concedido pelo Ministério de Cultura de Madri, de acordo com as informações disponíveis na biblioteca digital da página www.cervantes.es. Em abril de 2007, foi homenageado pelo Instituto Cervantes de Tanger que deu à biblioteca daquela cidade o nome de Biblioteca Juan Goytisolo e, recentemente, por influência sua, a UNESCO designou como Patrimônio da Humanidade a Praça Jamaa el fna (Marrocos) que mantém a tradição da literatura oral.

Desde o falecimento de sua esposa, em 1996, o autor fixou residência em Marrocos, de onde escreve com regularidade para a imprensa, mantendo o foco de sua crítica nas culturas espanhola e ocidental e na maneira preconceituosa e depreciativa como esta constroi e divulga a visão que tem da civilização oriental. É considerado pela crítica como um dos intelectuais mais influentes da atualidade e é figura icônica no mundo literário.

Em entrevista concedida a Javier Rodríguez Marcos, publicada em El País em 25/11/2008 o autor declarou: “[...] No me presento a ningún premio, no me produce la menor emoción. No soy ni grosero ni descortés. Pero no me considero un bien nacional, me horroriza todo nacionalismo. Cuando me dan un premio dudo de mí mismo [...]”. Observa-se em sua declaração mais que um desinteresse em relação a honrarias e premiações. Vê-se, ali, a seriedade e o compromisso com seu labor literário e a noção de que mais importante do que se tornar conhecido é conhecer a si mesmo.

O reconhecimento alcançado, inicialmente em outros países e mais tarde dentro da Espanha, vem portanto, como resultado de seu esforço e de um árduo caminho percorrido. Com vistas a uma interação mais significativa com a obra de Goytisolo, serão destacados, a seguir, alguns aspectos importantes de seu processo de criação literária.

1.3. GOYTISOLO E O PROCESSO CRIATIVO

Contra el silencio y el bullicio invento la Palabra, libertad que se inventa y me inventa cada día.

Octavio Paz

O projeto literário de Goytisolo parte do questionamento da identidade espanhola e propõe uma renovação através do conhecimento e da ruptura da tradição. O autor critica os cânones vigentes pois acredita que o processo criativo não deve submeter-se a regras ou padrões pré-determinados, o que comprometeria a própria natureza

da obra literária. Uma leitura atenta de suas obras permite identificar um dos aspectos centrais de seu projeto literário essa preocupação permanente em questionar a legitimidade dos cânones e os valores que constituem a entidade denominada Espanha. Identifica, também, a existência de uma História feita sob medida para aquele país.

Vários estudiosos da obra de Goytisolo propõem distintas etapas em seu processo criativo. Será adotada nesta pesquisa a divisão proposta por Gonzalo Navajas em *La novela de Juan Goytisolo* (NAVAJAS, 1979, p.13 -14). Assim, a primeira fase de sua obra “Primera crítica de España” (NAVAJAS, 1979, p.13) abarca sua produção de 1949 a 1958 e compreende as obras: *Juegos de manos*, *Duelo en el paraíso*, *El circo*, *Fiestas*, e *La resaca*. Caracterizam-se pela atenção dada mais ao conteúdo que à forma, o que as insere na narrativa realista e, mesmo presente a crítica à sociedade espanhola, esta se manifesta de forma subjetiva, permeada por questionamentos pessoais ligados à infância e à adolescência do autor.

À segunda etapa de sua produção, denominada “Testimonio de España”, correspondem as obras escritas entre 1958 e 1962, a saber: *Problemas de la novela*, *Campos de Níjar*, *Para vivir aquí*, *La isla*, *Fin de fiesta*, *La Chanca*, *Pueblo en marcha*. Existe nelas uma crítica mais objetiva da realidade do país e sua análise se centra na visão da Espanha dividida em classes sociais antagônicas claramente definidas: a burguesia dominante e a classe operária, o proletariado e os camponeses aliados e excluídos. Nessa fase sua obra revela a influência do marxismo. Segundo Navajas, Goytisolo: “[...] elige el marxismo por dos razones: es el modo más adecuado para explicar e interpretar la realidad española y [...] el más

adecuado para transformarla.[...] significa justicia y sentido común” (NAVAJAS, 1979, p.99).

O posicionamento ideológico a favor do socialismo motivou sua aproximação com Cuba e, de certa forma, deu-lhe a oportunidade de uma reparação moral, já que condenava veementemente o modo como, no passado, sua família paterna enriquecera naquele país. Mas a simpatia que cultivara pela doutrina marxista se desfez e sua crítica posterior alcançaria também o malogro da revolução socialista, lançando-o de vez em uma atitude de total descrença e pessimismo.

De acordo com a conceituação de Navajas (1979, p.14), na terceira fase de seu processo criativo – Demitificación de España - o autor rompe radicalmente com as técnicas narrativas tradicionais ao buscar, pelo experimentalismo, novas formas de expressão. Pertence a esse período a sua produção realizada a partir de 1962, destacando-se *Señas de identidad* (1966), *Reivindicación del conde don Julián* (1970), *Juan sin Tierra* (1975), *Makbara* (1980), *Paisajes después de la batalla*(1985), *Coto vedado* (1985), *En los reinos de taifa* (1986), *Las virtudes del pájaro solitario* (1988), *La saga de los Marx*(1993), *Las semanas del jardín. Un círculo de Lectores* (1997).

Goytisolo associa, em sua produção literária, a discussão sobre a alteridade à crítica ao eurocentrismo e à crença na superioridade da cultura ocidental. O autor mostra como, historicamente, na cultura ocidental a figura do “outro” - principalmente do árabe - tem sido sempre associada a aspectos negativos. Exemplos dessa constatação são discutidos em *España y los españoles* (2002) ensaios de conteúdo crítico, histórico e político, onde analisa o que considera falacioso na história da

Espanha: “[...] Para explicar la presencia en España del invasor musulmán es preciso haber ofendido al cielo, y eso por lo que el hombre tiene de más vil, según la óptica de los doctores de la Iglesia: el sexo... El árabe representa para el español el castigo impuesto a su falta” (GOYTISOLO, 2002,p.48-49).

Esta temática será recorrente em Juan Goytisolo, que parte de uma visão inicialmente otimista para, em seguida, aprofundar-se tanto em sua compreensão do problema quanto na exacerbação de sua crítica. Assim, serão mencionados, além dos judeus e árabes, que ele reconhece e defende como formadores da cultura espanhola, todos os outros grupos que, ao longo da História do Ocidente têm sido penalizados por uma exclusão que lhes é imposta. Desde categorias de etnia e gênero em que o autor aborda a questão dos ciganos, palestinos, negros, croatas, homossexuais, até, de forma geral, todos aqueles que são perseguidos e vilipendiados por uma alteridade fabricada, que tem papéis sociais pré-definidos e circunscritos em um contexto periférico e marginalizado social e culturalmente:

La Europa a la que pertenezco y de la que me siento hijo no olvida las palabras de nuestro poeta: [...].Consciente de ello, ese europeo *en menos* compensará su inevitable carencia con un interés y preocupación reflexivos, embebidos de indignación y solidaridad con los dramas que asuelan el mundo extramuros de su continente arracimado y pequeño: hambre, explotación, guerras, racismo, opresiones totalitarias, [...] el horror del *apartheid*, la diáspora del pueblo palestino, la ocupación de Afganistán, los genocidios sucesivos de Indochina, la política norteamericana en Centroamérica, el derecho a la autodeterminación de las naciones del Este sojuzgadas por los acuerdos de Yalta. (GOYTISOLO, 1995, p.175 -176).

Goytisolo questiona sistematicamente as bases de uma cultura que, a exemplo do mito bíblico do deus de ouro com pés de barro, não encontra sustentação e, por isso, fecha-se em sua própria decadência. O autor alerta para o fato de que as distâncias cada vez mais intransponíveis entre os países ricos e os pobres

asseguram um espaço legitimador ao discurso da exclusão e reconhece que essa conjuntura não se distancia tanto daquela em que as convicções religiosas determinavam as questões étnicas e que a Igreja, por sua vez, legislava sobre o direito à vida. Ilustra sua análise ao falar da exclusão que lhe foi imposta pelo mercado editorial que privilegia o produto comercial – o *best seller* - em detrimento da obra de qualidade literária.

A abrangência de sua análise, ao tratar temas como a alteridade dentro da sociedade espanhola, colabora para o entendimento do que ele considera como modernidade. Em 25 de janeiro de 1993 Goytisolo declarou ao jornal El País: “[...] a cultura não pode ser hoje exclusivamente francesa, inglesa, alemã e nem sequer europeia, mas plural, mestiça, e bastarda, fruto do intercâmbio e da osmose, fecundada pelo contato com mulheres e homens pertencentes a horizontes distantes e diversos [...]”.(GOYTISOLO,1993) Goytisolo aponta para duas questões que ele considera fundamentais na literatura – a desterritorialização da cultura e a amplitude da modernidade, questões que, para ele, definem o caráter de universalidade e atualidade de uma obra literária.

Nesse sentido o escritor cita, como exemplos, Cervantes, Quevedo, Juan Ruiz, Fernando de Rojas, Luis Cernuda e Blanco White. Referindo-se à influência que esses autores exercem sobre sua obra, afirma: “No es una simple casualidad si los dos escritores que más me han interesado, y cuya obra ha influído más profundamente en mí durante los últimos tiempos son dos malditos: Blanco White y Cernuda” (GOYTISOLO, 1997, p. 290 -291).

A complexa dinâmica que configura a modernidade, sempre em contínua e veloz transformação, afeta a todos indistintamente e dificulta, inclusive, o estabelecimento de pressupostos. Essa conjuntura, de certa forma, obstaculiza uma definição que contemple de modo abrangente e completo o próprio tema da modernidade. Sua natureza transitória, cambiante e volátil demanda novos ângulos de análise que considerem, em seu conjunto, a época, a estrutura social, a experiência individual e o discurso.

Essa confluência de fatores forma as bases da experiência literária de Goytisolo. Pensar a modernidade, inclusive como uma espécie de sensibilidade estética e estratégica frente a determinadas conjunturas, extrapolando épocas históricas, períodos políticos, e subvertê-los, é parte de seu fazer literário. Seu olhar se dirige para o sujeito que tenta sobreviver e imprimir sua marca pessoal em um contexto caracterizado pela conformidade e a obediência ao convencional e canônico. O autor conjuga em sua narrativa os elementos de uma busca de inovação e criação estética que, mesclados a uma profunda sensibilidade e agudeza crítica, abraçam tempo, espaço e o ser. A abrangência de sua análise confirma o seu conhecimento da sociedade espanhola e conferem à sua obra um valor quase testemunhal. Seu alinhamento ideológico, com breve passagem pelo socialismo, caracteriza-se pela independência e seu projeto de reforma social e cultural pressupõe a destruição de uma tradição falaciosa e mítica em favor de uma arte crítica e renovada.

Sua condição de exilado lhe permite ver sua cultura desde uma perspectiva privilegiada, ou seja, a partir de novos paradigmas culturais, que talvez estejam muito mais coerentes com a sua proposta literária, uma vez que:

El exiliado puede ver su lengua a la luz de otras lenguas, puede advertir enseguida que la escala de valores consensuada por la tribu es falsa. Me explico: cuando uno vive sumergido en un determinado medio no tiene puntos de comparación con respecto a otros idiomas y a otras culturas y lo descubrí poco a poco en España, me refiero desde el comienzo de la literatura castellana hasta el siglo XX, lo que a veces estaba considerado como muy importante, era, de hecho, una *imitación de algo que ya existía fuera* (GOYTISOLO, 1989, p. 40).

Quando se refere ao seu processo criativo, o autor enfatiza a importância de romper com os cânones literários dominantes e toma a tarefa da escritura como uma possibilidade única de questionar a validade desses cânones. Dessa forma, questiona também a realidade histórica que, em um dado momento, outorgou-lhes tal status. Goytisoló aponta em autores como San Juan de la Cruz, , Góngora e Francisco Delicado, os aspectos de um processo criativo em que se comprova a marca da modernidade. Essa característica faz com que tais autores sejam sempre atuais e que suas obras requeiram releitura. Para o autor reside aí a grandeza e o vigor da literatura.

A questão da identidade e da alteridade, temas fundamentais no contexto da modernidade, tem, em Goytisoló, um amplo espaço de reflexão e debate. Como na maioria de suas obras, o autor aborda também esses temas em viagens, palestras, cursos, conferência e entrevistas. Em nível mundial, é considerado como um dos escritores mais comprometidos com as questões humanas. Consciente da responsabilidade assumida, Juan Goytisoló se coloca como um intelectual em sintonia com as questões do seu e de todos os tempos, e enfrenta uma realidade em que a crítica social de Fernando de Rojas, “egoísmo, soledad, incomunicación, guerra, litigio: la negación del prójimo pasa por encima de las reglas sociales de respeto y amistad y no se detiene ante ningún límite” (GOYTISOLO, 1978. p.27) se

atualiza e toma corpo nos conflitos sangrentos de Sarajevo, Chechênia, Palestina, Iraque, entre tantos outros.

Se Dom Quixote se põe a serviço de Cervantes para ilustrar as diversas perspectivas que a realidade pode apresentar, Goytisolo, por sua vez, exercita sua “nacionalidade cervantina” e complementa que aquele que observa a realidade a partir de uma posição periférica em relação ao centro pode ter uma visão mais real do mundo:

El relativismo, la pluralidad de perspectivas y experiencias, facilitan el abandono de las escalas de valores consensuadas, una percepción mucho más neta de los elementos y rasgos originales de la cultura propia, una saludable afirmación de los principios personales del creador frente a las modas de su sociedad y de la época (GOYTISOLO, 1995,p.199).

Ao questionar, da forma como o faz, a identidade espanhola e passar em revista sua própria identidade, o autor de certa forma, desestabiliza estruturas, valores e hierarquias que se supunham firmes e intocáveis. Com tal atitude confirma o que diz Cervantes pela boca do cavaleiro manchego: “[...] no es un hombre más que otro si no hace más que otro” (CERVANTES, 1994, p.170).

Sua obra se configura como uma tomada de consciência, frente a uma realidade que, muitas vezes, ocultou sua face mais real. Talvez por isso, tenha favorecido o surgimento de escritores que, desde Cervantes, ensinam que o real nem sempre está no aparente. Desmitificar, dessacralizar pode ser uma alternativa para a construção do diálogo e o respeito ao diferente. Alienação, manipulação, perda da liberdade e da capacidade de raciocínio podem traduzir a ação nefasta de um mito. A interpretação de Goytisolo sobre esse tema e suas falácias é o objeto do capítulo a seguir.

2. ESPANHA: MITO E DESMITIFICAÇÃO

Covadonga es la esencia de España, el lugar en donde Don Pelayo derrotó al Islam, el altar mayor y una de las primeras piedras de la Europa cristiana (Juan Pablo II).

Este capítulo discorre sobre a temática do mito como elemento fundacional da nação espanhola, bem como sua utilização na construção de uma história feita para aquele país. Apresenta, também, a revisão de alguns conceitos de mito e sua função no imaginário coletivo. Discorre, ainda, sobre o processo pelo qual, na cultura espanhola, dá-se a politização desse mito e sua legitimação como mecanismo ideológico que dá respaldo à dominação e promove práticas sociais excludentes e preconceituosas. Também, com relação ao mito, outro aspecto importante a destacar é a questão da alteridade. Ela surge no contexto em que outros mitos foram forjados, na construção de conceitos depreciativos em relação a outras culturas e pela forma conflituosa como foi vivenciada. O estudo do mito e da desmitificação da Espanha abarca ainda variadas questões tais como linguagem, tradição, alteridade, nacionalismo, intolerância, modernidade, discurso, religião, Ocidente e Oriente.

Em *Coto vedado* Goytisolo destaca a presença do mito em suas várias manifestações. Ele está presente na crença nos valores familiares (p. 11), nos valores católicos (p.18), nos valores nacionalistas (p.32), na superioridade europeia (p.28), para citar alguns exemplos. Todas estas nuances levam, pelo que se depreende do relato, ao próprio mito do ser Espanha. E é a essa entidade mitologizada que Goytisolo dirige sua atenção, ao entrelaçar em sua história de vida a interpretação da história da Espanha. Uma história que, segundo o autor, negou

de forma veemente a diversidade cultural de seus povos que constitui a sua singularidade e que, acreditamos, pode vir a constituir-se, por si mesmo, em um mito comprovado e, portanto inquestionável.

Desde seus primórdios, o homem busca e constroi explicações na tentativa de responder às suas angústias e preocupações. Nesse contexto, o mito surge como matéria prima das primeiras criações literárias, tanto orais quanto escritas. Transitando entre as esferas do sagrado e do profano sua narração apresenta, como verídicos e sem necessidade de comprovação, determinados fatos com vistas a recuperar um equilíbrio rompido e, ao mesmo tempo, propõe modelos de conduta que possibilitem ao homem interpretar e dar sentido à sua própria existência.

Ao questionar o mito como possibilidade de compreensão da história da Espanha e da civilização ocidental, Goytisolo põe em discussão os aspectos da dominação étnica e do racismo na Europa. Ele considera que as práticas de sujeição permanecem atuais, se não com as mesmas características do passado, com efeitos semelhantes que se fundamentam na mesma concepção de superioridade em relação aos demais povos. Na perspectiva do autor, essa seria também uma das interfaces do mito no contexto espanhol – a realidade política e social em sua história falaciosa.

A tensão contínua na dinâmica das relações sociais marca a história da sociedade espanhola. A divisão em castas, segundo critérios da Igreja Católica, foi determinante para a forma violenta e paradoxalmente anticristã usada no tratamento da alteridade no passado. Goytisolo analisa que na contemporaneidade, embora com novas justificativas e métodos, o desrespeito à diferença continua presente,

principalmente por meio de políticas oficiais adotadas pelos países ricos para, por exemplo, dificultar ou impedir a entrada de imigrantes em seu território. Esse é um dos temas de reflexão de Goytisolo, a partir do qual o autor desenvolve grande parte de sua produção literária e em especial os seus ensaios.

Ao se considerar o conceito de literatura como “o próprio fulgor do real”, como afirma Roland Barthes, em *Aula* (BARTHES, 2005, p. 18), é possível associá-lo ao contexto histórico espanhol. Nessa perspectiva Goytisolo nomeia alguns autores espanhóis como Fernando de Rojas, Francisco Delicado, e o próprio José María Blanco White, que, em diferentes momentos e com distintos enfoques, trataram em suas obras, dos temas da intolerância, da rejeição e da rigidez das normas institucionais.

Além de abordar temas que, de certa forma, representavam risco para o autor, essa literatura inovou principalmente no uso da linguagem. Para Goytisolo, é muito importante questionar a própria linguagem. Segundo o autor: “hay una superstición idiomática en España que dificulta gravemente la búsqueda de nuevos lenguajes. Se ha creado un lenguaje codificado, un lenguaje embalsamado” (GOYTISOLO, 1997, p.28). Tal visão o coloca em sintonia com autores como Mircea Eliade, que reconhece no mito uma tríplice dimensão: linguagem, tradição cultural, e realidade político-social. Para esse autor: “El mito es una realidad cultural extremadamente compleja, que puede abordarse e interpretarse en perspectivas múltiples y complementarias” (ELIADE 1991, p.7) , o que contextualiza e viabiliza o diálogo entre a teoria literária e a ficção.

Mircea Eliade (2000) considera o mito um fenômeno cultural passível de múltiplas interpretações e o entende como fundamental para a compreensão das estruturas

sociais da cultura onde se insere. Esse caráter aberto do mito permite que ele ofereça respostas a diversas indagações como a origem do mundo, os fenômenos naturais, o papel das religiões, e/ou a revelação do eterno retorno de tudo (ELIADE, 2000, p. 12-13). Essa plasticidade ou abertura do mito de que fala Eliade é retomada por Silvia Cárcamo (2000, p.7-18) em *Mitos españoles imaginación y cultura*. Para a autora “el mito no es una estructura fija.” Afirma ainda que pelo estudo dos mitos é possível chegar-se às questões de base da literatura espanhola, já que os textos literários reescrevem os mitos, revelam uma identidade cultural em permanente processo de construção e, ao mesmo tempo, remetem ao passado e se projetam no futuro.

Goytisolo problematiza o tema do mito, não por sua utilização na Literatura ou nas Artes de modo geral, mas por sua manipulação em nome de uma verdade absoluta. Ele entende que o mito está presente na fundação de todas as histórias nacionais, bem como na origem de todas as religiões, e sua função, em princípio, serviria para assegurar uma coesão grupal em torno das questões de identidade nacional e convicções religiosas. Ao propor a destruição dos mitos relacionados ao tema Espanha, o objetivo primeiro de Goytisolo é questionar a história espanhola, não somente pelos mitos que engendrou, mas principalmente pela forma como os manipulou. A esse respeito, ele comenta na entrevista de 25 de janeiro ao El País: “el recurso a los mitos fundacionales [...] por la Falange e intelectuales adictos al Glorioso Movimiento sirvió de base a la ‘Cruzada de salvación’ de Franco y a los horrores de la guerra civil y de su inmediata posguerra.”

Seu questionamento dirige-se, portanto, ao culto de uma tradição e enfatiza a importância de uma revisão crítica dos fatos antigos e recentes que desvelam e, ao

mesmo tempo, ocultam a realidade histórica espanhola, como sugere sua proposta de destruição:

Esto es, la destrucción de las instituciones y símbolos sobre los que se ha construido la personalidad española en contraposición y rechazo a la amenaza y tentación del Islam: del mito del caballero cristiano [...]; del destino español singular y privilegiado, de lo que Américo Castro llama con ironía 'la esencia hispánica a prueba de milenios' [...], de la hombría y la virginidad femenina; de la metafísica del paisaje de Castilla forjada por el 98, etc (GOYTISOLO, 1989, p.33).

Assim, observa-se, que em Goytisoló, as bases sobre as quais se assenta a construção da identidade espanhola não encontram sustentação. A fragilidade do mito é exposta em seu questionamento ao revelar que, sob uma aparência de grandeza, beleza e força, esconde-se uma ausência de solidez que a história oficial procurou encobrir através do artifício da linguagem, da censura, da força e da alienação. Em outras palavras, o mito, de certa forma, encobre uma realidade. Ao fazê-lo, no entanto, desperta a atenção para a necessidade de conhecer e, segundo o autor, desmascarar tal realidade. Ele considera que é tarefa do escritor: “[...] luchar sin piedad contra el mito, contra todo lo que envejece y se convierte en mito, contra toda la información histórica y cultural que se pega a la piel del hombre, y lo entorpece, lo petrifica, lo falsifica.[...]” (GOYTISOLO, 2002, p.17).

Dois fatos políticos de fundamental importância na história da Espanha – a ocupação árabe em 711 e a Reconquista em 1492 – serão, em seguida, comentados na perspectiva crítica de Goytisoló e fundamentados na teoria que Mircea Eliade apresenta em *Mito y realidad* (1991). Para esse autor, o mito conta uma história sagrada: o nascimento ou a origem de algo, um fato importante ocorrido

nos primórdios dos tempos, no tempo fabuloso dos começos. Tem, portanto, uma finalidade instauradora (ELIADE, 1991, p.7). Para Goytisolo, na história da Espanha, o mito seria tão somente uma figura de retórica habilmente manipulada para perpetuar a ideologia da supremacia europeia, da limpeza de sangue e para escamotear a veracidade de fatos históricos nem sempre favoráveis aos interesses nacionais catolicistas.

Um exemplo bastante pertinente da interpretação de Goytisolo com relação ao mito diz respeito à explicação da presença muçulmana em território espanhol. Esse tema é analisado por CÁRCAMO (2000, p. 11), que afirma: “[...] la leyenda del rey Rodrigo es un verdadero mito de origen, que ofrece una explicación fabulosa de la ‘pérdida de España’, en la que personajes de dudosa existencia histórica conviven con protagonistas reales [...]”. Sobre o mesmo tema, observa Castellet (1976, p.82-83): “[...] la leyenda se convirtió en ‘historia’, así fue incorporada a la Crónica General de Alfonso X el Sabio y así fue repitiéndose en los historiadores posteriores hasta nuestros días”.

O episódio ganha, portanto, dimensão mítica, política e religiosa. A lenda que explica a ocupação da Espanha pelos árabes está associada a um encontro amoroso entre Rodrigo, o último rei godo, e Caba, filha do Conde Julián, governador de Ceuta. A moral católica, como assinala Goytisolo, por considerar pecaminosa a prática do sexo fora de suas prescrições, julga o rei Rodrigo culpado pela perda e destruição da Espanha. Observa-se que entre o delito por ele praticado e a vingança e traição do conde Julián que, supostamente, aliou-se aos árabes e lhes facilitou a entrada no país, a falta cometida representada pelo ato sexual recebe mais destaque que a traição à pátria. Goytisolo desenvolve em *Coto vedado* uma crítica à Igreja quando

relata, por exemplo, na sequência das páginas dezessete e dezoito, que um tio seu havia comprado do Papa Leão XIII uma carta de indulgências plenárias extensiva aos familiares até a terceira geração que os absolvira de seus pecados, quaisquer que fossem: “Asegurar la eterna felicidad para sí y la familia revestía las apariencias de una inversión sumamente rentable: (GOYTISOLO, 1985, p.17-18).

Na poética de Fray Luis de León (1527-1591) *Poema Oda VII La profecía del Tajo* sobre o mesmo tema – a ocupação árabe -, e por consequência o aspecto religioso e político do mito, permeia a criação poética, revelando valores tradicionais da cultura espanhola - alvo da crítica de Goytisoló - e apresenta uma interpretação mítica para aclarar o que a História não explica: a perda da Espanha para os árabes.

O poema tem início com o flagrante do delito cometido por Rodrigo e Caba, filha do conde Julián, governador de Ceuta. Para acentuar o caráter profano e pecaminoso do delito sexual, esse é retratado em local público, às margens do rio Tajo, provavelmente nas imediações da cidade de Toledo, onde vivia o rei Rodrigo e, segundo a lenda, onde estava também a donzela Caba, enviada àquele reino para estudar: “Folgaba el Rey Rodrigo/ con la hermosa Caba en la ribera/ del Tajo sin testigo;/ el pecho sacó fuera el río,/ y les habló de esta manera”. Além de situar um ato íntimo em ambiente aberto, o autor o descreve com o uso do verbo “folgar”, o que enfatiza ainda mais o caráter vulgar e impuro do ato sexual em tais circunstâncias, segundo as rígidas normas católicas. É possível apontar outras possibilidades de leitura na seleção do vocábulo folgar – o Dicionário da Real Academia Española o define como: “tener ayuntamiento carnal”, enquanto, na língua portuguesa, o Novo Dicionário Aurélio destaca, entre outras, a acepção de: “divertir-

se, brincar”. Em ambos os contextos linguísticos, o verbo utilizado enfatiza a pretensa vileza do ato sexual, bem de acordo com o pensamento cristão da época.

Nas estrofes seguintes, o rio Tajo assume um discurso profético e de condenação que remete claramente à passagem bíblica narrada no Livro do Gênesis, na passagem em que Adão e Eva são expulsos do paraíso. Nas demais estrofes as ameaças continuam e, quando Caba é mencionada: “! Y esa hermosa, que vio el sol en mal día, ¡a España, ay, cuán llorosa, y al cetro de los godos cuán costosa!”, instaura-se uma alteridade de gênero que preserva a intertextualidade com a narrativa bíblica ao associar a mulher e o mal. A mulher é vista como representação do mal - característica da Igreja Medieval - também na estrofe seguinte, com a descrição dos sofrimentos e calamidades: “Llamas, dolores, guerras, muertes, asolamientos, fieros males entre tus brazos cierras”.

O crime de lesa pátria, configurado a partir da vingança de Don Julián, não ocupa mais que uma estrofe, sem maior destaque. Sua atitude é mostrada, inclusive, dentro de um aspecto valorativo de humildade: “a la venganza atento y no a la fama”, cujas consequências perdem importância diante da gravidade do delito de Rodrigo. Em outras palavras, o cumprimento do código de honra cristão justificaria qualquer medida adotada; uma falta cometida contra a Igreja seria muito mais grave que qualquer outro tipo de falta.

Na estrofe seguinte o mito assume a dimensão política, e nova alteridade se manifesta. O árabe entra oficialmente na Espanha, dentro de uma moldura que a cultura espanhola eternizaria, e sua imagem, associada à violência e à barbárie, é

anunciada nos versos: “La lanza ya blande el árabe cruel, y hiere el viento, llamando a la pelea;” Esse árabe será o catalisador dos aspectos negativos, vis e funestos na historiografia espanhola e, portanto, serão plenamente aceitas e justificadas as atitudes de intolerância, as práticas excludentes, persecutórias e eurocêntricas então adotadas.

Cárcamo (2000, p.14) se remete à interpretação de Goytisolo sobre a traição de Don Julián e afirma que a entrada dos árabes em território espanhol no ano de 711 se configura, simbolicamente para o autor, como a possibilidade de ruptura da tradição e um recomeço, ou seja, a possibilidade de uma modernidade que irrompe pela afirmação da alteridade, do outro. Assim, o que em princípio poderia ser tomado como traição assume o aspecto de algo positivo e saudável, uma vez que enseja uma renovação da vida espanhola em todos os sentidos. Essa renovação, que implica diversidade, riqueza, desenvolvimento, avanço científico e intelectual, traz como marca a diferença que agrega à cultura espanhola características únicas no contexto europeu, mas que, segundo Goytisolo, não é reconhecida e, menos ainda, valorizada.

O autor mostra que o léxico empregado para referir-se ao não europeu é historicamente marcado pelo estigma da negatividade – invasor, mouro, judeu, marrano, converso, ilegal, avalanche, em oposição ao branco, cristão, espanhol, europeu, etc. Esta recorrência, mais que recurso linguístico parece cristalizar uma concepção de alteridade que Sartre problematiza em *O ser e o nada* (2000), configurando-a em um campo de forças onde o conhecimento do outro se dá pela via de uma consciência sempre intencional.

Sartre entende que toda manifestação da consciência representa ou revela algo segundo um conjunto de normas de percepção da realidade socialmente construídas. Dessa forma vão-se consolidando, entre outros, preconceitos, estereótipos, mitos, que definirão o outro sempre em uma perspectiva de depreciação. Esse plano de dupla desvalorização se fundamenta em duas premissas – o outro é diferente do eu, e por ser diferente está determinado a cumprir um papel que a consciência do eu, intencionalmente já lhe determinou, e cuja relevância jamais será equivalente à do eu.

A prática de uma alteridade vivenciada não como possibilidade de convívio saudável e enriquecedora com o diferente, não entendida como oportunidade do sujeito se reconhecer enquanto tal a partir das diferenças, mas vivenciada pela rejeição sistemática do “outro” chega à modernidade. E com entendimento semelhante ao de Goytisoló, Edward W. Said em sua obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1990), dedica-se ao estudo do tema, enfocando as relações de dominação do Ocidente com relação ao Oriente. Esse escritor de origem palestina discute a maneira como o Ocidente cria, alimenta e divulga a imagem do Oriente. Esse mesmo tema – a negação do “outro”, é retomado por ele em *Cultura e imperialismo* (1995), obra em que reafirma que a questão da dominação se faz pela narratividade.

Não é novidade que, após a derrocada do sistema comunista e o esfacelamento da União Soviética, existe uma tendência cada vez mais acentuada em atribuir ao Oriente, em especial aos países islâmicos, uma ameaça ao Ocidente, o que perpetua um mito forjado para legitimar a violência. Como bem ilustra Goytisoló: “Aunque flácidos e inservibles como globos pinchados en la España de hoy, estos

mitos resurgen y lozanean, como gatos de siete vidas en diversos Estados y pueblos europeos que creíamos vacunados para siempre tras la derrota del fascismo” (GOYTISOLO, 1996).

Nessa mesma entrevista o escritor comenta:

Los mitos fundadores de una nación tienen la piel dura: aun desahuciados por la crítica demoledora de sus falsificaciones sucesivas e interpolaciones flagrantes, siguen ofuscando algunos historiadores contemporáneos y se perpetúan en los manuales de enseñanza por pereza y rutina, debido a la incomodidad y esfuerzo que ocasionaría un nuevo y perturbador planteamiento de la realidad historiable (GOYTISOLO, 1996).

Com esta observação, o autor analisa outro mito espanhol, Santiago de Compostela, relacionado à Reconquista. Goytisolo destaca alguns aspectos como, por exemplo, a falta de documentos confiáveis sobre as batalhas empreendidas entre árabes e cristãos, o que favorece aos interessados na construção de mitos, porque lhes permite forjar um passado nacional de glórias e enaltecer a religião:

[...] las páginas en blanco de la historia, en razón de la falta de documentos fidedignos sobre lo acaecido en el siglo VIII, permiten a los fabricantes interesados de mitos ornar el pasado de su nación, de la religión verdadera con báculos, oropeles y mitras que —una vez cristalizada la leyenda y ratificada por los historiadores «patriotas»—resultan difíciles de desacralizar (GOYTISOLO, 1996).

Mais uma vez o autor aponta a falácia e a insustentabilidade de uma história em que os mitos são manipulados segundo os interesses da classe dominante e comenta a transmutação de Santiago de um pacífico pescador do Lago Tiberíades em guerreiro experiente e degolador de mouros que, transportado para a Galícia: “[...] respondía, como es obvio, a la necesidad de las Iglesias, tanto hispana como carolingia, de oponer a la triunfante predicción del credo de Mahoma un Santi Yagüe

de recia espada, hermano gemelo de Cristo e 'hijo del trueno' [...]” (GOYTISOLO, 1986).

Essas observações remetem novamente ao estudo de Mircea Eliade que vê, nesse tipo de confluência, o risco de se tornarem mitos vivos: “[...] en el sentido de proporcionar modelos a la conducta humana y conferir por eso mismo significación y valor a la existencia (ELIADE, 1991, p.5). Esse risco se concretiza pela manipulação que passa a atribuir sentido à existência, desde que moldada pela vontade da elite dominante.

A intertextualidade entre a teoria de Mircea Eliade e o pensamento de Américo Castro se reafirma no texto de Goytisoló, quando este trata da força e sobrevivência do mito: “Los confines entre lo real y lo imaginario se desvanecen cuando lo imaginado se incorpora al proceso mismo de la existencia colectiva, [...] (GOYTISOLO, 1996). Para o autor, essa fronteira pouco visível entre o real e o imaginário foi o espaço apropriado para que o mito fosse usado em nome do nacionalismo e do cristianismo, entre outros, e pudesse interferir de forma tão destrutiva na vida de muitos. As complexidades que envolvem as questões aqui expostas permeiam os temas do próximo item deste estudo.

2.1. MODERNIDADE E NACIONALISMO

Creo en el hombre. He visto
Espaldas astilladas a trallazos,
Almas cegadas avanzando a brincos
(españás a caballo
del dolor y del hambre) y he creído.
Blas de Otero

Em *Coto vedado* o questionamento da realidade histórica espanhola não conduz apenas à desmitificação da própria Espanha como entidade mítica, mas mostra também que conceitos como modernidade, nacionalismo e alteridade estão relacionados. A crítica de Goytisolo destaca a necessidade de desconstruir a tradição e (re) criar novas possibilidades que possam responder adequadamente aos desafios de uma realidade extremamente complexa e farta de ambiguidades. Se por um lado a modernidade marca a época em que o homem ascende à sua maioridade e passa a fazer uso da razão, por outra parte Goytisolo aponta, na cultura espanhola, a manutenção das formas arcaicas de pensamento e as mesmas práticas ultrapassadas: “[...]. La historia española de los últimos cien años es un perpetuo regateo entre los intereses encontrados de la clase latifundista, la burocracia y la administración madrileñas, y las burguesías ‘avanzadas’ de Cataluña y el País Vasco [...]” (GOYTISOLO, 2002 p.114).

A modernidade trouxe consigo, entre outras transformações, a criação do estado nacional moderno. Nessa nova modalidade político-administrativa, o conceito de identidade ganha contornos mais definidos, nutridos pela questão do nacionalismo. Na formação do estado nacional espanhol, esse processo se dá com forte influência da Igreja, o que confere à identidade um caráter mais religioso que civil. Tal

peculiaridade repercutiu, como se afirmou no primeiro capítulo, no modo como a Espanha viveu a modernidade.

A desvinculação da experiência do homem da tutela religiosa, ocorrida a partir do século XVII, com a conseqüente separação entre a Igreja e o Estado, traz consigo uma das marcas da modernidade: o idealismo em relação à tolerância como norma de convívio entre os homens, apesar das crenças e das opiniões diferentes. Goytisolo questiona essa prática de tolerância na sociedade espanhola, assim como a prática disseminada em escala mundial. A Guerra Civil espanhola, as duas Grandes Guerras, as guerras de Sarajevo, os conflitos étnicos e religiosos, o tratamento humilhante aos imigrantes em países europeus, os regimes totalitários, a coerção física e a coação psicológica que excluem e negam o direito ao exercício da cidadania a muitos povos são contradições apontadas pelo autor na conjuntura da modernidade e que merecem uma revisão.

O ideal moderno de tolerância e a supressão das referências mítico-religiosas que sustentavam a tradição deveriam apontar novos rumos na vida do país. O progresso tecnológico, a intensificação das descobertas científicas, a autonomização e a compartimentalização dos saberes, a invenção da imprensa, entre outros acontecimentos que marcam o período, não tiveram, na Espanha, a mesma repercussão que nos demais países da Europa. Também do ponto de vista histórico, Goytisolo observa certa resistência por parte de alguns escritores à questão da modernidade. O autor ilustra esta circunstância quando cita autores de distintas épocas, como se depreende do fragmento abaixo:

Como Quevedo, Unamuno profesa un hondo desprecio por la ciencia y la técnica, el comercio y el lucro. En sus obras tropezamos a menudo con

apreciaciones negativas de la sociología ('Hay algo más horrendo, más grotesco, más bufo que eso que suelen llamar sociología?'), de las invenciones mecánicas y de lo que él denomina 'la peste de la lógica'. La historia deviene a sus ojos una agitación inútil y el progreso moderno le merece los más vivos sarcasmos: Deja la civilización con el ferrocarril, el teléfono, el water-closed, y lleva la cultura en el alma... El desprecio a la comodidad es aún una de las evidentes superioridades de los pueblos de casta ibérica [...] (GOYTISOLO, 2002, p.92).

Goytisoló rejeita esse conceito da modernidade situada em um período específico da história. Para o autor, a modernidade se associa ao livre uso da razão em qualquer época e, a qualidade de experiência estética está caracterizada pela ruptura com a tradição, manifestando-se sempre que os pressupostos (fundamentos, valores e normas) da experiência tradicional atingem seu apogeu, seu sentido, quando perdem seu caráter inquestionável e seu status canônico. Ao situar a modernidade em uma dimensão atemporal, Goytisoló a identifica como uma sensibilidade estética presente na literatura. O escritor esclarece que, para ele, tradição e modernidade não são termos que se auto-excluem nem são antagônicos. Na verdade, são complementares e amplos. Em suas palavras: "Si algo define o simboliza ésta (a modernidade) es su visión múltiple, simultánea y abierta del hormigero vital, improvisación creadora de ese espacio fluido, en perpetuo movimiento que denominamos urbe, ciudad o medina" (GOYTISOLO, 1995,p.170).

Seu vasto conhecimento sobre a literatura espanhola e, especialmente, os autores medievais lhe asseguram uma sólida base, a partir da qual realiza uma análise profunda que detalhada e oferece ao leitor, além da possibilidade de conhecer uma produção literária importante no contexto cultural espanhol, elementos para desenvolver o senso crítico em relação às condições históricas em que essa literatura foi produzida. E, ao propor uma nova forma de entender a modernidade, o

autor estimula seu leitor a explorar novos ângulos de visão e participar de forma ativa na busca de novos saberes.

Algumas teorias modernas sobre nação e nacionalismo contribuem para o entendimento da forma como o nacionalismo foi vivenciado na Espanha e fundamentam a crítica de Goytisolo. Se em sua etimologia a palavra nacionalidade está relacionada ao nascimento em um determinado lugar, Goytisolo propõe que se questione o fato de que pessoas nascidas em um mesmo país não tenham assegurados os mesmos direitos de cidadania. Por outro lado pesa o fato de que, na sociedade espanhola, o mito tenha sempre desempenhado um papel muito determinante no comportamento coletivo. Nesse sentido, Goytisolo cita o mito de Covadonga, local onde teria ocorrido uma batalha decisiva entre árabes e cristãos. Para o autor, trata-se de um mito nacionalista católico, de origem grega que, adotado pela cultura espanhola, foi usado por caudilhos e políticos em distintas épocas. Sua opinião sobre a origem desse mito é respaldada por García Pérez, que explica:

La etimología 'oficiosa' –generalmente aceptada– de Covadonga se basa en un error de lectura. Onga es el nombre fenicio de la diosa-madre, fundadora de la civilización griega y, por consiguiente, occidental. Este nombre es conocido como poco desde mediados del siglo VIII AC (La Tebaida). Está registrado desde el año 467 a. d.n.e. (Los siete contra Tebas). Y procede, al parecer, de la Edad de Bronce (fundación de Tebas, 1585; &c.). Una tradición discontinua, y mal conocida, pero efectiva, ha permitido que llegase hasta nosotros por distintos caminos (toponimia, onomástica personal, literatura clásica). En la España medieval existen por lo menos entre tres y cinco lugares de origen prerromano llamados Covadonga o Celladonga. El habla de los naturales, los primeros documentos conocidos, los autores medievales y modernos más solventes, y el análisis lógico e histórico del fenómeno indican que, en nuestro caso, la lectura más correcta es Cova-d'-Onga, que interpreto como Cueva dedicada a la diosa Onga. Onga, La Antigua, La 'Señora', 'Nuestra Señora', se corresponde históricamente, en términos más o menos amplios, con

Isis, Astarté, Tanit, Pallas, Athenea, Minerva, Afrodita... Venus... Santa María (GARCÍA PÉREZ, 1992, p.129 -161).

O tema do nacionalismo é por si mesmo bastante polêmico, e nem sempre há consenso entre os teóricos. Entretanto, algumas teorias desenvolvidas por Benedict Anderson (1989) e Eric Hobsbawm (2002) colaboram no entendimento desse assunto em Goytisolo. Anderson parte do princípio de nação como: “[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (ANDERSON, 1989, p.14), ou seja, um conceito construído socialmente com base em valores culturais, étnicos, religiosos e territoriais. Hobsbawm vê nas tradições uma invenção das elites para legitimar a existência e assegurar importância à suas nações, o que parece adequar-se à cultura espanhola pelo seu forte componente de culto à tradição, alimentada pelos mitos.

Nessa mesma direção se desenvolve o pensamento de Stuart Hall que comenta o discurso da cultura nacional:

Ele (o discurso) constroi identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. [...]. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a nação era ‘grande’; são tentadas a restaurar as identidades passadas. [...]. Mas freqüentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar ‘as pessoas’ para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os ‘outros’ que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente (HALL, 2003, p.56).

Segundo Benedict Anderson (1989), essas comunidades coexistem em função de uma convivência que se estabelece muito mais em termos de construção cultural que política ou coercitiva. Na sociedade espanhola, dividida em castas segundo o credo religioso, o conceito de nação assume um caráter controverso e pouco consistente, pois tanto os judeus quanto os árabes, que compartilharam o mesmo

território por vários séculos, não eram considerados como integrantes da mesma nação; não participavam do mesmo projeto comum que, segundo Anderson, caracteriza-se como comunidade. Como afirma Américo Castro, “[e]l problema de los problemas en aquel tiempo (siglos XVI y XVII) era justamente de quienes tenían derecho a existir de veras como españoles, lo cual es distinto de si hubo una o más de una España” (CASTRO, 1961, p.12).

Tanto a teoria de Anderson quanto a observação de Américo Castro sobre a polêmica da nacionalidade espanhola coincidem com o pensamento do jurista José Luiz Quadros de Magalhães. Em seu artigo “Identidades e identificações na crise da modernidade: o antagonismo social, econômico e religioso como gerador do não reconhecimento do Estado democrático e social de Direito” (2008), o autor afirma que, para a instauração de uma nacionalidade, alguns valores comuns devem ser assumidos, pacificamente ou por imposição, por um grupo de pessoas. Em sua análise do caso da formação da nacionalidade espanhola, o autor aponta os valores iniciais que prevaleceram para que se constituísse essa nacionalidade:

Um inimigo comum (na Espanha do século XV os mouros, o império estrangeiro), uma luta comum, um projeto comum, e naquele momento, o fator fundamental unificador: uma religião comum. Assim a Espanha nasce com a expulsão dos muçulmanos e posteriormente judeus. É criada na época uma polícia da nacionalidade: a Santa Inquisição. Ser espanhol era ser católico e quem não se comportasse como um bom católico era excluído (MAGALHÃES, 2008).

Para Goytisolo, no contexto cultural espanhol, uma tentativa de definição do termo nação, levaria ao questionamento de um mito. O mito Espanha, enganoso, porém verossímil. Nessa realidade tão singular quanto emblemática, o autor sugere que: “[...] ¿en lugar de hablar de España, no sería mejor hablar de las Españas? El desequilibrio profundo que existe entre los diversos países de la Península es

camuflado bajo la ambigüedad genérica de una etiqueta común. [...]” (GOYTISOLO, 2002, p.18 -19). E no debate que o tema enseja Goytisoló adverte:

Todos conocemos las consecuencias de los nacionalismos excluyentes y racistas que [...] conducen al infame campo de concentración de Sarajevo y a los pogromos, linchamientos e incendio de viviendas de gitanos, turcos, árabes y otros inmigrados ‘inasimilables’ en el propuesto espacio común, limpio y homogéneo (GOYTISOLO, 2002).

Na realidade histórica da Espanha, Goytisoló associa o nacionalismo à crença em mitos e em santos do cristianismo. O autor vê nas atrocidades cometidas na sociedade espanhola uma forma deturpada de nacionalismo:

[...] Compostela pasa a ser el punto de convergencia de la cristiandad militante en oposición a La Meca, y la popular romería del Camino de Santiago.[...] La Providencia concederá en adelante la victoria al jinete en «níveo e impetuoso» caballo no sólo sobre los moros de la Península, sino también, en un extraordinario vuelo transoceánico, sobre los aztecas, inclinando el fiel de la balanza, en plena batalla, en favor de Hernán Cortés y los suyos (GOYTISOLO, 1996).

É oportuno destacar que a força do mito de Santiago na história da sociedade espanhola foi tão decisiva que Américo Castro assim comenta:

La historia de España sería impensable sin el culto dado a Santiago Apóstol y sin las peregrinaciones a Santiago de Compostela[...]. La fe en la presencia del Apóstol sostuvo espiritualmente a quienes luchaban contra los musulmanes; su culto determinó la erección de maravillosos edificios en Santiago [...] y tuvo consecuencias literarias dentro y fuera de España [...] (CASTRO, 1948, p.107).

Goytisoló destaca o uso desses mitos espanhóis e, nesse ponto, sua crítica estende-se aos contextos atuais. O autor comenta os conflitos étnicos, religiosos, o uso da força em muitos países, a inação dos organismos internacionais e, ainda, a omissão da mídia. Destaca, também, no próprio conceito de nacionalismo, outro aspecto mítico que precisa ser discutido: a superioridade ocidental, a pureza de

sangue, a essência genética de uma etnia. Em sua escrita, estes são temas cuja única importância reside, de acordo com seu pensamento, no fato de que devem ser questionados e desconstruídos.

A respeito do nacionalismo, Goytisolo declarou em 21 de março de 2006 à *Confederación Nacional del Trabajo em Málaga*: “Soy contrario a todos los nacionalismos [...]. Cuando leo la prensa me quedo aterrado. Azaña, que supuso un hilo conductor del pensamiento federal de Pi y Margall, no ha sido superado por estos nacionalismos aterciopelados”. A História tem testemunhado as piores atrocidades cometidas pelo homem que acreditou, ou fez com que se acreditasse nessas falácias. Nesse sentido e direção caminha a crítica de Goytisolo.

2.2. HEGEMONIA CRISTÃ E RACISMO

É que Narciso acha feio o que não é espelho.
Caetano Veloso

Goytisolo observa que, entre os historiadores espanhóis que abordam o tema da presença árabe na Espanha, há uma significativa parcela que ignora ou nega a participação daquele povo na vida cultural do país. Nesse grupo se incluem escritores como Ramón Menéndez Pidal, Ángel Ganivet, García Morente, e também cita a Cláudio Sánchez Albornoz, que, na obra *España, un enigma histórico* (1957), afirma a preponderância da influência germânica na formação da identidade espanhola. Goytisolo vê nesse historiador “un arabista que odiaba a los árabes [...]”. E conclui: “Menéndez Pidal sostenía siempre que España era gótica y romana y que de todos los elementos semitas ya fuesen árabes o judíos, habría que desprenderse de ellos” (apud SHARKAWY, 2000, p. 224).

Por outro lado, autores como Américo Castro (1948, 1957) apresentam uma visão mais integracionista. Mais recentemente, UBIETO (1967, p.61) afirma: “[...] Por ello, es absurdo que consideremos a ‘los moros’ como algo ajeno a nosotros: [...] el abuelo número treinta de cada español tenía más probabilidades de que fuera musulmán que cristiano”.

Goytisolo se alinha com o pensamento de Américo Castro, para quem os primeiros habitantes da Península Ibérica (iberos, celtas, romanos, visigodos) jamais foram espanhóis. Para ele, os muçulmanos e judeus que lá chegaram em época bastante anterior e que por tanto tempo se mantiveram em permanente convívio, ora harmonioso ora conflitante, com os cristãos, são autênticos espanhóis. Esse entendimento resulta da concepção de que o homem espanhol se configura no encontro e inter-relação das três culturas – cristã, judaica e muçulmana (GOYTISOLO, 2002, p. 24 -25).

Tal convivência, assentada em uma rica base cultural, possibilitou o surgimento de uma cultura que se destacou do restante da Europa pelo seu caráter singular de multiculturalismo. E, segundo se pode apreender do que informa Américo Castro (1948), o antagonismo gerado em circunstância de conflitos internos não teve a dimensão atribuída pelos historiadores mais interessados em apresentar a Idade Média Espanhola como um permanente palco de batalhas entre cristãos, judeus e muçulmanos. Fica aparente a intenção de realçar a essência da raça espanhola, em busca da conservação da pureza de sua linhagem.

O mexicano Carlos Fuentes (1993) autor frequentemente citado por Goytisolo, também se mostra atento às particularidades da cultura espanhola. O escritor observa que, desde Cervantes até Buñuel, a cultura espanhola se construiu a

“contrapelo”. Países como a Inglaterra e a França construíram sua tradição paralelamente ao processo da modernidade, enquanto na Espanha a tradição se opunha às mudanças: [...] “Primero los edictos represivos de los Reyes Católicos, Isabel y Fernando, expulsando a los judíos y proclamando la limpieza de sangre y la religión católica como bases de la unidad nacional [...]” (FUENTES, 1993, p.63).

Vários estudos apontam que não houve separação geográfica ou étnica entre cristãos e muçulmanos. O critério de nacionalidade, ou o sentimento de pertencimento ao país, ficou subordinado à religião. Dessa divisão social por castas passou-se portanto à outra definida por classes: mudéjar, mozárabe, marrano ou cristão novo. Goytisoló reafirma, nessa conjuntura de fatores, uma contribuição incomensurável à civilização ocidental. O escritor observa que por muitos séculos, a Espanha foi a porta de entrada de todo o legado científico, tecnológico, filosófico e humano que chegou à Europa, e isso se deveu, em boa parte, a essa efervescência cultural.

Na esfera política, o sistema de castas também encontrou o apoio necessário à sua manutenção. As sucessivas disputas pelo trono, alimentadas por facções distintas, encarregaram-se de perpetuar a mesma realidade. Mais tarde, já em meados do século passado, durante a ditadura franquista e, atualmente, com as políticas que dificultam a entrada no país de imigrantes pobres — em especial de países africanos —, esse sistema excludente passa a reforçar a questão da alteridade, ao tomar a sociedade europeia como sendo o paradigma e condenar todas as outras culturas que dela diferem.

Vale enfatizar que Goytisoló, tal como Américo Castro, considerado por aquele como seu mestre (GOYTISOLO, 1995, p.156) reconhece a fundamental importância da

influência árabe e judaica na formação da cultura espanhola e destaca, nas artes, os nomes de Cervantes, Arcipreste de Hita, San Juan de la Cruz, Santa Teresa, Fernando de Rojas, Velázquez e Goya. Ambos consideram que tais artistas souberam projetar suas angústias, inquietudes e genialidade. Sobre esse tema, afirma Américo Castro: “Puede ser que me engañe; mas quiero correr el riesgo de equivocarme, y a pesar de ello formular el juicio de que lo más original y universal del genio hispánico toma su origen en formas de vida fraguadas en los novecientos años de contextura Cristiano-islámico-judaica” (CASTRO, 1948, p.61).

No prólogo de *España en su historia*, Américo Castro desenvolve uma análise que parece bastante ilustrativa do contexto social espanhol e que corrobora o pensamento de Goytisoló. Segundo Castro, não se pode considerar um país como uma entidade fixa, estática, como um cenário no qual a vida acontece como um espetáculo. A história coletiva e individual se define no dia-a-dia, de acordo com os desafios que a vida oferece a cada momento (CASTRO, 1948, p.9). A ideia de uma realidade que transforma e que ao mesmo tempo se transforma, explica os principais aspectos dessa convivência entre as três culturas, mas vale destacar que, dentro do campo de forças que se estabeleceu, o cristão reconheceu a superioridade intelectual do árabe e tratou de submetê-lo, agindo da mesma forma com relação ao judeu, como explica Castro:

[...] El menester de vivir bajo la amenaza de la más alta civilización existente en el mundo entre los siglos IX y XII, llevó a Castilla a delegar en los moros y judíos que sometía, el trato con las cosas, las técnicas y lo que requiriera detenerse a pensar. Moros y judíos pasaron a ser castas subyugadas, desdeñadas, utilizadas como indispensables y, en ocasiones, admiradas e imitadas muy de cerca. (CASTRO, 1948, p.15).

É interessante observar que a divisão social do trabalho obedeceu a um critério preconceituoso e legitimado pelo dogma católico. Partindo da visão do trabalho como punição - relacionado ao mito da expulsão do paraíso – a casta cristã dominou, impondo aos judeus as funções intelectuais e financeiras, o que não deixa de ser contraditório. Aos muçulmanos, além das ciências que já tinham bem desenvolvidas, foram atribuídas as atividades mecânicas e artesanais. A casta cristã reforçava, assim, os estigmas atribuídos às profissões assumidas enquanto que, economicamente, se fortalecia e se dedicava às atividades bélicas.

Essa forma de exercer a dominação étnica e, ao mesmo tempo, praticar o racismo resultou vantajosa para os cristãos, ao considerar-se menos a superioridade que a supremacia cristã. A Igreja e o Estado, como poderes supremos, mantiveram a dominação dentro de certos limites de tolerância enquanto lhes foi conveniente. Goytisolo observa que “la convivencia pacífica se mantuvo mientras los reyes castellanos tuvieron necesidad de la ayuda y colaboración de las dos castas sometidas” (GOYTISOLO, 2002, p.27).

Historicamente associado à tragédia da perda da Espanha o árabe simbolizou todos os aspectos negativos que a cultura cristã foi capaz de criar. Mas o contexto histórico espanhol se revela mais complexo do que à primeira vista poderia parecer. As condições de convivência entre os dois grupos não se poderia considerar como uma relação de colonizador e colonizado. Também não parece apropriado o uso de termos como conquistador e vencido, já que católicos e muçulmanos, ou espanhóis e árabes conviveram por muitos séculos, compartilhando o mesmo território sem que houvesse uma relação definitiva de sujeição de um povo pelo outro. Ubieto (1967) cita que o convívio entre muçulmanos e cristãos foi harmonioso durante a maior

parte do tempo na Idade Média, basicamente por duas razões: “a) porque los cristianos carecían de fuerza; b) porque el Corán ordena a los musulmanes: ‘no hagáis violencia a los hombres a causa de su fe’ (sura I I, 257); ‘no disputéis con los judíos ni con los cristianos, sino en términos amicales y moderados’ (XXIX, 45); invítales a abrazar el islamismo, y diles...: Adoramos al mismo Dios.” (XLII, 14), (UBIETO, 1967, p.61).

Nesse contexto, a prática do racismo se evidencia também pelo uso da linguagem. A divisão social imposta e a utilização da força de trabalho, segundo um estatuto de pureza de sangue, geraram uma inclusão na exclusão. Em termos concretos, a classe dominante criou o mito da pureza de sangue para inserir o não cristão na condição de casta inferior, que foi, paralelamente, incluída como força produtiva no mercado de trabalho, com o objetivo de ser explorada. Dessa forma, enquanto foi conveniente aos interesses dos cristãos, exerceu-se a tolerância.

O processo de cristianização da Europa, as Cruzadas, a Reconquista, a tomada do reino de Granada e a instituição da Inquisição foram fatores que contribuíram para a perseguição aos judeus e árabes, em nome de uma Guerra Santa, encerrando um período em que a cultura espanhola floresceu e marcou a história como uma época que nenhum outro país europeu conheceu. Miranda afirma que: “la expansión imperial y la creación del Estado moderno coinciden con la pérdida [...] y la prohibición del pensamiento, con sus múltiples secuelas de autoritarismo, exclusión e intolerancia” (MIRANDA, 1992, p.14).

Afirma Goytisoló que o *homo hispanicus* que a cultura espanhola procurou eternizar foi, durante séculos, uma máscara que contribuiu para que a construção da identidade espanhola acontecesse de forma problemática e ambígua. Com efeito, ao

negar a importância da participação de judeus e muçulmanos na formação da identidade espanhola, o país termina por fechar-se em si mesmo, isolar-se das demais culturas e manter-se estagnado em todos os âmbitos da vida nacional, o que lhe acarreta profundas consequências culturais, sociais e econômicas. O autor considera que a exuberância e a vitalidade de uma cultura se revelam, precisamente, em seu interesse por outras culturas. A forma como a define parece confirmá-lo: “[...] Como no me canso de repetir, una cultura es, a fin de cuentas, la suma total de las influencias que ha recibido a lo largo de los siglos” (GOYTISOLO, 2001, p.38).

A hegemonia cristã é comentada por Goytisolo em *Coto vedado*. Já nas primeiras páginas o autor cita um livro de orações, *Devoción a san José*, encontrado na biblioteca de sua casa que: “recoge puntualmente una serie de milagros en los que la Justicia Divina fulmina indiscriminadamente a librepensadores, blasfemos, sindicalistas, republicanos, masturbadores y enemigos del Papa” (GOYTISOLO, 1985, p.18). E quando se refere a Leopoldo, o tio a quem devota especial atenção, Goytisolo destaca a indulgência plenária, concedida pelo papa Leão XIII, que garantiria não apenas ao seu detentor, no caso o tio Leopoldo, mas aos seus descendentes até a terceira geração a plena absolvição dos pecados, quaisquer que fossem sua natureza. (GOYTISOLO, 1985, p.17). O autor não deixa de observar que tais benefícios estavam vinculados ao poder econômico, e logo, não se estenderia a qualquer cristão indistintamente.

Coto vedado aborda também o tema do preconceito na sociedade espanhola. Na primeira ocorrência na narrativa, em tipo itálico e pronome de segunda pessoa, Goytisolo relata um episódio em que une elementos da superstição espanhola e da

americana, associando-os a um descuido de sua parte na hora de atravessar uma rodovia e que resultou em um acidente de trânsito. Ao relatar o fato, o autor observa que o fato aconteceu em uma sexta feira, dia treze e que seu carro ficou totalmente danificado pela colisão com um caminhão que transportava frutas, dirigido por um árabe. Passado o susto e tomadas as devidas providências, o comentário do agente de trânsito revela o preconceito apontado por Goytisolo em *Coto vedado*: “*su amigo, aunque moro, es noble y valiente*” (GOYTISOLO, 1985,p.28).

A Espanha que Goytisolo apresenta é a de uma sociedade plena de riqueza e contradições. O contacto com outras culturas consideradas estrangeiras deve ser visto, segundo o autor, como algo enriquecedor. Goytisolo vai além, ao afirmar que a modernidade, tal como ele a entende, faz-se possível não em épocas, mas em contextos nos quais a literatura é vivida como uma experiência inovadora, com vistas a devolver à comunidade linguística uma linguagem enriquecida e renovada. O olhar de Goytisolo é, portanto, para essa Espanha multicultural, cuja mescla de povos favoreceu a formação de uma cultura rica, variada e única, ao mesmo tempo. Uma cultura detentora de uma história que tem sido, sistematicamente, negada por muitos. Para o autor, a questão espanhola se fundamenta basicamente na problemática da negação do ser real, histórico, sujeito de lutas, conquistas, vitórias, derrotas, religiosidade, em contraposição à do ser metafísico, transcendental e utópico. Um conflito de foro íntimo que, coletivizado, submeteu o país a uma condição inferiorizada, diante das demais nações europeias, além de enfraquecida e dividida internamente. Situação que se agravou ainda mais com a Guerra Civil espanhola.

Goytisolo destaca, dentro da nova ordem mundial estabelecida a partir da globalização, a necessidade de uma discussão que contemple a questão do preconceito, da dominação étnica e do racismo, com relação não apenas ao Islamismo, mas em toda a sua abrangência, pois considera que esses temas se mantêm na atualidade como pontos pouco discutidos. Os informes veiculados diariamente denunciam que, tanto por parte dos poderes constituídos, quanto pela sociedade em seu contexto maior, há um agravamento dos problemas relativos ao acolhimento e tratamento dos não europeus. A situação de exclusão e marginalidade em que vivem hoje milhares de imigrantes na Espanha aponta para uma tendência de preservação de estigmas que, no passado, consolidaram a diferença entre o “nós” e os “outros” na consciência coletiva dos espanhóis.

Se, ao contrário de outros países europeus, não existem na Espanha partidos políticos que assumam oficialmente uma plataforma política de rejeição e hostilidade em relação ao imigrante, não se pode afirmar o mesmo com respeito às medidas administrativas coercitivas, punitivas e segregacionistas que, historicamente, reforçam o mito da supremacia europeia e da superioridade da raça branca. E, mais uma vez, o discípulo se assemelha ao mestre. Como Américo Castro, Goytisolo não esconde uma dose de pessimismo:

Mi singladura del espacio político y ético es también solitario. Prefiero equivocarme por mi cuenta a tener razón por consigna. Si recibo algún laudo u honor, me inquieto y dudo de mí mismo. Si me declaran persona non grata, como ha ocurrido ya dos veces a lo largo de mi vida, sé que tengo razón (GOYTISOLO, 2001, p.32).

Esse posicionamento do autor quanto ao seu comprometimento político o coloca em destaque dentre a maioria dos escritores da atualidade e em sintonia com as grandes questões da contemporaneidade. Sua crítica extrapola a ação das elites

governamentais, alcançando o mundo acadêmico que, em seu entendimento, ignorou a abertura política e o processo de democratização do país, omitindo-se diante de questões importantes.

Consciente da responsabilidade do escritor em provocar o diálogo intercultural no campo literário, Goytisolo convida o leitor a questionar e buscar, para além das aparências, as verdades que se mostram como belas mentiras que, mesmo à custa de séculos de repetição, nem por isso se tornam verdades. A prática da dominação étnica e do racismo, qualquer que seja o discurso empregado para justificá-los, cobra atenção, para que não se repitam os erros do passado.

2.3. O DISCURSO DA EXCLUSÃO

Compreender que há outros pontos de vista é o início da sabedoria.
Campbell

Tal como o conceito de nação e nacionalidade, o conceito de racismo também se apresenta como um construto social. Está, portanto, sujeito às influências de época, lugar e critérios políticos. Na cultura ocidental, o tema da alteridade associa-se frequentemente ao tema do racismo, e é no discurso que se evidenciam as explicações e justificativas para a prática racista. Diferenças culturais e sócio-econômicas são usadas como critérios indicadores de etnias “inferiores”, como se de algo inerente a determinado povo se tratasse, como se não fossem passíveis de mudança.

Fundamentado nessas concepções estereotipadas, o discurso racista legitima e legaliza a dominação, a exploração e a exclusão, estabelecendo fronteiras bem demarcadas entre o “nós” e os “outros”, como se a cultura fosse algo imanente, estático e imutável. Goytisoló entende que a força do mito também está presente nesse discurso que, por sua vez, remete ao poder da palavra. No ensaio “La Europa del miedo”, a declaração de Goytisoló ilustra esse processo de exclusão pela linguagem:

Leer la prensa europea de las pasadas semanas es internarse en un mundo anacrónico en la medida en que el lector asiste [...] al retorno de una barbarie que creía [...] barrida: mientras Le Pen, agitando y barajando con habilidad los espectros del sida y la inmigración moteja de *sidaicos* a los afectados por el síndrome (todo parecido con *hebraico* es pura coincidencia), propone su envío a *sidatorios* (la inmediata asociación de ideas con crematorios, ¿sería perversa?), reclama la expulsión de todos los inmigrados de origen no europeo (eso sí, ‘con elegancia’ y ‘a la francesa’ [...]) (GOYTISOLO, 1995, p.290 - 291).

Nesse sentido, as teorias de Foucault e de Edward Said se colocam como base para se compreender o pensamento de Goytisoló sobre a exclusão exercida a partir do discurso. Foucault (2008), em sua obra *A ordem do discurso* fala sobre o lugar do discurso e do poder que lhe é conferido. Esse poder, exercido segundo uma intencionalidade em determinadas circunstâncias históricas, define toda uma forma de pensar uma determinada questão, podendo tornar-se um mecanismo de exclusão, por meio da interdição, da rejeição e da vontade de verdade. Nesse aspecto, poder-se-ia considerar o perigo que ela representa já que: “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta; o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p.10).

Foucault (2008, p.39) cita as “sociedades de discurso” que os produzem e preservam, fazendo com que eles sejam veiculados em espaços específicos e distribuindo-os sob determinadas regras, sem que, com isto, seus detentores

percam sua posse. O discurso ocidental, legitimado pelas instâncias produtoras (Igreja, Estado e, atualmente, a própria mídia), é considerado por Goytisoló estratégia de dominação e de exclusão que divide o mundo segundo um critério maniqueísta de Bem e Mal. Assim, caberia ao mundo oriental, – bárbaro, atrasado, inferior e sanguinário - a responsabilidade pelas tragédias e o dever de aprender com o Ocidente – superior, desenvolvido, democrático e justo.

Nesse contexto, é oportuno lembrar que Edward W. Said se projeta no mundo acadêmico quando, em consonância com as ideias de Foucault, mostra a possibilidade de compreender a história como uma luta pela linguagem, e não apenas como a luta de classes proposta na teoria marxista que prevaleceu por tanto tempo. É interessante observar que Goytisoló, assim como Edward Said, defende a mesma interpretação da cultura, como se comprova na citação daquele na página 47 da obra *Tradición y disidencia*: “Como no me canso de repetir, una cultura es, a fin de cuentas, la suma total de las influencias que ha recibido a lo largo de los siglos” (GOYTISOLO, 2001, p.38). Na conceituação de Said: “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo [...]” (SAID, 1995, p.28).

Edward Said argumenta que a imagem do Oriente conhecida pela cultura ocidental foi intencionalmente construída pelos produtores do discurso oficial veiculado no mundo inteiro. Ela tem como fundamentação não a exclusão mas a manutenção da condição de inferior para os povos orientais, sem o que a cultura ocidental perderia sua referência de superioridade e a legitimação de seus interesses de dominação.

Sintonizado com tais questões, Goytisoló propõe uma revisão da História da Espanha, não somente pelo questionamento dos mitos do passado, mas, talvez mais ainda, pelo conhecimento do poder da linguagem e de seu uso como estratégia de alienação, dominação e exclusão. Afinal, como ele afirma:

[...] mi labor ha consistido en desdibujar lo que aparece como fijo; mi labor de escritor ha sido cuestionar estas imágenes icónicas de la cultura española incapaces de abarcar la riqueza de su propio contenido. Creo que la labor del intelectual consiste en deshacer estos íconos y mostrar que la realidad es mucho más rica... (GOYTISOLO, 2001, p.49).

O autor questiona o discurso estabelecido, o canônico e defende que o aprofundamento dessas questões revela mais a fragilidade do discurso que a compreensão do real. Goytisoló mostra que, no uso da linguagem, a seleção de vocábulos utilizados para referir-se ao que não é espanhol tem intenção de denegrir, inferiorizar, tornar ilegal, suspeito, etc. Ou seja, há uma manipulação linguística com vistas a reafirmar a superioridade ocidental sob a perspectiva de se tomar como valores o que é apenas diferença. Obviamente, não se aplica a mesma lógica quando se trata das diferenças da cultura oriental e, mais especificamente, da cultura islâmica, como destaca Goytisoló.

O aspecto de uma exclusão construída pelo poder do discurso, como afirma Goytisoló, é analisado na tese de doutoramento de Fawzi Shafik El Sharkawy (2000), que inclui uma entrevista com o autor. Essa tese destaca alguns exemplos de determinados autores cujos discursos são claramente discriminatórios: “[...] Montesquieu: [...] ésta inundación de mahometanos ha traído consigo el despotismo”, Menéndez Pidal: “[...]: gran diluvio sarraceno” y Ortega: “[...] los árabes no forman un ingrediente esencial en la génesis de nuestra nacionalidad” (apud SHARKAWY, 2000, p.273). Já Goytisoló adverte:

la doble obsesión racista y patológica – presente en personajes tan dispares como Quevedo y Hitler – se remonta en verdad hasta las primeras décadas del pasado siglo, y quienes ahora especulan con ella con fines electorales no hacen sino seguir la pauta de los antisemitas europeos de la época del proceso Dreyfus y de la redacción fraudulenta por la policía zarista del protocolo de los sabios de Sión (GOYTISOLO, 1995,p.291-292).

Outro autor, cuja teoria corresponde ao posicionamento crítico de Goytisoló, que analisa o tema da exclusão na atualidade é Teun A. van Dijk. Também para esse teórico a prática do racismo na Espanha deve ser estudada em sua dimensão histórica, pois sua origem remonta ao século XV, quando a intolerância do catolicismo, as conquistas coloniais e a Reconquista se influenciaram reciprocamente, fortalecendo a até então insignificante dominação sobre os árabes, judeus, ciganos e todos os demais povos conquistados: “Con lo cual 1492 marca el final y el principio de una era de encuentros étnicos o ‘raciales’ con los ‘otros’, cuyos efectos duraderos han influido notablemente sobre la conciencia colectiva española” (VAN DIJK, 2003, p.21-22).

Van Dijk considera que, na atualidade, o discurso foi suprimido pela prática racista, pois na proporção em que os termos que depreciam os imigrantes diminuem no discurso político, tanto dos partidos de esquerda quanto de direita, aumentam as medidas coercitivas e punitivas para impedir a entrada e permanência dessas pessoas nos países europeus. O léxico adotado com referência ao “outro”, o que não é espanhol, procura manter-se dentro do que se considera como discurso politicamente correto, com o uso de palavras como imigrante, estrangeiro, pessoas, cidadãos, geralmente com a menção ao país de origem.

Uma análise da linguagem empregada no texto *da Ley Orgánica Reguladora de los Derechos y Libertades de los extranjeros* “Boletín Oficial del Estado (12 Janeiro 2000 núm. 10), realizada por van Dijk comprova as estratégias de legitimação da violência e da exclusão por meio do discurso. Observa-se a preocupação em justificarem-se as medidas adotadas contra os imigrantes, assim como a intenção em caracterizá-los negativamente. Segundo suas palavras, “[e] sta representación negativa de los “otros” está fuertemente vinculada a representaciones positivas similares de ‘nosotros’, nuestra tolerancia y solidaridad, nuestros principios legales, y así sucesivamente” (VAN DIJK, 2003, p.42). Assim, o discurso que constroi a figura do “outro”, apresentando-o como diferente, violento, ilegal e inferior, reforça, ao mesmo tempo, a representação positiva do “nós”- os espanhóis solidários, tolerantes, legais e superiores. Em *Coto vedado* Goytisoló analisa o poder do discurso construído para difundir uma ideologia e no contexto pós Guerra Civil, para escamotear a verdade e ocultar a verdadeira história. A exclusão se configura pelo discurso oficializado:

[...] por otro, aceptabais sin ninguna clase de reservas la versión oficial de la contienda expuesta por la radio, periódicos, profesores, familia y cuantas personas os rodeaban : una Cruzada emprendida contra una República manchada con toda clase de abominaciones y crímenes.[...]. Sólo en la universidad, al relacionarte con un compañero de ideas hostiles al Régimen y conocer gracias a él los libros que exponían la guerra civil desde un punto de vista opuesto, la venda cayó de tus ojos (GOYTISOLO, 1985, p.65).

As conclusões de van Dijk vão ao encontro do posicionamento político e intelectual de Goytisolo. Ambos enfatizam que o abuso de poder, o uso da força, a manipulação e a desinformação passam pela construção do discurso. E, no caso da sociedade espanhola, suas análises se complementam. Partindo de uma visão histórica apresentada por Goytisolo, que chega até a contemporaneidade e cujos contornos se delimitam com os estudos de van Dijk, o discurso da exclusão se apoia na força do mito.

Em sintonia com o pensamento de Goytisolo se alinha Joan Oleza, também catalão e também escritor. Professor da Universidade de Valência, autor de vários estudos sobre o teatro espanhol dos séculos XVI e XVII, esse escritor vê, com a mesma preocupação de Goytisolo, os rumos políticos estabelecidos pelos países ocidentais para si e para os países pobres. A rejeição do outro, com prática em grande parte alimentada pelos mitos, representa seu papel de forma muito real. A globalização, contraditoriamente, reforçou as fronteiras geográficas e derrubou as barreiras da informação. Agora o mundo da opulência é exibido para os miseráveis e excluídos por meio da televisão e da internet, entre outros. A possibilidade, ainda que remota, de participar das benesses do Primeiro Mundo impulsiona o enfrentamento de um enorme contingente humano, mesmo que não seja, na atualidade, por meio de expedições militares como no passado:

Las vías serán las que utilizarán esas tropas de fugitivos en pateras, en contenedores infernales, en los trenes de rodaje de los aviones, en camiones, como falsos turistas; la reconversión de las ciudades de identidad más orgullosa en metrópolis integradas por colonias multiétnicas; la infiltración sigilosa de ejecutores dispuestos al martirio en nombre de

una venganza sagrada contra los ciudadanos más desprotegidos de esos estados que oprimen a sus pueblos (OLEZA, 2004, p.133).

Ao contrário do que demonstrava no início de sua produção literária, Goytisolo é pessimista com relação ao poder da literatura para realizar qualquer tipo de mudança. O escritor insiste na necessidade da definição de normas que possibilitem uma convivência de respeito mútuo e tolerância. Vê como irreversível o processo de imigração de que trata Oleza e acredita que o convívio entre diversas etnias dentro de um mesmo espaço pode resultar em uma grande riqueza cultural, com vantagens inestimáveis para todos, desde que as diferenças sejam entendidas como necessárias. E conclui: “ Yo estoy por la defensa de las identidades culturales, pero no a costa de repetir ese ciclo de exclusiones”(GOYTISOLO, 1999, p. 6).

Goytisolo reconhece que as histórias nacionais se fundam em elementos míticos, assim como realça a importância destes como fator de aglutinação e de identidade de um povo, mas alerta para o perigo que representam quando deixam de ser considerados como tal e se tornam argumentos incontestáveis a serviço da repressão, da violência e da exclusão. Ao encobrir ou escamotear a verdade, o mito revela toda a sua força destrutiva e justifica genocídios tais como o holocausto, a faxina étnica promovida em Sarajevo e Chechênia, e o tratamento preconceituoso e desumano aos imigrantes que chegam à Europa na atualidade.

O questionamento e a destruição dos mitos representam, para Goytisolo, mais que um compromisso humano, um desafio. A destruição criadora pode, de certa forma, colaborar para o despertar das consciências, do respeito, da observância das normas de tolerância e do convívio fecundo entre as distintas culturas. Goytisolo

reivindica, dentro da Literatura, esse espaço de diálogo, mesmo reconhecendo que há pouca liberdade de expressão e também poucos intelectuais cujas vozes se façam ouvir.

Seu compromisso em contribuir para a busca de mudanças positivas para a sociedade se reflete na busca de uma renovação literária. Como exemplo bastante ilustrativo dessa proposta, pode-se citar a forma como trabalha o gênero autobiográfico, tema que será abordado a seguir. Com vistas a um estudo mais significativo das obras elencadas, considera-se oportuna uma revisão, mesmo que breve, dos conceitos do que seja a autobiografia. Com esse objetivo, desenvolveremos o terceiro capítulo.

3. AUTOBIOGRAFIA: ALTERIDADE E MULTICULTURALISMO

La autobiografía vela una desfiguración de la mente por ella misma causada.

Paul De Man

A alteridade, um dos tópicos que a modernidade abraça tem em Goytisolo um enfoque atualizado. Aparece pela primeira vez em *Coto vedado* no trecho em que o autor menciona as histórias contadas por María, uma pessoa que durante algum tempo trabalhou em sua casa. Eram histórias de violência praticada pelos mouros. Tais relatos provocavam no menino Goytisolo sensações de medo que, então, associava a esses povos. A narrativa oral cumpria o papel de divulgar uma imagem

do “outro” que infundia o terror e sedimentava no imaginário infantil a crença em valores estereotipados:

Sus historias de violaciones, orejas cortadas, cabezas guardadas en mochila a causa de sus dientes de oro, desenterraban de hecho, con un barniz de propaganda antifacciosa, la vieja fantasmagoría hispana forjada en los siglos de la mal llamada Reconquista. Como en muchos españoles de mi generación, el término ‘moro’ se asoció en mí, desde fecha temprana, a unas vagas e inquietantes imágenes de violencia y terror (GOYTISOLO, 1985,p.74).

O autor conclui que foi necessário que decorressem vinte anos para que tomasse consciência do conceito espanhol de “diferente”. Desse modo, percebe o conflito gerado pelo choque entre duas culturas distintas onde uma se coloca como superior à outra e se mantém nessa posição sobre uma base de valores intencionalmente construídos. A identificação com o “outro” ameaçado e perseguido é considerada por Goytisolo como um elemento de aproximação e de inspiração para a sua vida e obra.

Sua crítica ao tradicionalismo espanhol e a negação da história, dita real, coloca em cena a presença do “outro”, do “diferente” que, como componente cultural integrante na formação da identidade espanhola, é considerado alteridade. O autor questiona essa identidade espanhola que se auto-afirma pela negação. Os estudos de Emmanuel Lévinas (2004) e Tzvetan Todorov (1994) corroboram sua crítica. Para Emmanuel Lévinas: “[...] Outrem não é, primeiro, objeto de compreensão e, só depois, interlocutor; as duas relações se confundem”. Dito de outra forma, “da compreensão de outrem é inseparável sua invocação” (LÉVINAS, 2004, p.27). Esta concepção parece coincidir com o que Goytisolo entende por alteridade: uma

relação construída na dialética da convivência, mesmo que nem sempre pacífica, mas que reconhece e aceita os valores do “outro”.

Esse “outro” também não se configura como um ser já completo e acabado, mas em permanente processo de construção, que só se realiza na interação com os demais. Observa-se, também, uma aproximação entre a interpretação de Goytisolo e a teoria de Tzvetan Todorov, para quem as práticas discriminatórias no tratamento com o outro, a intolerância e a violência, características da sociedade espanhola no período de colonização da América persistem na atualidade e estão disseminadas em outros países europeus. Por outro lado, considerando que houve uma conquista e consequente dominação por parte dos árabes sobre os povos que viviam na Península Ibérica, haveria de se cogitar uma superioridade árabe, qualquer que fosse o sentido que se atribuísse a ela. E com relação a esse tema, caberia analisar de que lado essa vantagem estaria. Também nesse aspecto, o contexto espanhol é bastante singular.

Há consenso em Todorov e Goytisolo em que, na cultura europeia, o “outro” é sempre o diferente. Reconhecer e aceitar essa diferença poderia ser o ponto de partida para se vivenciar a alteridade de modo menos conflitante. Não foi o que ocorreu, não só com relação às culturas árabe e judia que coexistiram na Espanha, como também com as dos povos indígenas da América que a Espanha subjugou. De alguma forma, a questão da alteridade se associou a uma essência nacionalista cristã espanhola, que resultou em guerras, conflitos, massacres e extermínio. Nesse contexto, perde significação a premissa de que o homem se constitui como sujeito na interação e interdependência com outros indivíduos: ele passa a existir contra o

“outro”. Essa espécie de alteridade inversa é comentada por Goytisolo ao tratar do mito da espanholidade e da rejeição ao não espanhol:

Un ángel tutelar velaría por nuestra privilegiada ‘esencia’ a prueba de milenios, por nuestro espíritu ‘unido por las raíces a lo eterno de la casta’. La defensa de esta esencia, de este espíritu, de esta casta habría determinado, a lo largo de los siglos, la existencia de una lucha biológica, necesaria contra la mortal agresión de los ‘anticuerpos’: judíos, moros, protestantes, enciclopedistas, liberales, masones, anarquistas, marxistas [...] (GOYTISOLO, 1978, p.139).

Essas peculiaridades da sociedade espanhola resultaram em uma riqueza que a distingue das demais sociedades europeias. Entretanto, como registra Goytisolo (2002, p.24), poucos historiadores reconheceram o valor e a importância de seu estudo e divulgação. Isso explica, em parte, sua grande admiração por Américo Castro, autor que se dedicou com afinco a esse trabalho. E Goytisolo não dissocia o trabalho de reescritura da história da Espanha de um questionamento de seus mitos e falsas essências, por serem eles participantes no destino dos povos que escolheram a Espanha, segundo Américo Castro, como “morada vital”.

Em *O que é a Literatura*, Sartre (1989) afirma que o ato de escrever pressupõe uma ação de desnudamento, ou seja, ao escrever, o escritor revela o mundo e se revela. Ao dar uma forma textual à sua experiência, o escritor reconstrói uma realidade a partir da qual os fatos narrados adquirem novos significados. Esse conceito de literatura como forma de se dar a conhecer enlaça simultaneamente autor e obra, o que gera uma situação bastante complexa, na medida em que lida com conceitos polêmicos tais como verdade e realidade.

Frequentemente se afirma que pela obra se pode conhecer o escritor. O que se pode dizer então do relato autobiográfico, um gênero que por definição desnudaria parcialmente ou até mesmo por completo o seu autor? E de que forma se configura a identidade do autor quando este é também narrador e personagem? Considerado como um relato da realidade vivenciada pelo escritor, há de se ter presente que a verdade contida na narrativa autobiográfica está permeada por um critério seletivo, julgamentos e valores do momento da escritura que são, por sua vez, plasmados por visões de mundo, inexistentes à época das experiências que se propõe narrar.

Nesse aspecto pode-se considerar o caráter híbrido dessa forma de narrativa, pois a verdade expressa será sempre a verdade do eu enunciador, que necessariamente fará uso dos elementos formais da ficção para dar corpo ao seu relato, isto é, pela linguagem o escritor recria suas experiências. Essas, ao se tornarem matéria textual, se ficcionalizam. Tais questões, por sua relevância dentro do gênero autobiográfico, não poderiam ser excluídas do presente estudo. E assim serão comentadas e exemplificadas dentro das obras de Goytisolo selecionadas para esta pesquisa.

Com distintas denominações na Literatura, o relato autobiográfico sempre se fez presente. Confissões, memórias, diários, etc, foram termos usados para mencionar o gênero que por muito tempo esteve relegado, por não ser considerado como texto canônico. Registra-se, entretanto, a partir das últimas décadas do século XX, um interesse crescente pelo tema. Teóricos como W. Dilthey (1976), James Olney (1988), Georges Gusdorf (1991), Jean Starobinski (1991), Philippe Lejeune (2008), entre outros, são autores que se dedicaram ou se dedicam aos estudos da chamada escritura do “eu”.

Embora ainda se observem divergências sobre alguns pontos, tais como origem, definição, desenvolvimento e amplitude do gênero autobiográfico, significativo número de estudiosos do tema apresentam consenso quanto à sua importância e processo de desenvolvimento. Anotam ainda o fato de que abarca, além da própria autobiografia, os relatos de viagem, romances, filmes, entrevistas, teatro, autorretrato, etc. Segundo Starobinski (1991), o relato autobiográfico seria uma interpretação feita pela pessoa sobre si mesma, e como o “eu” que narra está separado do “eu” narrado, embora contenha marcas históricas, existenciais, documentais, etc, a narrativa é ficcional. Para esse autor, a autobiografia exige, como condições básicas, que haja identidade entre o narrador e o sujeito da narração, que o relato não seja descritivo e que cubra um período de tempo suficiente para que se configure a trajetória de uma vida que será sujeito e objeto da narrativa.

James Olney (1988) propõe o estudo da narrativa autobiográfica a partir da constituição e desmembramento do próprio termo autobiografia – “autos”, “bios” e “graphé”. O autor considera que, em sua primeira fase, os textos autobiográficos foram interpretados como textos documentais que buscavam retratar com fidelidade uma vida. Nessa fase, os estudos teriam como foco a etapa “bios”. Inscrevem-se nessa característica de bios os estudos de Dilthey (1976), que considera a narrativa autobiográfica em um duplo aspecto de organização e interpretação da realidade vivida, ao atribuir um sentido aos fatos vivenciados. Nessa perspectiva a memória, entre outros fatores, evidencia a impossibilidade de reproduzir o passado e assegurar veracidade e exatidão à narrativa.

Em seu estudo “La Muerte es un apuro Lingüístico: Reflexiones sobre la Autobiografía” GUTIÉRREZ (1991) discorre sobre a etapa do “autos” e concorda com GUSDORF (1991), para quem a narrativa autobiográfica gera um desdobramento do eu, e dentro da qual a escrita recuperaria o eu e suas experiências por meio do eu que se estabelece no ato da escrita. Esse autor afirma que: “La narración nos aporta el testimonio de un hombre sobre sí mismo, el debate de una existencia que dialoga con ella misma, a la búsqueda de su fidelidad más íntima” (GUTIÉRREZ,1991, p.5). Nesse sentido, o escritor perde sua idoneidade testemunhal e assume a condição de um sujeito em busca de sua identidade. Gutiérrez afirma:

Durante esta época del ‘autos’ hay algo tremendamente confuso: desposeída de referencialidad la narración, de autoridad el autor, de veracidad lo (sic) hechos, la autobiografía no es posible y sin embargo en las narraciones autobiográficas parece residir un contenido cognitivo importante al que hay que encontrarle fundamento (GUTIÉRREZ, 1991, p.5-6).

A observação de Gutiérrez destaca não só a complexidade do tema que procura dar conta de questões tão problemáticas como conciliar em um mesmo sujeito narrador dois “eus” já irremediavelmente separados; fundir em um mesmo corpus o real e a ficção, o privado e o público, e ainda assim preservar o pacto com o leitor. No entanto o gênero, questionado em seu aspecto de literariedade, suscita o interesse do leitor e cobra a atenção dos estudiosos. E, de forma especial, quando a obra que se coloca em análise rompe com o canônico, apresenta uma originalidade que substitui a ausência de referencialidade, consolida o pacto com seu leitor e revela a sua verdade. Vários críticos situam nessa classificação a narrativa autobiográfica de Goytisolo.

A terceira fase proposta por James Olney corresponde à graphé. Nessa etapa, o foco recai sobre o sujeito e a linguagem. O desdobramento do eu citado por Georges Gusdorf (apud GUTIÉRREZ, 1991) levaria a um desdobramento infinito do eu narrado, afastando-o cada vez mais de uma vida real. Em consequência, a linguagem se transforma em instrumento de retórica, pois as palavras não captam mais o sentido do ser e se esvaziam de sentido e o que seria em princípio fato se torna tão somente ficção.

Para Lejeune (2008) o pacto autobiográfico estabelecido entre o autor e o leitor dá a este último a garantia de que autor-narrador-protagonista são a mesma pessoa pois embora a personagem não seja nomeada o autor assumiu publicamente que ele é o próprio narrador e por conseguinte é também a personagem, já que se trata de uma narrativa autodiegética:

A história da autobiografia seria então, antes de tudo, a história de seu modo de leitura: história comparativa na qual poderíamos fazer dialogar os contratos de leitura propostos pelos diferentes tipos de texto (pois de nada adiantaria estudar a autobiografia isoladamente, já que, assim como os signos, os contratos só têm sentido por seus jogos de oposição), e os diferentes tipos de leitura a que esses textos são realmente submetidos. Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, alguém, uma inverificável semelhança com uma pessoa real, mas sim de ir além, para verificar, no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz (LEJEUNE, 2008. p. 46-47).

Essa asserção retoma o que seria o aspecto comum básico para grande parte dos teóricos, algo como um protocolo a se cumprir – o pacto autobiográfico. A narrativa estabelece uma relação discursiva com o leitor, mais pelo seu conteúdo que por sua forma específica e, no caso de Goytisolo, cabe ao leitor buscar a referencialidade histórica e detectar a continuidade dentro da estrutura textual, já que em seu relato a

questão do tempo está relacionada muito mais ao fluxo da memória que à cronologia dos fatos.

Goytisolo declarou em uma entrevista concedida a ABC, em 21 de abril de 2000: “Nadie puede autodefinirse. Es la mirada de los demás la que le configura a uno. No sé realmente quién soy”. Considerando que grande parte de sua narrativa apresenta elementos autobiográficos - *Reivindicación del conde Don Julián, Juan sin Tierra, Señas de Identidad, Cuadernos de Sarajevo* -, poderia pensar-se em uma contradição de sua parte não somente em termos da autobiografia como também do espaço onde o autor - que afirma “no sé realmente quién soy” – se escreve. E ainda pelo fato de que, na qualidade de crítico, o escritor busca a objetividade, o real, o possível, o que não se evidencia em sua narrativa autobiográfica. Essa questão é polêmica e contemplá-la neste estudo, poderia levar a um objetivo diferente daquele que nos propusemos.

A preocupação com a fidelidade ao real é comentada pelo autor em “Un dios caído”, publicado na revista ABC, de 1 de novembro de 1986. Ali, o autor enumera os motivos mais comuns que impulsionam o escritor à narrativa autobiográfica e enfatiza: “[...] me refiero, en primer lugar, al ejercicio de rigor de someter la imaginación creadora a los límites estrictos de lo vivido y, [...] de poder medir, a pesar de ello, la infranqueable distancia que separa la realidad del texto” (GOYTISOLO, 1986, p.3).

Navajas (1979) opina que o trânsito entre o real e a ficção na narrativa autobiográfica de Goytisolo demonstra preocupação do autor em exorcizar os “fantasmas” que povoam suas memórias da infância e que, dessa forma, procura livrar-se deles. Como já se afirmou em capítulo anterior, as experiências traumáticas

vividas quando criança são percebidas pelo autor com muito maior intensidade em sua vida adulta. Se é possível falar de um sofrimento racionalizado, depurado no decorrer da vida, claramente se perceberá que o sofrimento causado pela morte da mãe, acentua-se com o passar do tempo:

Sólo veinte años después - durante los preparativos del montaje de la película [...] el horror que presidió sus últimos instantes se impuso a tu conciencia con abrumadora nitidez.[...] La cámara recorre con lentitud, en primer plano, el rostro de las víctimas y empapado de un sudor frío, adviertes de pronto la cruda posibilidad de que la figura temida aparezca de pronto. Por fortuna, la ausente veló de algún modo en evitarte, con pudor y elegancia, el reencuentro traumático, intempestivo. Pero te viste obligado a escurrirte del asiento, ir al bar, tomar una copa de algo, el tiempo necesario para ocultar tu emoción a los demás y discutir con ellos del filme como si nada hubiera ocurrido (GOYTISOLO, 1985, p.64).

O fragmento ilustra o processo de fragilização emocional do autor com relação às perdas afetivas e, de forma especial, à perda de sua mãe. A escritura poderia, nesse caso, ser uma forma de buscar o equilíbrio emocional ao permitir-lhe experimentar um processo catártico, mas Goytisoló, pelo que se deduz, descarta tal possibilidade. Em entrevista concedida a Silvia Isabel Gómez, em 1º de junho de 2002, afirmou: “Nunca los pensé [os livros autobiográficos] como un ajuste de cuentas, una provocación o por afán de escandalizar. Intentaba decir lo que fue mi vida, pero con un sentido de autocrítica”.

Sartre (1989) afirma que, ao escrever, o autor convida o leitor a participar na transformação do mundo e a Literatura é o meio pelo qual o escritor propõe a criação de novas realidades. Realidade que, ao ser mostrada, resulte em mudanças na estrutura da sociedade. E se “escrever-se” pressupõe um desnudamento, um trazer a público o que até então era particular e íntimo, há de se considerar uma mudança que tem início a partir da própria linguagem utilizada.

Goytisolo tem em sua experiência de exílio um fator positivo em sua formação literária. E sua narrativa autobiográfica parece ser um bom exemplo dessa experiência singular. Retomemos suas palavras em entrevista a El País, Madrid (31/01/1985): “[...] *Coto vedado* es un libro que le debe todo a España y nada a la tradición literaria española.[...]. Este libro debería ser forzosamente la obra de un español que ha vivido muchos años fuera”. Goytisolo já não se considera um exilado. O fim da ditadura franquista marca também o fim de seu exílio cultural, político, bem como daquele imposto pelas editoras durante longo tempo.

De acordo com FUENTES (1993), pode-se dizer que a tradição e a criação não são variáveis excludentes, e conceitos maniqueístas como realismo e fantasia, nacionalismo e cosmopolitismo, compromisso e formalismo devem, sim ser considerados no campo de possibilidades de novos horizontes para a narrativa.

E se o escritor define seu lugar pela escrita, como se daria o lugar do autor no relato autobiográfico de um escritor que afirma que seu lugar é uma ausência de lugar? “Tras muchos apuros y un lamentable desconcierto di al fin un día con la respuesta: ninguno” (GOYTISOLO, 2001, p.31). E com este paradoxo – autobiografia – ausência de lugar desenvolve-se o próximo item.

3.1. O LUGAR DO AUTOR

Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.
Antonio Machado

No ensaio *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin (1987) expõe a problemática do homem moderno que carece de “experiência para transmitir”, de forma oral, como os

povos antigos costumavam fazer em pequenas vilas e lugarejos no contexto da tradição familiar, ou pela troca entre aqueles que habitavam ou passavam por um determinado lugar. A era moderna, marcada pela falta dessa experiência de transmissão oral, resulta na herança de escassez da arte de narrar a própria história, ou transmitir um conselho, etc.

A limitação que envolve o ato de narrar não significa, entretanto, a extinção total do desejo, inerente ao ser humano, de compartilhar com o outro suas idéias, de se expressar sobre seus dilemas existenciais, etc. A narrativa linear do passado deu lugar a uma narrativa entrecortada e entremeada pelo fluxo de pensamento, pelas digressões, pela transdiscursividade e pela dinâmica do discurso. A temporalidade se torna um item importante a ser considerado, quando se trata da narrativa moderna, contemporânea, ocidental, marcada pelo regime capitalista e por suas influências no modo de vida, especialmente no que diz respeito à própria utilização do tempo.

É interessante frisar que Walter Benjamin, em outro texto intitulado “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1983) retoma o tema da narração de tradição oral e associa-o também à modernidade. Segundo Benjamin, as transformações radicais que se impuseram ao ser humano o privaram da capacidade, até então considerada como inerente e natural, de compartilhar suas experiências. Isso equivale a dizer que a narrativa oral perde sua força vital. O autor considera essa morte da narrativa como ‘um processo que vem de longe’ e não apenas uma ‘característica ‘moderna’. Benjamin observa também que: “[...] esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se

desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas” (BENJAMIN, 1983, p.201).

Uma rápida revisão da problemática que envolve os criadores de uma obra sugere uma investigação em um passado mais remoto. Especialmente na Idade Média, a figura do autor desfrutava de menos valor que aquele conferido à sua obra. Em geral, valorizava-se o texto que interessasse aos que detinham algum poder sobre determinada sociedade. No fim desse período e no Renascimento, o foco volta-se, aos poucos, para o autor ou produtor de uma obra. A discussão sobre a importância e o lugar do escritor ganha força no século XX com pensadores como Foucault, Roland Barthes e Derrida, principalmente. Além desses, muitos autores de ficção também se dedicaram ao tema, seja por meio de suas personagens, seja por textos críticos como ensaios, teses, entre outros.

Entre os autores que abordaram a temática do lugar do escritor na narrativa ficcional destaca-se o nome do argentino Jorge Luis Borges (1899 – 1986), um dos precursores do tema, ao declarar em um texto de 1957: “Não sei qual dos dois escreve esta página” e assina, no final do conto: “Borges e eu”. (1988). Essa afirmação parece reconhecer uma distância entre aquele que assina e aquele que se materializa no texto pela voz do narrador ou que dota de “vida” as personagens.

Com essa afirmação Borges acende a polêmica sobre a autoria não apenas na ficção hispano-americana contemporânea, como também em outros contextos e em outras formas de criação, não se atendo à literatura, mas a qualquer ato que envolva a produção da arte em geral. Em princípio, parece evidente que o escritor propõe uma distinção entre a figura pública que assina seus textos e sua pessoa, isto é, o indivíduo Borges. Tal fato, entretanto, gera um paradoxo, pois entre o aparecer e o distanciar-se no interior de seus textos, a figura do autor, sua marca, seu estilo, sua

história nunca serão apagados. Ele será sempre “um outro” que será sempre “um mesmo”. A análise de Randolph D. Pope, em “La elusiva verdad de la autobiografía: En torno a Coto vedado de Juan Goytisolo” (2002), exemplifica o paradoxo já mencionado:

Ocupado de su figura, [...] ha descartado sin embargo erigirse una imagen monumental; más bien, ha ido dando casi línea a línea una visión plural, una dispersión de palabras que no se dejan encasillar en la pauta narrativa, vaciando al lenguaje de tal manera que de su oquedad surge la presencia sugerida de una persona real en continua transformación y que por lo tanto no puede saber de una vez para siempre quién es, no puede resumirse o sumirse en palabras (POPE, 2002).

Sabe-se que na cultura ocidental moderna, comumente, associa-se a Ciência à Verdade. Assim, os textos da História seriam documentos comprobatórios, e ocupariam uma posição elevada em comparação aos textos ficcionais. Em contraponto, a mentira habitaria a ficção aristotélica. E como se situa o escritor nesse meio? Goytisolo responde:

[...] entre lo ‘real’ real y lo ‘real’ literario intervienen, en efecto, una serie de factores mediáticos – opinión común, leyes de verosimilitud, convenciones estéticas y morales [...], que el novelista tradicional – manipula con arte y astucia, sin la menor pretensión de inocencia: a ningún lector avezado a los trampantojos y espejismos de la novela se le ocurrirá tomar por mujeres y hombres de carne y hueso personajes que no son otra cosa que seres de papel (GOYTISOLO, 1986).

Alguns aspectos, como o uso da primeira pessoa, a comprovação de alguns fatos narrados levam à classificação de um texto como autobiográfico. Porém, a veracidade de uma história resgatada pela memória conduz a outras questões conectadas às reminiscências, ao esquecimento e tantas outras que a envolvem, alertando para a questão dos limites entre a autobiografia e a ficção. Pensar qual seria o lugar do autor na produção de Goytisolo passa pela revisão das condições

históricas da sociedade espanhola que influíram na constituição de sua subjetividade, na experiência com as perdas e no distanciamento que tratou de enfrentar por meio da escritura. Talvez se possa pensar que seu lugar não seja exatamente “uma ausência de lugar”, como o autor afirmou, mas um espaço comum onde as diversidades se manifestam.

Em *Coto vedado* algumas passagens apontam para a visão de Goytisolo do que se poderia considerar, como o lugar do autor: “[...] *convertir la vida en estilo sería ingenuidad o pretensión dignas de un alquimista : tu arduo, ininterrumpido forcejeo con la escritura no te ha procurado todavía el secreto de la piedra filosofal*” (GOYTISOLO, 1985, p.193). Nesta primeira perspectiva o lugar do autor estaria, para Goytisolo, relacionado à própria motivação da escrita. A narrativa como condição para manter vivo, como no relato das *Mil e uma noites*, definiria o lugar do autor. E desse modo a dificuldade de transpor para a escrita a experiência de toda uma vida, o risco de faltar à verdade nos lapsos de memória, evidenciam, por sua vez, a quase impossibilidade de delimitar, com segurança o lugar do autor.

Outra alusão ao topos do autor, em *Coto vedado*, refere-se também à dificuldade do processo da escritura e do desafio que o escritor, comprometido com seu trabalho, deve enfrentar:

Frente a la polución verbal de la producción editorial ordinaria, la fuerza moral de candar el pico y tragarse las propias palabras es y será una conmovedora manifestación de fidelidad personal a una vivencia, gozada y sufrida por el escritor como una lenta y suave devoración: nuevo y

desgarrado Prometeo que, a la porfía del águila, no puede ofrecerle ya la carnada de su hígado milagrosamente rehecho (GOYTISOLO, 1985, p.221).

A fala de Goytisolo aponta para a qualidade duvidosa de determinadas obras, o que não deixa de assegurar um lugar ao autor. Por outro lado mostra que esse lugar é, muitas vezes, estabelecido mediante um processo de sofrimento e desgaste, por meio do qual ato de escrever em si remete a uma entrega total do criador, cuja vida se define no processo mesmo da criação. A escrita de si como uma viagem ao passado, revista e analisada á luz da experiência presente, é o que oferece Goytisolo em *Coto vedado*.

3.2. VIAGEM E ESCRITURA

Este libro debería ser forzosamente la obra de un español que ha vivido muchos años fuera, [...] que ve a España de una manera muy distinta. En cierta forma, este libro llena un vacío de siglos y es por esa razón, anacrónico. Este libro debió aparecer hace dos o tres siglos. Es ese carácter de novedad y de algo esperado a la vez, lo que espero que lo acerque al lector. Considero además que esta obra hará comprender mejor al lector el resto de mi obra literaria adulta (GOYTISOLO, El País, 31-5-1985).

Coto vedado apresenta uma narrativa que alterna a primeira, a segunda e, por vezes, a terceira pessoa do singular e está dividida em duas sequências básicas. A narrativa tem início com a referência a uma personagem de Andrei Biéli em *Petersburgo* e já antecipa uma crítica ao próprio gênero autobiográfico no que se refere à descrição da árvore genealógica. Segundo o narrador, toda genealogia vai levar sempre a um mesmo antepassado: Adão. (BIÉLI, 1992, p.13).

Na primeira parte, o autor-narrador relata sua infância e adolescência, iniciando com a apresentação da saga de seus antepassados. Percebe-se, aí, uma crítica à pretensa nobreza alardeada por seu pai, e também à forma espúria pela qual amealharam sua fortuna. Em outras palavras, Goytisoló condena e se sente envergonhado com relação à prática, comum à época, de utilização da mão-de-obra escrava. Tal foi o caso de seu bisavô, Agustín Goytisoló, proprietário de terras e de engenhos de açúcar em Cuba e cuja fortuna foi assim construída.

Esse fato vem a público, no âmbito familiar, quando um tio descobre, nos arquivos da família, entre outros documentos, cartas de antigos servos de Agustín Goytisoló, que lhe faziam solicitações de diversa natureza. O teor das cartas deixava bem clara a relação de total submissão ao amo. O autor confessa que o impacto que lhe causou a descoberta desses episódios contribuiu para sua militância no Partido Comunista. Registra textualmente:

Una tenaz, soterrada impresión de culpa, residuo sin duda de la difunta moral católica, se sumó a mi ya aguda conciencia de la iniquidad social española e índole irremediabilmente parasitaria, decadente e inane del mundo al que pertenecía. Acababa de descubrir la doctrina marxista y su descripción de los privilegios y atropellos de la burguesía [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 11).

Goytisoló prossegue sua narrativa intercalando, no relato de suas memórias, as reflexões do presente. Muda a fonte da letra e faz uso do pronome em segunda pessoa criando um efeito imagético, que remete a um relato dentro de outro. Esse recurso aparece já na página 25, e estende-se por toda a narrativa. Nesses fragmentos, ainda que prevaleça a modalidade descritiva na obra, observa-se um caráter bastante subjetivo, que se assemelha a uma segunda sequência narrativa.

Em todo o texto, é possível perceber a crítica dirigida ao que se considera como um dos valores mais tradicionais da cultura espanhola – o catolicismo. O autor dedica ao tema vários parágrafos. As touradas, outra “instituição” nacional espanhola, também merecem destaque em sua autobiografia. Nas páginas 26 e 27, o autor apresenta uma cena de “encierro³”, descrevendo com detalhes a crueldade do espetáculo. Nesse fragmento, seu relato se aproxima da narrativa do “relato-testimonio” (GARCÍA LÓPEZ, 2006, p.754), característica de sua escrita na fase inicial de seu trabalho literário, como se comprova em suas obras *Juegos de manos* e *Duelo en el paraíso*.

A história da família de Goytisolo, pelo lado materno, é marcada por uma relação de intimidade com a literatura. O autor cita pela ordem a dona María Mendonza (sua tataravó) que, inspirada em Walter Scott, escreveu um romance *Las barras de plata* (GOYTISOLO, 1985, p.30), Ramón Vives Pastor (tio avô), poeta e tradutor com quem o autor declara identificar-se: “su historia y carácter lo convierten en uno de los raros antecesores que intuyo próximos y con quienes siento una afinidad moral más allá de los impuestos y aleatorios lazos de sangre” (GOYTISOLO, 1985, p.33) Vives Pastor é também autor de uma obra chamada *Notes Poétiques* subtitulada *Poesía es libertad*. A irmã de sua mãe (tia Consuelo) é citada pela sua sensibilidade musical e domínio do violino e por um: “delicado poema sobre Maurice Ravel, publicado en la revista ‘Mirador’, que el abuelo guardaba celosamente entre sus papeles” (GOYTISOLO, 1985, p.32).

³ Termo usado aqui na acepção de festa popular que consiste em conduzir os touros à praça antes da tourada

Por parte de seu avô materno Ricardo, o autor cita o advogado e publicitário Gay de Montellá, autor de várias obras sobre temas jurídicos, sem, entretanto, fazer referência a qualquer uma delas (GOYTISOLO, 1985, p.35). Com relação à sua mãe, Goytisoló comenta um texto produzido por ela: “El muro y la locura” e cita ainda Proust, Gide, Ibsen e Anouilh, autores cujas obras encontradas na biblioteca da mãe denotam sua preferência literária. Goytisoló confessa que a paixão de sua genitora pela literatura exerceu forte influência em sua vida. O autor destaca:

La imagen plácida de la mujer aún joven, tocada con elegancia y adornada con un boa de pieles que posa en algún retrato en la acera de la torre de Pablo Alcover no expresa en su convencionalidad huera la realidad más profunda y compleja que descubre en cambio la lista de sus libros favoritos (GOYTISOLO, 1985,p.51).

Da linhagem paterna o autor registra atividades na indústria açucareira e outras relacionadas ao comércio e às profissões liberais. Sobre seu pai o comentário é bastante objetivo: “ Mientras mi padre desconocía la existencia de la literatura hasta que la publicación de *Juegos de manos* le sacudió como una ducha fría [...]” (GOYTISOLO, 1985, p.51). Goytisoló comenta ainda o empenho de seu pai para que seguisse a carreira de advogado e sua tentativa, mais tarde abandonada, de cursar, simultaneamente, Letras e Direito.

A dificuldade de se expressar em catalão também é explicada pelo autor em associação com uma crítica às turbulências políticas que logo teriam lugar em todo o país. Goytisoló atribui ao nacionalismo exacerbado de seu pai a proibição de se usar, mesmo em família, o idioma de sua mãe:

Aunque la abuela nos había enseñado algunas canciones infantiles y mezclara a menudo expresiones y frases en ambas lenguas, tanto en casa – con mi padre y Eulalia– como en el colegio –en las aulas y entre compañeros– se empleaba exclusivamente el castellano (GOYTISOLO, 1985, p.36).

Essa circunstância foi agravada pela obrigatoriedade do uso do idioma espanhol durante o regime franquista. Na página 36 de *Coto vedado*, uma afirmação de Goytisolo leva ao entendimento de que a morte de sua mãe se relaciona, simbolicamente, com a perda do idioma materno: Por una razón u otra, lo cierto es que la lengua materna –desvanecida para siempre con mi madre– me resultó con su muerte profundamente extraña: [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 36). O autor analisa que a possibilidade de transitar entre dois idiomas, o catalão e o espanhol e a opção por este último remete menos a uma livre escolha pessoal que a uma relação proporcionada pela experiência do exílio. Seria para Goytisolo uma maneira de plasmar a identidade e preencher o vazio gerado pelo longo período vivido fora da Espanha:

Mi pasión tardía por la lengua y cultura castellanas, sufrida antes que yo por una serie de escritores cuya obra genial se afirmó a contracorriente de ellas, a costa de un desvivirse amargo, fue a la vez baño de identidad lustral y reacción de defensa contra el vacío de un largo destierro (GOYTISOLO, 1985, p.36).

A língua se fez então sua pátria, o lugar onde o escritor, cidadão do mundo, se percebe e se sente espanhol, é o que nos informa o autor referindo-se a todos que, como ele, buscaram no exílio uma possibilidade de continuar vivendo.

Coto vedado aborda também a questão da orientação sexual de Goytisolo. O tema aparece várias vezes em sua autobiografia e com distintos enfoques, associados à forma como o autor vivenciou sua sexualidade ao longo de sua adolescência,

juventude e vida adulta. Sem perder a perspectiva de que, em uma narrativa autobiográfica, o autor é favorecido pela experiência do presente ao relatar o passado, e que essa circunstância pode interferir no relato, podemos observar que Goytisoló trata a questão procurando dimensioná-la em sua totalidade. Como todos os demais assuntos tratados na narrativa, o tema não obedece a uma sequência cronológica, entretanto é possível estabelecer certa gradação em seu relato e, dessa forma o processo de amadurecimento sexual vai se explicitando para o leitor:

A los veinte años cumplidos, mi identidad, no sólo en lo que tocaba a mi carácter y criterios morales, sino también a los godeos y fantasmas que luego marcarían mi vida, permanecía envuelta en una bruma que no alcanzaba a disipar [...]. Puesto que nadie a mi alrededor me atraía físicamente, la idea de ser o no ser homosexual no se me planteaba siquiera (GOYTISOLO, 1985, p.170-171).

Em que pese a experiência de assédio a que foi submetido na infância e que será comentada adiante, Goytisoló se apresenta como totalmente indiferente aos impulsos sexuais em uma idade em que normalmente já se tem iniciada a prática sexual em ambos os sexos. E não demonstra, então, nenhuma preocupação por essa indiferença. À medida que avança na narrativa, o autor apresenta novos fatos que vão, pouco a pouco, revelando sua verdadeira natureza. Como se fosse uma premonição, o autor declara:

La obligada furtividad de mis calas – la conciencia gozosa de adentrarme en zonas vedadas - infundía a la lectura un cosquilleo de excitación y estímulo que sólo quienes hayan bebido como yo de esas aguas pueden comprender de modo justo. Las consecuencias de este descubrimiento precoz influirían beneficiosamente en mi vida: la noción de placer, asociada en mi fuero interior a las de clandestinidad y transgresión abriría más tarde el camino a la gradual, reticiente, laboriosa aceptación de otros impulsos más escondidos e íntimos (GOYTISOLO, 1985, p.154).

O comentário acima é contextualizado por Goytisolo em referência a uma época de repressão e censura que repercutiu de forma incisiva na liberdade de leitura da população civil. A associação que o autor estabelece entre a transgressão da lei e a da moral, revela que, em seu caso particular, a Literatura cumpriu a função de ajudá-lo a aceitar-se em sua especificidade. Em outro fragmento há uma clara associação entre o idioma e a sexualidade: “La guerra civil íntima de mi sexo y lengua, preludio quizá de mi futura oralidad fálica y literaria, se dirimió de forma subterránea a través del conflicto cultural protagonizado por mi familia” (GOYTISOLO, 1985, p.38-39). Por outro lado, Goytisolo relata também a angústia e a dificuldade de lidar com sua sexualidade. Suas lembranças relacionadas ao tema permitem perceber uma pessoa sob contínua tensão:

El miedo instintivo a franquear el umbral de mi mundo anestesiado y estéril, aventurarme en otras zonas donde de una forma oscura pero cierta presentía que se hallaba la vida, dar el salto en el vacío que me permitiría descubrir lo que en realidad era, me mantuvo durante un año envuelto en una crisálida: sin tentaciones ni deseos de ninguna especie (GOYTISOLO, 1985, p.173).

Goytisolo destaca em *Coto vedado* o período em que viveu em Madri, e que marca, de certa forma, um aspecto da sua estética de ruptura. Se não no sentido literário, pelo menos o foi no sentido social já que os hábitos da sociedade burguesa e provinciana de Barcelona, que até então cultivara, são confrontados com outros mais liberais e cosmopolitas. Por necessidade de conduzir a liquidação de alguns negócios de seu pai, cuja solução dependia de instituições sediadas em Madri, o autor dividiu seu tempo entre cuidar das incumbências confiadas pelo pai e o cultivo de leituras, amizades, bebidas, prazeres da noite, totalmente novos em sua vida. Nesse período o autor conhece e estabelece amizade com Lucho, um universitário

colombiano, estudante de medicina. No ambiente que passa a frequentar com Lucho, de saídas noturnas, bebedeiras e comemorações o autor se vê, mais uma vez, frente ao problema da sexualidade reprimida.

Goytisoló relata que tomou conhecimento, pelo próprio amigo, do comentário de um garçom a respeito de suas atitudes com Lucho, em uma noite em que ambos haviam passado várias horas bebendo. A descrição de Goytisoló sobre os efeitos do fato em seu moral confirmam sua dificuldade em lidar com sua sexualidade, condicionado como estava então pelos valores da sociedade espanhola e evidenciam insegurança em relação ao futuro:

Aquel descalabro moral me sumió en un estado de humillación y desconcierto difícil de expresar: lo que oscura e instintivamente temía desde que dejé de ser niño, se había producido con sobrecogedora puntualidad. Me sentía desnudo, inerme, vulnerable, expuesto sin razón ni culpa a la reprobación y el escarnio. Lo que más me ofendía y sublevaba era que el episodio hubiera ocurrido sin ninguna intervención de mi voluntad: [...]. Alguien emboscado en mi interior y aprovechando mi incapacidad momentánea, había incurrido en una conducta impropia que yo mismo, dueño de mi lucidez y facultades, condenaba sin paliativos. [...] El miedo y horror al indeseable Mr. Hyde de cuya realidad agazapada tenía bruscamente conciencia me incitaban a reforzar la vigilancia respecto a mí mismo: a evitar en lo futuro, si quería recomponer mi imagen dañada, cuantas circunstancias pudieran propiciar su reaparición. [...] Mi desamparo e incapacidad de interpretar las cosas de modo cabal alentaban la vaga e irrisoria esperanza de escamotear la verdad (GOYTISOLÓ, 1985, p.187-188).

Essa experiência foi determinante para a ocorrência de outras que o autor, quase que forçosamente, vivenciou em seguida. Com a firme determinação de dirimir quaisquer dúvidas quanto às suas preferências sexuais, o autor, em companhia e sob o olhar atento de Lucho, passou a frequentar prostíbulos e relacionar-se com mulheres. Talvez buscasse então não só esclarecer a situação gerada pelo comentário do garçom, como também conhecer de fato a sua verdadeira natureza.

Goytisoló comenta: “el prurito de aclarar las cosas conmigo después del lamentable episodio con Lucho, me animó a aceptar, venciendo mi zozobra y ansiedad, la propuesta de ir a la cama con homosexuales conocidos en algún bar de la zona (GOYTISOLO, 1985, p.201).

Sua primeira experiência homoerótica é, por duas vezes, descrita em *Coto vedado*. Na página 82 e parte da página 83 com letras em itálico e uso do pronome de segunda pessoa o autor inicia o relato, descrevendo um estado de consciência alterado pelo uso de alucinógeno. Na sequência narrativa do fato, o autor se coloca como uma personagem aturdida, confusa e feliz. O processo de ruptura enlaça criação, descoberta, experiências e destroi mitos e dogmas:

[...] tú, tu doble, el creador de quita y pon, acompañado de un jayán desconocido, moreno, bien puesto de mostachos, abrazados los dos, sarmentosos, reptantes, en espléndida conjunción copulativa : sorpresa, asombro, incredulidad al verte en tan apurado trance, seguir siendo tú y no obstante ser otro, desdoblamiento, dualidad, agonía interior, vergüenza paulatina : vigilando de soslayo a tus vecinos por ver si te reconocen, increpan tu actitud, censuran el gozoso descaro (GOYTISOLO, 1985. p. 82).

O passado “conclave de fantasmas” perde importância diante da nova realidade que se descortina. De início o estranhamento à liberdade de viver sem máscara causa receio ao autor, que se vê subitamente fora da zona de segurança. O amadurecimento e a posterior aceitação se encarregarão de exorcizar tais temores. Nesse processo de ruptura e descoberta duas lembranças do passado, por sua significação na vida de Goytisoló, são preservadas: “la mujer muerta en el bombardeo y el pueblo aborrecido de Viladrau” (GOYTISOLO, 1985,p.83).

Goytisolo retoma o tema da sua experiência homoafetiva, situando-a, claramente, em outro plano. Se em sua primeira ocorrência em *Coto vedado* o relato foi destacado pelo uso da letra em itálico, o pronome de segunda pessoa, a inovação no uso dos signos de pontuação, caracterizando o monólogo entre autor e narrador, o mesmo não ocorre no segundo relato. Nesse fragmento o autor comenta a reação de seu avô materno, Ricardo, causada pela leitura da obra *Les poissons-chats*, de autoria de Monique Lange. A obra, que descreve o amor da protagonista por um homossexual, pelo que relata o autor, provocou em seu avô sentimentos de culpa e remorsos pela sua conduta pregressa em função de seus valores católicos.

Goytisolo comenta:

La idea de seguir sus huellas, de resignarme también a una existencia miserable y deshecha fue el mejor antídoto de mis dudas y vacilaciones el día en que, de forma no enteramente imprevista, me hallé en la situación antinómica de vivir una intensa relación afectiva con Monique y descubrir una felicidad física ignorada hasta entonces con un albañil marroquí inmigrado temporalmente en Francia. Con sabia oportunidad la muerte salvó a mi padre de este último y cruel remate: comprobar que sus temores secretos, quizá sus sombríos presentimientos, se habían realizado finalmente conmigo (GOYTISOLO, 1985, p.106).

Esse segundo relato é a confirmação definitiva da aceitação de sua sexualidade, e a consequente ruptura com uma vida inautêntica e regida pelas aparências. Por muito tempo o autor se viu atormentado diante do dilema imposto por severas normas religiosas e sua reflexão aponta que o meio em que viveu, contribuiu no agravamento de sua angústia e busca de superação:

En mi madurez, he pensado a menudo en la absoluta desconexión de aquellos años entre mi libido y el mundo objetivo y he llegado a la conclusión de que, de haber vivido entonces en un medio heterogêneo o menos cerrado – o , mejor aún, a la sombra propicia del sotadismo – las cosas habrían sido distintas (GOYTISOLO, 1985, p.171).

Entre as páginas 52 e a 63 Goytisolo descreve o período que antecedeu a eclosão da Guerra Civil e a repercussão dos fatos na vida de sua família: “ El cúmulo de circunstancias políticas, sociales y económicas que polarizó de extremo a extremo la campaña electoral de febrero [...] debió sacudir en sus cimientos la rutina apacible de mi familia” (GOYTISOLO, 1985, p.52). Por motivos que ignora seu pai foi preso, sendo em poucos dias liberado. Esse fato tem uma significação especial na vida do autor, pois seu relacionamento com o pai começou a se deteriorar nessa época e somente muitos anos mais tarde Goytisolo recupera o carinho e a admiração que, de criança, nutria pelo pai. Esse, logo após deixar o cárcere, contraiu uma doença que o manteve por longo tempo acamado. A certa altura autor confessa:

Esta nueva imagen paterna no se imprimió en mi memoria sino en Viladrau; pero [...] se extendió entonces sobre la forjada en mis primeros años. [...] La admiración y respeto que sentía por él sufrieron así un daño irreparable [...]. Sin incurrir en ninguna hipérbole ni manipulación retrospectiva de los hechos, he llegado desde hace tiempo a la conclusión de que, meses antes del mutis de mi madre, la cúpula familiar protectora había empezado a derrumbarse sobre mí (GOYTISOLO, 1985, p. 58-59).

O autor afirma que sua rotina e das demais crianças permanecia, aparentemente, inalterada, enquanto os conflitos recrudesciam. A família procurava adequar-se à situação que então imperava, até que o acontecimento que marcaria para sempre a sua vida concretizou-se. Pode-se considerar que *Coto vedado* se fez para Goytisolo um espaço da escritura onde o resgate de suas memórias lhe proporciona um reencontro que de outra forma não seria possível – o do escritor consigo mesmo. E no reencontro a possibilidade de se revelar em seus anseios, buscas, descobertas e paradoxos, que constituem a sua história de vida.

3.3. RUPTURA E REENCONTRO

Algún día en cualquier parte, en cualquier lugar indefectivamente te encontrarás a ti mismo, y ésa, sólo ésa, puede ser la más feliz o la más amarga de tus horas.

Pablo Neruda

A Guerra Civil constitui o eixo a partir do qual Goytisolo desenvolve sua narrativa autobiográfica, que se estende por duzentas e setenta e seis páginas divididas em duas partes. A primeira parte do relato tem início na página 9, encerrando -se na página 134 e apresenta, em uma página não numerada, a citação do poeta francês René Char: “La lucidité est la blessure la plus rapprochée du soleil.” – a lucidez é a ferida mais próxima do sol. A página seguinte apresenta o numeral romano I e a subsequente, já numerada, dá início à narrativa.

A segunda parte se compõe de cento e quarenta páginas, estende-se da página 137 a 277 - e tem como epígrafe a citação de Montaigne: “... et existe autant de différence de nous á nous-mêmes que de nous á l'autrui”, que numa tradução aproximada corresponde a: “... e existe tanto de diferença entre mim e eu mesmo como entre mim e o outro”, e aparece em página também não numerada. O numeral romano II antecede a citação. Observa-se, nessa divisão, um critério cronológico, considerando-se que a primeira parte do relato apresenta fatos da sua vida e tem como marco temporal o ano de 1936 - quando Goytisolo contava cinco anos de idade - e se estende pelos primeiros anos da sua juventude, tendo sempre a Guerra Civil como pano de fundo da narrativa.

É de cunho mais abrangente essa narrativa desenvolvida na primeira parte. Aí, a atenção de Goytisolo está centrada muito mais em seus familiares e fatos,

pitorescos ou não, a eles associados. Descrição de lugares, hábitos familiares, imóveis da família, narração de eventos que antecedem à Guerra Civil, os primeiros anos de estudo, a doença de seu pai e, a morte de sua mãe e os anos penosos do pós-guerra ocupam praticamente toda essa primeira parte da obra. Dessa maneira, o leitor é informado do contexto histórico da época e das vivências de um menino da classe burguesa de Barcelona. Tais fatos se verão refletidos em sua obra, transitando, muitas vezes, nos imprecisos limites da ficção e da realidade:

Imágenes coladas como a través de un tragaluz: estás sentado a oscuras en el suelo de una habitación, posiblemente bajo la mesa del comedor y, [...] contemplas a los adultos, [...] ignorantes de la futura evocación de la escena y la presencia minúscula del escrutador. El recuerdo podría corresponder a tu primer domicilio de la calle de Raset o, [...] más probable, a alguna visita familiar a la bisabuela en su villa de Pedralbes (GOYTISOLO, 1985, p.47).

Na segunda parte, um Goytisoló já adulto - com 32 anos – centra em si o foco da narrativa e discorre sobre suas experiências na universidade, sua militância política, o círculo de amizades, o casamento com Monique Lange, a prática literária, os conflitos decorrentes de sua orientação sexual, encerrando com o tema recorrente em sua produção – Espanha. A Guerra Civil se mantém como tema principal, entretanto, a atenção do autor se volta mais à análise da sociedade espanhola no contexto franquista e a forma como maneja sua vida dentro desse ambiente. As citações que servem como epígrafes à autobiografia de Goytisoló podem ser consideradas como seu reconhecimento aos vários autores franceses cujas obras o influenciaram e que são frequentemente citados em *Coto vedado*: Sartre, Gide, Proust, Malraux e, de forma especial, Jean Genet. Goytisoló destaca o papel importante desempenhado por sua esposa, Monique Lange, em sua carreira e cita também a influência positiva de Genet em seu trabalho de escritor:

Su vigilancia moral [...] contribuirá de manera decisiva, en nuestros primeros años de vida en común, a curarme de mi propensión inicial al arribismo y obsceno cosquilleo de la notoriedad: larga y porfiada batalla contra mí mismo en la que su rigor y el ejemplo simultáneo de Genet me impedirán convertirme en uno de esos botijos orondos, hidrónicos de autosuficiencia que, con su ubicuidad telegénica, se exhiben a diario en el parnasillo peninsular (GOYTISOLO, 1985, p. 262).

Esse comentário revela duas características recorrentes que afloram em sua autobiografia. A primeira seria a crítica à burguesia espanhola, em especial aos escritores espanhóis que, segundo declarações reiteradas do autor, pecam pela falta de inovação e cultivam a ostentação, atribuindo-se uma importância maior, talvez, do que aquela a que fazem jus: *“apostantes a una Historia que excluye y anula las historias, embaucadores de profesión o paquidermes enmedallados, falsarios, en todo caso, de un pasado sujeto a consideraciones”* (GOYTISOLO, 1985, p.40-41). A segunda característica aparece quase sempre como uma confissão de culpa. Trata-se do reconhecimento de sua limitação e vulnerabilidade. Ao desnudar-se diante do leitor, assumindo seus medos, inseguranças, angústias, timidez, indecisão, acovardamento e vaidades, Goytisoló evita apresentar-se como paradigma e se mostra por inteiro, dentro da dimensão humana de indivíduo e não de personalidade literária, o que de certa forma, contribui para a credibilidade de seu relato:

Una mitomanía precoz, sin duda compensatoria, se convertiría así durante algún tiempo en uno de los rasgos primordiales de mi carácter. El afán de sorprender, engrandecerme ante el prójimo, ser admirado me impulsarían luego a escribir mis propios relatos, aprovechando el ocio veraniego de Torrentbó. Entre tanto, víctima de mi timidez y asociabilidad, buscaba ingenuamente la ocasión de maravillarse a los demás con bruscas exhibiciones de larguesa o atrevimiento (GOYTISOLO, 1985,p.90).

No que se refere à estrutura do texto, a obra cumpre, como já se afirmou anteriormente, o princípio postulado por Philippe Lejeune de que autor, narrador e protagonista formam uma mesma pessoa: “O que define a autobiografia para quem lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio [...]. É impossível que a vocação autobiográfica e a paixão do anonimato coexistam no mesmo ser” (LEJEUNE, 2008, p.33). Na página 25 de *Coto vedado* tem início a ruptura da narrativa convencional; Goytisoló lança mão de alguns recursos que alteram, inclusive visualmente, o curso/teor da narrativa. Essa ruptura tipográfica e topográfica afeta também o tempo, sugerindo inclusive outra impoção de voz. Faz-se oportuno recordar que o autor é favorável à prática da literatura oral: “Tratar a las palabras desvitalizadas o muertas del diccionario como organismos vivos, reactualizar la experiencia fónica de Juan Ruiz o Fernando de Rojas responde a las exigencias de la contemporaneidad interpretada y sentida por los escritores más conscientes y lúcidos” (GOYTISOLO, 1995, p.203). Esse deslocamento espaço-temporal insere no texto o desdobramento da voz narrativa, que se caracteriza pelo uso do pronome de segunda pessoa e cuja fala remete a uma reflexão, crítica e amarga, como se vê no seguinte fragmento, em que o autor comenta desesperançado:

Imperceptiblemente, los signos se acumulan. De forma insidiosa y aleve, irregulares, dispersos, como espaciados adrede para dificultar su lectura. No el simple deterioro físico, verificado apenas en lo cotidiano, el esfuerzo mayor exigido por cada uno de los actos y pequeños rituales del día, ni siquiera la contrariada sorpresa, instintiva rebelión derrotada del brusco enfrentamiento a la marchita juventud de tu fotografía : [...] (GOYTISOLO, 1985, p.25).

O comentário estabelece uma passagem que transporta ambos, narrador e leitor, a outra dimensão temporal: um passado que se faz presente. Dois parágrafos adiante, essa mudança no tempo da narrativa é reafirmada: “*O, quince meses más tarde, en el curso de un viaje sentimental al espacio de tu propia escritura [...]*” (GOYTISOLO, 1985, p.26). Randolph D. Pope (2002) vê a dinâmica do texto e o jogo de deslocamento espaço temporal que ora aproxima leitor e narrador, ora afasta o autor do seu próprio relato e, ainda outras vezes, remete o leitor ao passado como:

El periplo de Goytisoló se da dentro de su propia imaginación, no ya en el tiempo, sino en el espacio entreverado de la memoria. Pero sin la ansiedad del intento no se entiende la gestión autobiográfica, gestión pública y compromiso con los lectores (POPE, 2002).

O uso do pronome de segunda pessoa do singular, a letra em tipo itálico, o tom intimista e reflexivo imprimem à narrativa um aspecto mais pessoal ou personalista. A própria escolha da letra em itálico gera o efeito visual que imprime ao relato a sensação de algo escrito de punho próprio, muito mais pessoal e íntimo. O resultado alcançado por meio dessa estratégia contribui para fortalecer o pacto autobiográfico, ensejando uma maior aproximação entre narrador e leitor. Eduardo Subirats, ao referir-se ao desdobramento do eu dentro da narrativa de Goytisoló, assim se expressa:

Goytisoló desarrolla tenazmente a lo largo de su obra el tenso soliloquio con un narrador personal traspuesto a la segunda persona. Un Yo que es un Tú. Sujeto activado y manipulado como objeto. Los orígenes de esta conciencia escindida son múltiples [...]. No es menos importante señalar la eficacia destructiva de esta autoconciencia escindida frente a nuestra realidad positivamente esquizofrénica (SUBIRATS, 2001).

A afirmação de Subirats é esclarecedora. O desdobramento do eu abre espaço para que outra voz se faça ouvir e, nesse sentido, *Coto vedado* oferece a imagem de um homem diante do espelho. A sós consigo mesmo e diante do seu duplo, Goytisoló, escritor e narrador, constrói-se pela escrita de si e, ao mesmo tempo, desmascara e denuncia a manipulação à que se submete:

[...] objeto de horror y aversión retrospectivos por parte del espectador escindido y súbitamente silencioso en el trayecto de retorno al hotel, impaciente de hallarse a solas consigo, de ajustarle las cuentas al ventrílocuo, rescatar su voz antes de que fuera demasiado tarde y el otro, el intruso, impusiera la norma correcta de la tribu, segara el géyser de tu rebeldía, disfrazarse la verdad, te convertiría en zombi (GOYTISOLO, 1985, p.139).

Subirats (2001) destaca a consciência escindida do homem moderno que vivencia a crise de uma ausência de paradigmas cujos reflexos se manifestam numa sociedade que adocece. A necessidade de usar máscara como condição de sobrevivência para ajustar-se às normas de uma sociedade, a insatisfação e a angústia de ter de representar papéis colaboram na desintegração da identidade desse homem moderno. A busca de respostas coloca o homem diante de realidades onde ele se vê, muitas vezes, como simulacro.

Como já se afirmou, esse desdobramento da voz que relata abre espaço para um outro eu que conduzirá o leitor a um segundo plano de leitura. Pela posição privilegiada que ocupa dentro do texto, esse outro “eu” confere à narrativa um maior grau de credibilidade. Sobre o uso do pronome de segunda pessoa no relato autobiográfico, Philippe Lejeune explica:

Não se conhecem autobiografias que tenham sido escritas inteiramente assim, mas o procedimento aparece, por vezes, de maneira fugidia, nos

discursos do narrador endereçados ao personagem que foi, seja para reconfortá-lo quando está em situação difícil, seja para repudiá-lo ou passar-lhe um sermão [...]. Esse tipo de narrativa deixaria claramente patente, pela enunciação, a diferença entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, tratado como destinatário da narrativa (LEJEUNE, 2008, p.17).

A posição privilegiada é assegurada pelo conhecimento advindo da maturidade – tanto cronológica quanto intelectual - do autor, que lhe permite compreender e analisar os fatos marcantes de sua vida com base em sua experiência. É por meio desse relato em itálico que o segundo narrador questiona o primeiro sobre o desafio que representa não apenas a escrita em si, como também a impossibilidade de relatar fatos do passado sem que interfiram nesse processo a visão e os valores do presente. O fragmento abaixo é um exemplo dessa reflexão:

Conciencia de la total inanidad de la empresa: amalgama de sus motivaciones e incapacidad de determinar con claridad su objetivo y presunto destinatario : [...] imposibilidad de responder a estas preguntas y acometer sin embargo la tarea, el cotidiano martirio de enfrentarse a la página, de poner toda la vida en el tablero, la innombrable realidad material de tu cuerpo, no el oculto con máscaras y disfraces [...], sino el otro, [...] ese yo-otro escamoteado al prójimo y a sí mismos (sic) por quienes aspiran al oropel de la fama, portavoces del poder futuro [...] (GOYTISOLO, 1985, p.40).

Nesse fragmento, parte de um único parágrafo composto por 433 palavras que ocupam uma página e meia, aparece pela segunda vez na obra o uso de dois pontos repetidos quase que a cada linha e separados por um espaço tanto da palavra anterior quanto da seguinte. A presença desse signo associado ao ponto de interrogação pode ser entendida como o artifício linguístico de que o autor lança mão para caracterizar o “fluxo de consciência” - termo usado pelo psicólogo William James, (1842-1910) para explicar que o cérebro produz um fluxo constante de pensamentos. É também usado em literatura para se referir a um “método narrativo

relacionado com momentos significativos de introspecção, que se podem combinar, em muitos casos, com monólogos interiores” (TAVARES, 2009).

A letra em itálico também insere em *Coto vedado* uma terceira voz narrativa, menos frequente que as duas primeiras, e que tem característica de narrador onisciente, já que sua ocorrência dentro do relato se fundamenta quase sempre na possibilidade de interpretação dos fatos e atitudes já apresentados pelo enunciador. Philippe Lejeune explica que essa estratégia discursiva equivale ao sentido primeiro da palavra autobiografia, ou seja, uma biografia escrita por seu autor, produzida sem nenhum outro objetivo que apresentar uma simples biografia. Essa terceira voz narrativa aparece em *Coto vedado*, também em tipo de letra comum na descrição que Goytisoló faz de si ao referir-se ao período em que alimentava o sonho de tornar-se diplomata e construir uma carreira que lhe permitisse viver fora da Espanha:

Un abrigo ajustado y guantes del mismo color que el traje, como convenía a un futuro diplomático. El muchacho apostado bajo las arcadas del patio, absorto e indiferente al griterío y ajetreo de sus compañeros, lleva consigo una cartera llena de libros en la que los manuales y apuntes correspondientes al curso se mezclan con novelas y obras de teatro impresas en Buenos Aires. Desde su salida del colegio se ha convertido en un lector frenético. Sus autores favoritos son todavía Unamuno y Wilde. El primero le ha enseñado a plantearse preguntas y alimentar con ellas sus ingenuas zozobras filosóficas. El segundo, el arte de la contradicción humorística e irrespetuosa, de la causticidad puntual de *causeur* (GOYTISOLO, 1985, p.146).

Sobre o uso da narrativa em terceira pessoa, Philippe Lejeune complementa:

Esse procedimento foi empregado por razões muito diversas e provoca efeitos diferentes. Falar de si na terceira pessoa pode implicar tanto um orgulho imenso [...] quanto certa forma de humildade [...]. Nos dois casos, o narrador assume em relação ao personagem que foi, seja o distanciamento do olhar da história, seja o distanciamento do olhar de

Deus, isto é, da eternidade, e introduz, em sua narrativa, uma transcendência com a qual, em última instância, se identifica (LEJEUNE, 2008, p.17).

A explicação de Philippe Lejeune quanto ao uso da terceira pessoa no relato autobiográfico parece adequar-se à narrativa de *Coto vedado*, como se comprova nos fragmentos abaixo:

tú, yo, aquel juan goytisolo repentinamente avergonzado de su papel, del abismo insalvable abierto de pronto entre la realidad y las palabras, abrumado con los recios aplausos al impostor que había usurpado su nombre, a ese fantasma superpuesto a su yo real como un doble o, en expresión de Cavafis en uno de sus poemas más bellos, un huésped importuno: [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 138-139).

E, ainda na mesma página:

Pero el otro, el fantasma, había permanecido en la tribuna del centro de instrucción de milicianas con sus ademanes sincopados y sonrisas hueras, adaptado exteriormente a su mezquina impostura, embaucador total sin resquicios ni grietas, saludando y meciéndose como un pelele a derecha e izquierda, objeto de horror y aversión [...] (GOYTISOLO, 1985, p.139).

O autor refere-se, nesse caso, ao episódio ocorrido no ano de 1963, durante sua segunda visita a Cuba. Relata que, a convite do escritor Manuel Navarro Luna, foi participar da cerimônia de encerramento de um curso de instrução política para jovens voluntárias. Ao chegar ao local do evento foi informado da punição aplicada a duas jovens, castigadas e expulsas, do grupo de formandas por terem sido flagradas praticando lesbianismo. Goytisoló assume envergonhado sua omissão e confessa:

[...] abandonar las catacumbas, emerger, respirar, escupir a la cara de otro, del doble, [...] triste expoliador de tus señas y coordenadas, asco, sólo asco a su presencia, deseos vehementes de arrojar la careta, ser expuesto a público desdén, afrontar el destino de las acusadas, todo menos seguir

los irrisorios y pautados movimientos, rítmica oscilación de brazos alzados, ritual vacío, penosa sensación de desdoblamiento, fraude, esquizofrenia, mordaza (GOYTISOLO, 1985, p.139).

Apesar do estilhaçamento na condução temporal, o relato de *Coto vedado* se situa entre os anos de 1936 e 1963, claramente explicitados na obra em: “Pese al trastiego y agitación reinantes, los recuerdos, confusos hasta entonces, parecen decantarse y dejar poso a comienzos del año treinta y seis” (p.50), e em: “[...] De momento, en esta fecha gozne del año treinta y seis que abre las puertas a mi relato, [...]” (p.51), ou ainda “*A comienzos de 1963, en el curso de tu segunda visita a Cuba [...]*” (p.137). A narrativa abrange, portanto, um período de aproximadamente vinte e sete anos, que corresponde às vivências do autor dos cinco aos trinta e cinco anos. Goytisoló desenvolve a narrativa imprimindo-lhe distintas perspectivas, deslocando-a entre o passado e o futuro, o que resultará na ruptura da estrutura linear e na configuração de uma nova dimensão temporal.

No que tange aos aspectos formais, *Coto vedado* se caracteriza pela presença de longos parágrafos, como por exemplo, o que tem início na página 170 da edição consultada, em que discorre sobre sua sexualidade. O fragmento se estende até a página 175, quando trata de sua amizade com Fernando Gutiérrez e de suas primeiras experiências como escritor. Sua linguagem é simples, clara e direta. A ortografia e a gramática são cuidadosamente observadas e se caracterizam por um léxico ao alcance de qualquer leitor razoavelmente letrado. Todo esse cuidado demonstra o manejo apropriado do castelhano que o autor viria a dominar mais tarde, já que fora criado em uma família que se expressava, a contragosto de seu pai, na língua de seus avós maternos, que eram catalães. Goytisoló assinala que, com o regime franquista, o castelhano passou a ser de uso obrigatório em toda a

extensão do país e comenta: “[...] un castellano empobrecido y adulterado según descubriría más tarde, al extender el ámbito de mis frecuentaciones y amistades más allá de la insulsa y convencional burguesía barcelonesa” (GOYTISOLO,1985, p.36).

O cuidado no tratamento que dá à linguagem sinaliza o comprometimento do escritor, cujos primeiros anos foram vividos em um ambiente bilíngue e que muito jovem deixou seu país, passando a expressar-se em outra língua, tendo inclusive sua obra publicada primeiro em outro idioma que não o seu. Essa atenção e zelo em relação à linguagem são explicados dessa forma: “más significativo que ese determinismo histórico en favor de una de las lenguas en liza es, en mi caso, la relación apasionada con ella, a partir del día en que, lejos de Cataluña y España, descubrí que era mi patria auténtica y objeto simultáneo de odio y amor” (GOYTISOLO, 1985, p.37).

Em *Coto vedado*, Goytisoló inova, lançando mão de uma escritura que propõe um hibridismo dentro de um gênero já considerado híbrido. O autor apresenta elementos de sua biografia, rompendo não apenas a cronologia convencional, mas também mesclando, na estrutura do texto, parágrafos da escrita convencional com outro tipo de escritura. Esses parágrafos são marcados pela inovação, pela experimentação de novas modalidades de expressão, o uso de pronomes de segunda e terceira pessoas, a ausência de pontuação nas frases e o uso de dois pontos. Como já mencionado a narrativa abre espaço para questionamentos do autor, inclusive o da impossibilidade de escrever uma autobiografia, como se comprova na página 193, na única vez, em toda a obra, em que o autor utiliza o conceito de biografia:

Conciencia de los peligros y trampas de la empresa: vana tentativa de tender un puente sobre tu discontinuidad biográfica, otorgar posterior coherencia a la simple acumulación de ruinas : buscar el canal subterráneo que alimenta de algún modo la sucesión cronológica de los hechos sin saber con certeza si se trata de la exhumación de un arqueólogo u obra flamante de ingeniería: no ya la omisión arbitraria de recuerdos juzgados no importantes sino la elaboración y montaje de los escogidos: precisión engañosa de los detalles, anacronías inconscientes, contornos presuntamente nítidos: [...] transmutar la realidad incierta en argumento amañado de libro : [...] aceptar metafóricamente la sensible cornada del toro se diluye y pierde entidad al someterse a las leyes insidiosas del relato escrito u oral : [...] tu arduo forcejeo con la escritura no te ha procurado todavía el secreto de la piedra filosofal (GOYTISOLO, 1985, p. 193).

No plano da narrativa em fonte arial predominam os verbos nos tempos do pretérito, enquanto que na narrativa em cursiva há maior ocorrência de verbos nos tempos presente, futuro e modo infinitivo. Ainda sobre as marcas linguísticas em *Coto vedado*, observa-se o uso equilibrado dos verbos declarativos, de rememoração e de reflexão. Os verbos declarativos, segundo Kock (1997), além de instaurar o discurso, hierarquizam também os fatos, determinando seu caráter principal ou secundário e sinalizam para o leitor a importância que o autor confere ao evento narrado. Considerando a carga semântica e o aspecto funcional dessas classes de verbos no relato autobiográfico, nos parece oportuno destacar alguns exemplos:

Sobre mis tíos Leopoldo, Catalina y Luis me **extenderé** luego: los tres intervinieron de un modo u otro en mi formación y experiencia. El resto de la estirpe paterna – una veintena y pico de primos entre los que se contaban o cuentan un salesiano, un dignatario del Opus Dei, un misionero en el Chad y un cura obrero marxista – aparecerá también, si la exposición de los hechos lo aconseja, en las páginas de este relato (GOYTISOLO, 1985, p.23).

Os verbos declarativos podem também aparecer associados com acontecimentos já relatados e ainda a outros que serão comentados em seguida. Neste caso, o verbo assume a função catafórica e/ou anafórica, e a coerência textual não é

comprometida, mesmo que permeada por reflexões, comentários, monólogos ou digressões. Um exemplo de verbo com função catafórica pode ser observado no fragmento: “Aunque carezco de datos fidedignos **presumo** que, por entonces, las cosas no le iban mal: nuestra manera de vivir, sin ser rumbosa como la de los ya tronados manirroto de la familia correspondía probablemente a su carácter y necesidades (GOYTISOLO, 1985, p.50).

Com relação à função anafórica, encontra-se exemplo de sua ocorrência na página 63 em um parágrafo de três linhas em que Goytisoló conclui o relato da morte de sua mãe. Todo o sofrimento diante da constatação de um fato irreversível, cujas consequências marcariam para sempre a sua vida e a de sua família, é mostrado por meio do verbo “quedar”: “El bolso negro vacío: todo lo que **quedaba** de ella. Su papel en la vida, en nuestra vida, había concluído de forma abrupta antes del desenlace del primer acto” (GOYTISOLO, 1985, p.63).

Com maior frequência aparecem os verbos de rememoração que funcionam também como verbos de enunciação, como se comprova no fragmento abaixo:

[...] Hoy, al volver la vista atrás y **rememorar** esa ceguera nuestra frente a realidades y condicionamientos históricos, étnicos y geográficos captados por un burgués excéntrico como mi padre, tal petulancia me hace sonreír: someter la riqueza y complejidad del mundo al rigor de una lectura unívoca, excluir del análisis de lo real, los sueños, sentimientos, defectos, pulsiones secretas del ser humano me parece no sólo una reducción monstruosa de éste sino también una increíble puerilidad (GOYTISOLO, 1985, p. 249).

E ainda no comentário sobre as duras condições que afetaram a vida da maioria da população, em função dos conflitos que se agravavam:

Nuestra vida en Viladrau aquel invierno prolongaba el periodo de vacaciones abierto año y medio antes. La escasez empezaba a mostrar sus efectos y me **acuerdo** de que mi madre recorría las masías cercanas al pueblo en busca de comida (GOYTISOLO, 1985, p.59).

Verbos como lembrar, recordar, esquecer, relemburar, rememorar, preservar, conservar, etc, pertinentes à categoria dos verbos de rememoração, sinalizam que os fatos narrados ocupam um lugar privilegiado na memória do narrador. Podem estar associados a fatos pitorescos ou tristes e é nesse segundo aspecto que Goytisolo introduz no relato, na página 61, o tema que se considera, como já comentamos, o mais doloroso e traumático de sua vida – a morte de sua mãe. O uso do verbo “conservar” potencializa o efeito do fato narrado na memória do narrador, remetendo o leitor à dimensão de uma tragédia cuja dor parece resistir ao tempo. O verbo transitivo “conservar” está registrado no dicionário da RAE como:” preservar; resguardar de daño; mantener algo o cuidar de su permanencia; mantener vivo y sin daño a alguien; guardar con cuidado algo; no perder”, entre outros significados. Esse campo semântico parece abarcar todo o peso de uma recordação que Goytisolo deseja manter viva, como se fosse um tributo à sua mãe, embora reconheça a possibilidade de incorrer em lapsos e falhas da memória. E ainda mais, como um testemunho pungente de uma “Barcelona de pólvora y sangre entregada a los ideales y excesos de la lucha revolucionaria” (GOYTISOLO, 1985, p. 53).

A descrição que faz de sua mãe, ao sair de casa pela última vez e a metáfora de sua morte soam quase como um lenitivo para o sofrimento que Goytisolo veria intensificar-se com o passar dos anos:

[...] Salió de casa al romper el alba y, aunque conozco las trampas de la memoria y sus reconstrucciones ficticias, **conservo** el vivo recuerdo de haberme asomado a la ventana de mi cuarto mientras ella, la mujer en adelante desconocida, caminaba con su abrigo, sombrero, bolso, hacia la ausencia definitiva de nosotros y de ella misma: la abolición, el vacío, la nada (GOYTISOLO, 1985, p. 61).

Até a página 63 o autor narra, com detalhes e sem afetação, os acontecimentos do dia dezessete de março de 1938 e os dias subsequentes, quando a família recebe a confirmação da morte da mãe em Barcelona. Apesar do tom de amargura facilmente identificável na narrativa, Goytisolo é objetivo em sua constatação: “Probablemente fue fruto de un posterior mecanismo de culpa: una manera indirecta de reprocharme mi inercia, no haberle advertido del inminente peligro, no haber esbozado el gesto que, en mi imaginación, habría podido salvarla” (GOYTISOLO, 1985, p.61-62).

A terceira categoria de verbos empregados pelo autor corresponde à dos verbos de reflexão. A utilização desse tipo de verbo insere, na narrativa, suas reflexões sobre si mesmo e sua escritura. Em *Coto vedado*, tais verbos de reflexão permitem ao narrador distanciar-se do assunto narrado e, dessa forma, ao cogitar sobre sua vida e sobre sua escritura, o narrador, revela o seu duplo, isto é, o sujeito do enunciado. Aquele que fala se coloca como sujeito e revela ao leitor, simultaneamente, o eu da enunciação e o eu do enunciado. Esse jogo discursivo distancia o enunciador, no ato da enunciação, de seu duplo, inclusive para não comprometer a veracidade da narrativa:

La breve evocación de los primeros pasos en la universidad de mi homónimo de hace treinta y cinco años me **produce** una impresión de estupor semejante a la que sentiría, imagino, un docto profesor universitario especialista en Calderón o los presocráticos si al caminar por los pasillos del metro más cercano a su hogar, tropezara con una hilera de posters con el retrato juvenil de sí mismo anunciando un champú natural [...] (GOYTISOLO, 1985, p.150).

Já na página 29, o autor comenta o árduo processo da escritura e a dificuldade de resgatar, na materialidade do texto, o que pertence ao campo das vivências, subjetividades, emoções e sentimentos:

*[...] instante **revivido** ahora, a vuela pluma, cuando casi dos años más tarde empiezas a ordenar tus sentimientos e impresiones, plasmarlos en la página en blanco, vueltatrás sincopado, a bandazos, sujeto a los meandros de la memoria, imperativo de dar cuenta, a los demás y a ti mismo, de lo que fuiste y no eres, de quien pudiste ser y no has sido [...]* (GOYTISOLO, 1985, p. 29).

Além do efeito alcançado pelo uso dos verbos de reflexão, o próprio distanciamento espaço-temporal do enunciador colabora para que a narrativa se desenvolva nas tênues fronteiras entre ficção e memória. Goytisolo problematiza essa peculiaridade, inserindo-a no relato, como se pode observar no fragmento a seguir:

Opacidad del limbo infantil: negrura de túnel momentáneamente interrumpida por claros, horados, imágenes fugaces : fijadas de modo aleatorio en una mente tierna y versátil o mero producto de olvidada elaboración posterior? : espaciada, irregular sucesión de diapositivas en gris o color, penosamente rescatadas de la niebla del sueño y proyectadas después en una linterna mágica : dificultad de engarzarlas en sucesión ordenada, insertarlas en el lugar en el que se produjeron, atribuirles una posible significación : núcleo seminal de la memoria futura o fugitiva impresión oscuramente captada? : (GOYTISOLO, 1985, p.45).

Por outro lado, as coordenadas de caráter temporal, claramente explicitadas, podem ser entendidas como uma estratégia utilizada pelo autor para definir, dentro do possível, os limites entre a realidade e a ficção. Datas e indicação do tempo decorrido são, basicamente, as marcas linguísticas que definem a coesão temporal da narrativa de *Coto vedado*:

[...] De momento, **la fecha gozne del año treinta y seis** que abre las puertas a mi relato, mi padre era, dentro de un marco estrictamente social, un honesto patrón de arraigadas convicciones derechistas, presto a capear con prudencia el temporal que, para desdicha de él y de todos, terminaría por desatarse sobre el país con violencia inaudita” (GOYTISOLO, 1985, p.51).

Em outro momento o autor comenta as sucessivas mudanças de domicílio empreendidas por sua família no período que antecedeu a Guerra Civil:

Pasado el lapso de unos meses, volvimos a Barcelona. Estábamos de nuevo en la torre de Pablo Alcover, en cuyo piso superior se alojaban ahora unos militares extranjeros, miembros, probablemente de las Brigadas Internacionales (GOYTISOLO, 1985, p.57).

Vale ressaltar que também utiliza outros artifícios de grande beleza poética que associam o episódio narrado e a sua alusão ao tempo decorrido. No fragmento abaixo Goytisoló expressa sua dor diante da constatação de que Viladrau, a cidade onde sua mãe viveu os últimos anos, reduz-se a lembranças de um período em que foi criança e foi feliz:

Viladrau, al que no has vuelto ni volverás jamás, expulsado por siempre de tus fantasías oníricas y, a pesar de ello, diáfano en el recuerdo, reconstruido imaginariamente, mientras escribes, cuadrícula a cuadrícula, casa por casa. Fuera del sueño, la memoria, el olvido : simple página de este libro en la que – una vez impreso, arrancado de ti – no volverás a pensar (GOYTISOLO, 1985, p.85).

Embora algumas passagens deixem transparecer muita ternura em relação a determinada pessoa, lugar ou fato, como se verá adiante, a maior parte do relato é marcada por um inconfundível tom de pesar e de crítica. Reconhecendo a impossibilidade de materializar em linguagem todo o sentimento que a recordação evoca, sabendo-se finito e incompleto diante de uma realidade que continuamente escapa à apreensão do homem, o autor lança mão de vários recursos de forma a

abrir espaço para a diversidade de interpretações. Assim, a crítica do autor se manifesta principalmente quando aborda temas considerados como valores típicos da classe burguesa tais como família, propriedade, religião, aparências, estendendo-se às classes política, acadêmica, etc. Um exemplo dessa crítica pode ser encontrado no fragmento selecionado da página 11:

El mito familiar, escrupulosamente alimentado por mi padre, se esfumó para siempre tras la cruda verdad de un universo de desmán y pillaje, desafueros revestidos de piedad, abusos y tropelías inconfesables. Una tenaz, soterrada impresión de culpa, residuo sin duda de la difunta moral católica, se sumó a mi ya aguda conciencia de la iniquidad social española e índole irremediabilmente parasitaria, decadente e inane del mundo a que pertenecía (GOYTISOLO, 1985, p.11).

Aqui Goytisolo critica a atitude de seu pai, que procurou construir uma imagem de honestidade e trabalho para justificar a riqueza adquirida por seu bisavô Agustín. Em outro fragmento, Goytisolo faz uma reflexão sobre sua dificuldade com o idioma catalão, ao comentar os arroubos nacionalistas e linguísticos de seu pai:

Papá, en el nirvana de su fobia anticatalanista, se complacía en contrastar la prosapia, distinción y eufonía de la lengua de Castilla – sonoridad rotunda de su toponimia: Madrigal de las Altas Torres, Herrera del Duque, Motilla del Palancar – con la zafiedad y plebeyez de unos Tarrasa, Mollet u Hosta-francs grotescamente pronunciados para rematar su singular cursillo de etimología y fonética comparadas con la obligada referencia a la belleza misteriosa del término ‘luciérnaga’ frente a la grosería y miseria del ‘cuca de llum’ local (GOYTISOLO, 1985, p. 36).

Com essa observação, Goytisolo trata de seu estranhamento com relação à língua materna, associando-a à perda de sua mãe e plasmando uma imagem singular de morte – mãe e língua materna. Ao concluir o tema relata a sua iniciativa em estudar catalão quando se exilou em Paris: “[...] lo cierto es que la lengua materna – desvanecida para siempre con mi madre – me resultó con su muerte profundamente

estraña: [...] y apenas sabría leer de corrido [...] ya en Francia me tomé la molestia de estudiarla [...] para acceder al conocimiento de sus obras sin ayuda del diccionario [...]” (GOYTISOLO, 1985, p.36).

No que se refere à sintaxe, em *Coto vedado* observa-se uma estrutura aberta, claramente situada em dois planos de enunciação, e com breves inserções de uma terceira voz narrativa, ausência de diálogos, marcas linguísticas que rompem com a ideia tradicional sobre o gênero autobiográfico. Ao mesmo tempo em que legitima o conceito bakhtiniano de dialogismo, essa presença de vozes diversas que, dentro do texto, dialogam entre si e com os leitores, estabelece um espaço dinâmico onde se concretiza a alteridade:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio de todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1993, p.88).

Todo enunciado é dialógico, visto que um determinado objeto se relaciona com enunciados produzidos anteriormente. Sentidos e significados são produzidos na medida em que vão se constituindo, no texto, outros sujeitos do discurso. Na obra *A estética da criação verbal* Bakhtin (2003), afirma que todo enunciado, unidade real da comunicação verbal, surge numa atitude responsiva, o que implica sempre a presença do outro. Nessa concepção, o “outro” perpassa o discurso do “eu” e, ao suscitar uma resposta, delimita a alternância dos sujeitos. O jogo de vozes instaurado pela polifonia põe ao alcance do leitor uma riqueza de informação que potencializa e otimiza a compreensão dos sentidos do discurso e contribui para a consolidação do “outro”. Tal perspectiva remete ao tema da alteridade que, como

aduz Bakhtin (2003), pode definir o ser humano, visto que o outro é essencial para o entendimento da constituição do sujeito.

Dessa forma, a narrativa se constitui em um espaço dinâmico onde a tradição e a ruptura se encontram, se cruzam e se mesclam, resultando no que Jaime Céspedes Gallego (2006) identificou como níveis de tensão no relato autobiográfico. Seu estudo sobre este gênero, com vistas a demonstrar a insustentabilidade da autobiografia como um gênero fechado, oferece uma interessante contribuição. Observa-se em seu estudo uma aproximação com o conceito defendido por Tzvetan Todorov (1979), para quem a narrativa se forma a partir de uma sequência de enunciados que oscilam entre distintos pontos de equilíbrio, passando por fases de desequilíbrio. Essas fases corresponderiam ao que Jaime Céspedes Gallego denomina níveis de tensão.

Considera-se oportuno, portanto, conhecer o pensamento desse autor sobre cada um dos níveis de tensão, e identificar sua presença em *Coto vedado*. Jaime Céspedes Gallego aponta a tensão no nível da série genérica (tradição e inovação); no nível temático (o autobiográfico e heterobiográfico); no nível da recepção (o pessoal e o universal); no nível semântico (seleção dos fatos essenciais da vida do autor e o fato de que o autor cria um novo sentido para esses fatos); no nível estilístico (tensão entre um estilo "neutro" e uma forma de escritura pessoal ou "literária"); no nível da estrutura narrativa da obra (obras que propõem um receptor interno e outras que carecem de narratário) e, finalmente, no nível pragmático (tensão entre o que é dito e o que quer significar).

Para Céspedes Gallego (2002, p. 27-28) no nível da série genérica, entendida como “la serie resultante de la práctica reiterada de un género”, a tensão se estabelece entre a tradição e a inovação. E o autor esclarece que a inovação nesse caso refere-se àquela que o autor imprime ao relato e não à originalidade de suas experiências de vida. Essa tensão pode ser comprovada no relato autobiográfico de Goytisolo, já que *Coto vedado* apresenta certos elementos convencionais ao gênero: da rejeição à família: “Mientras la noción de familia ha dejado de significar algo para mí desde hace años” (GOYTISOLO, 1985, p.23), e aos valores da sociedade, à crítica às instituições - Igreja, escola, e governo, ilustrados pelo fragmento: “Para quienes no han tenido el triste privilegio de conocer la universidad española de fines de los cuarenta – cuando, al disiparse las esperanzas suscitadas por la victoria de los Aliados, la efervescencia estudiantil había alcanzado su cota más baja. [...]” (GOYTISOLO, 1985, p.144). A inovação se instala e estabelece a tensão pois a mesma escritura do eu que até então seguiu o cânon autobiográfico mostra-se agora polifônica, rompe a configuração tipográfica e sequencial do relato, e inclusive questiona o próprio fazer autobiográfico:

Quando leo libros de historia, la seguridad impertérrita con que sus autores establecen lo ocurrido hace milenios me produce una invencible sensación de incredulidad. ¿Cómo es posible reconstituir un pasado remoto si incluso el más reciente aparece sembrado de tantas incertidumbres y dudas? (GOYTISOLO, 1985, p. 35).

Quanto à temática de *Coto vedado*, a tensão se instala entre o autobiográfico e o heterobiográfico, pois, embora o narrador centre em si o foco narrativo, não deixa de inserir outras pessoas: familiares, amigos e muitos outros que, em determinado momento, fizeram ou fazem parte do seu universo. Um dos efeitos dessa estratégia discursiva, que funde na mesma matéria textual o autobiográfico e o

heterobiográfico, é o estudo sobre a alteridade. Um comentário de Goytisoló sobre as mulheres de sua família é um exemplo que tangencia tanto o aspecto heterobiográfico quanto a questão da alteridade:

La desgracia común a casi todas las mujeres de mi familia y su aceptación paciente del destino confirman en verdad, con claridad meridiana, los argumentos y razones de la revolución feminista. ¿Por qué ellas, siempre ellas en el papel de víctimas? ¿Pasividad inherente a una supuesta 'condición femenina' o más bien, como dirán las propias interesadas al acceder al uso de la palabra, consecuencia obligada de las presiones de la sociedad? (GOYTISOLO, 1985, p. 110).

Dentro do campo de forças estabelecido entre o autobiográfico e o heterobiográfico, a constituição da subjetividade do autor se revela pela relação do narrador com o outro, ou seja, a busca do eu se revela na descoberta da alteridade. Em *Coto vedado*, tal questão se inscreve tanto no plano filosófico, como ensina Lévinas (2004) quanto no plano da linguagem, ressaltado por Bakhtin (1993). Goytisoló declarou em entrevista concedida a ABC 430 em 21 de abril de 2000: “Nadie puede autodefinirse. Es la mirada de los demás la que le configura a uno. No sé realmente quién soy”. Com tal afirmativa, ele contempla o tema da alteridade, uma das bases de sustentação de seu projeto autobiográfico.

Nas palavras de Jaime Céspedes Gallego: “(u)n autobiógrafo consciente de este hecho puede preferir destacar en su autobiografía una o varias personas sobre las que presentarse como ‘discípulo de’, como ‘del grupo de’, ou “ simplemente muy influído por alguien” (GALLEGO, 2006,p.29). No caso de Goytisoló, é sobejamente conhecida sua admiração por Américo Castro, a quem como já foi observado, chama de “mestre”, bem como a Jean Genet, escritor frequentemente citado, principalmente na segunda parte da obra.

Em seu estudo sobre a recepção, Jaime Céspedes Gallego destaca a importância da tensão que se estabelece entre o plano pessoal e o universal, já que o equilíbrio entre ambos e a imagem que o autor constroi de si são elementos fundamentais para o reconhecimento, na obra, de características que o identifiquem com uma determinada época, ou determinado grupo humano. Vale registrar o que este autor diz a esse respeito: “Esta tensión es esencial para el género, pues para confeccionar una autobiografía que trascienda, un autor debe encontrar la manera de transmitir una experiencia única que sea al mismo tiempo ejemplar para los lectores y hasta reconocible como verídica por una parte de lectores coetáneos” (GALLEGO, 2006,p.30). O fragmento abaixo, parte de uma reflexão desenvolvida por Goytisoló sobre seu desencanto com as alternativas políticas da Espanha franquista. Assim é representada esse tipo de tensão estabelecida entre o plano pessoal e o universal:

[...] cuando alguien rompe con un orden coherente y compacto de implicaciones tanto religiosas y metafísicas como sociales, políticas y morales, su primera y casi irresistible tentación será buscar refugio en un sistema de características intrínsecamente semejantes aunque reñidas y opuestas en lo exterior (GOYTISOLO, 1985, p.246).

A questão dos limites entre ficção e realidade parece ser retomada no nível semântico: “hay una tensión [...] entre el hecho de que el autobiógrafo recopila una serie de hechos [...] crea un sentido ‘nuevo’ en torno a esos hechos, pues dependen de una selección, y de la manera de ser contados, de ser transformados en hecho lingüístico” (GALLEGO, 2006, p. 30-31). Essa zona limítrofe é comentada pelo próprio Goytisoló em *El universo imaginario*: “[...] la relación del relato con la realidad es fatalmente ambigua, en la medida en que el texto escrito obedece a las leyes de su propia composición y estructura” (GOYTISOLO, 1997, p.43). Em *Coto vedado*,

Goytisolo, consciente dessa problemática, enfrenta-a e vai mais além. Não deseja somente a reconstrução de seu eu autêntico, negado e encoberto pelas circunstâncias da época e do meio social em que viveu. Busca, por meio de seu duplo, recuperar a identidade em sua essência e autenticidade, mas está consciente da possibilidade de alteração dos fatos. Seu projeto autobiográfico parece situar-se, portanto, num entre – lugar.

No que se refere ao nível estilístico, pode-se observar em *Coto vedado* um entrelaçamento com o nível genérico (tradição e renovação), pois concomitante à linguagem simples, direta, fluida, que predomina na narrativa, Goytisolo adota um outro tipo de linguagem, mais original e personalizada, inclusive na própria configuração gráfica. A tensão é mantida na dinâmica estabelecida entre a objetividade e a subjetividade, e no emprego de diferentes funções da linguagem, como mostram os exemplos (função referencial ou denotativa): "la mañana del diecisiete de marzo de 1938, mi madre emprendió el viaje como de costumbre (GOYTISOLO, 1985, p.61). O fragmento abaixo, em que Goytisolo se questiona sobre a dificuldade de romper com os valores burgueses, ilustra a função emotiva da linguagem:

Cortezas, hollejos, mudas de piel desprendidas a lo largo del camino de tu futura y extinta carrera de intelectual de servicio : entregado a qué? : a la promoción del mañana radiante o el mezquino, personal interés? : ambigüedad mantenida por años y observada después, desde la barrera, en los heraldos del progresismo : [...] ademanes sincopados, sonrisas hueras, balanceo de brazos alzados del doble o robot que, encaramado en la tribuna de una gloria harapienta, cifraría más tarde a tus ojos el escarnio y miseria del simulador (GOYTISOLO, 1985, p.245).

A função metalinguística responde por um importante aspecto em *Coto vedado*, em face do processo de ruptura presente na obra. Ao questionar a dificuldade da escrita

e as armadilhas da memória, Goytisolo lança mão de recursos linguísticos que remetem não somente à questão da linguagem e da escritura, como também ao questionamento do próprio gênero. O fragmento abaixo constitui um exemplo dessa ocorrência na obra:

Sabía que mi castellano barcelonés adolecía de imprecisión y pobreza, y obligado de continuo a hacer uso del diccionario, incurría en aquel estilo un tanto libresco, rígido y encarado que, en mayor o menor grado, afectaría la prosa de mis primeras novelas. El tema, por su parte, tampoco acababa de convencerme: [...] traslucía en exceso el impacto de mis lecturas (GOYTISOLO, 1985, p.162-163).

Dentro do nível linguístico, destaca-se ainda, em *Coto vedado*, o uso da função poética. A ênfase na mensagem em si, que caracteriza essa função, encontra-se bem representada no parágrafo em que Goytisolo discorre sobre os efeitos alucinógenos, obtidos após a ingestão de chá de menta com maaxún⁴, associando a experiência ao processo criativo:

Júbilo conceptual, barroquismo sinuoso, frases implicantes, ovilladas culebras : paroxismo creador de quien, encaramado em las cimas del arte poética, advierte no obstante la avariciosa precariedad de sus dones. Pues las metáforas se imbrican, encabalgan, solapan con rapidez enloquecedora, escurren líquidas entre los dedos, emulan la sabia ingravidez de Góngora, aparecen, fulguran, estallan, burlan tus esfuerzos por retenerlas, te arrastran con ellas asido a su cola (GOYTISOLO, 1985, p.46).

Outro exemplo pode ser encontrado no trecho que vai da página 222 até a 229. O foco da narrativa é Raimundo, um trabalhador da área portuária de Barcelona que o autor conheceu no ano de 1954 e por quem nutriu, durante muito tempo, uma forte

⁴ Também conhecida como majoun. Trata-se de uma mistura de cannabis, frutos secos, tâmara, mel e ervas aromáticas. Disponível em www.fac.cc/2008/.../maaxun-el-viaje-cannabico-de-juan. Acesso em 15/12/09.

atração. Antes de inserir Raimundo na narrativa, o autor faz uma descrição detalhada e poética do local, desloca o foco narrativo para a segunda pessoa e conserva a mesma fonte de letra. Goytisolo associa a beleza do lugar – Varadero, à estética da escrita, evocando no texto toda a riqueza sinestésica do local, que se traduz em uma descrição detalhada:

El lugar es uno de esos escenarios privilegiados que, como la plaza de Marraquech o el Zoco Chico de Tanger, se imponen a la imaginación de inmediato y misteriosamente se transforman en espacio de la escritura: [...] Desde allí, [...] contemplaban el movimiento general de los barcos, gabarras, remolcadores, golondrinas y embarcaciones de pesca; [...] el vuelo tornadizo de las gaviotas, a veces como suspendido e inmóvil, [...]. El pontón se mecía con suavidad al paso de las lanchas de los carabineros o fuerabordas de los americanos y las maromas sujetas a los amarradores crujían [...] con quejido casi animal.[...] Moviéndose entre ellos, cargado con baldes de agua o listo para tapar las juntas del casco de un bote [...], un hombre que camina descalzo, cubierto con unos simples calzones rotos, moviliza imperiosamente tu atención [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 222-223).

Baseado na auto-referencialidade ou metatexto o enunciador confessa a fascinação que sente por Raimundo e comenta o processo pelo qual este se transforma em personagem literário:

El fracaso de tu tentativa nocturna no interrumpe vuestra amistad: Raimundo será durante el año cincuenta y cuatro el centro ígneo, irradiante, solar en torno al cual tu existencia gravita. Diariamente acudes a verle, a solas o con tus amigos : [...]. Del mismo modo imperceptible que Lucho, tu amigo se ha ido convirtiendo poco a poco en un personaje literario con el que contiendes a diario en la página en blanco, independientemente del modelo real. Este cambio de status implica un distanciamiento tácito del segundo, el cese de tu anterior subordinación a su apremiante personalidad. [...]. Raimundo ha pasado a ser al cabo de un año un testimonio vivo de la verdad escrita en tu novela: alguien a quien se muestra a los amigos como prueba suplementaria de autenticidad (GOYTISOLO, 1985, p.227-228).

A estrutura narrativa estabelece uma tensão entre os distintos planos da enunciação. Essa tensão relaciona-se diretamente ao gênero, já que “podemos

hablar de cerrazón o apertura, pues hay que distinguir entre las autobiografías que proponen un marco cerrado (es decir un emisor-narrador, un mensaje y un receptor interno-narratario) y otras que carecen de narratario” (Gallego, 2006, p.36). Em *Coto vedado*, esse conflito é solucionado pela presença do enunciatário, ou seja, a alternância dos pronomes de segunda e terceira pessoas define o destinatário interno, a pessoa a quem se dirige a enunciação: “la instancia ideal que sería capaz de comprender todas las significaciones del texto”. (Gallego, 2006, p.36). Na página 41, em itálico, encontra-se um exemplo elucidativo:

[...] hallar en la resistencia interior a desnudarlo el canon moral de tu escritura, ese cuerno de toro no simplemente metafórico sino real, tan real como el que te arrastrara por los suelos durante la celebración de los encierros, metáfora como las de don Quijote, vivida desde dentro, no molinos-gigantes ni bacías-yelmos, fusión integral de ambos planos en la materia del texto, riesgo deliberadamente asumido [...] (GOYTISOLO, 1985, p.41).

No nível pragmático, a tensão se verifica entre o que se diz textualmente e as possibilidades de leitura a cargo do receptor. Em que pese a importância do pacto autobiográfico, sempre há de se considerar o conhecimento e visão de mundo do leitor, frente à posição privilegiada do escritor e sua visão atualizada dos episódios de sua vida, bem como a seleção e a forma de narrá-los, elementos que certamente produzirão efeitos diversos no leitor. A esse respeito vale lembrar o episódio narrado na página 101:

Una noche, cuando la casa entera estaba a oscuras, recibí una visita. El abuelo, con su largo camisón blanco, se acercó a la cabecera de la cama y se acomodó al borde del lecho. Con una voz que casi era un susurro, dijo que iba a contarme un cuento, pero empezó en seguida a besuquearme y hacerme cosquillas. [...], se tendió a mi lado en el catre y deslizó suavemente la mano bajo mi pijama hasta tocarme el sexo. Su contacto me resultaba desagradable, pero el temor y la confusión me paralizaban (GOYTISOLO, 1985, p. 101).

No gênero ficcional, uma revelação dessa natureza provavelmente não teria maiores repercussões pois, ao escrever, o autor trabalha com plena liberdade de criação e fatos como o anteriormente citado não gerariam, em princípio, nenhum tipo de questionamento. No entanto, o mesmo não se pode afirmar quando se trata de uma narrativa autobiográfica que, por sua natureza, confere maior valor à veracidade das informações.

Realidade ou ficção, o tema do assédio é retomado por Goytisoló em outros momentos do relato: “El episodio del abuelo y la reacción que suscitó en la familia tuvo de seguro para mí un efecto traumático. La fobia visceral de mi padre a los homosexuales – cuyo símbolo execrable encarnaba su suegro – alcanzaba a veces extremos morbosos” (GOYTISOLO, 1985, p.104 -105). “La conducta del abuelo conmigo me parecía, desde luego censurable; pero el castigo, campaneado jubilosamente en casa, despertaba en mí sentimientos de injusticia y reprobación” (GOYTISOLO, 1985, p.105). A crítica à sociedade espanhola transparece no comentário sobre o estigma que seu avô carregou por toda a vida:

Esta conformidad suya al juicio ajeno, aceptación sumisa de su condición natural de paria, incapacidad de reaccionar a los ataques que continuamente sufría provocarían mucho más tarde en mí una inmensa piedad por él. Su pederastia compulsiva, ruborosamente oculta por décadas, la había vivido como una tragedia íntima: un vicio condenado por la religión en la que creía y la sociedad que le rodeaba. Careciendo del temple moral necesario para asumirla, no tenía más recurso que ofrendar la cabeza al hacha del verdugo cada vez que, por su mala fortuna, cedía a ella y era expuesto después a la picota pública (GOYTISOLO, 1985, p.105).

O convívio com o avô, o fato de presenciar com frequência as humilhações que sofria, além do dilema em que aquele se debatia, influíram na decisão de Goytisolo de assumir, perante sua companheira Monique, a sua orientação sexual:

El recuerdo de este automenosprecio consecutivo al desdén de los demás, de este oprobio asumido y transmutado en culpabilidad interna pesó muy fuerte en la decisión de afirmar mi destino contra viento y marea, de poner las cosas en claro frente al prójimo y a mí mismo (GOYTISOLO, 1985, p.105)

No que se refere aos tipos de discurso, sabe-se que a construção de uma voz própria é condição básica da criação literária e que toda narrativa estabelece uma relação discursiva com o leitor, mais pelo seu conteúdo que por sua forma específica. No caso de *Coto vedado*, cabe ao leitor buscar a referencialidade histórica e detectar a linearidade temporal dentro da estrutura textual, uma vez que Goytisolo relaciona a questão do tempo muito mais ao fluxo da memória que à cronologia dos fatos.

Observa-se, por exemplo, no início da narrativa, na página 11, uma projeção ao futuro quando aborda o tema de sua aproximação ao Partido Comunista: “Fue así como, a los veintitrés o veinticuatro años [...] pasé a ser compañero de viaje del Partido Comunista clandestino”, e na página 42 uma retroação temporal: “Tiempo: la fecha del parto fue el cinco de enero de 1931”. Outros exemplos dessa mobilidade temporal que caracteriza o fluxo de memória, ainda que seja uma memória seletiva, podem ser detectados nos seguintes fragmentos: “O, *quinze meses más tarde*, [...]” (p.26), “Cuando pienso ahora [...]” (p.32), “Por estas fechas – verano u otoño de 1938 [...]” (p.72). Essa perspectiva de um tempo não linear, uma das características

do discurso moderno, constitui uma marca de ruptura em *Coto vedado*, que, como gênero autobiográfico, pressupõe, em princípio, uma linearidade dos fatos.

Na epígrafe da primeira parte de *Coto vedado*, o verso do poeta René Char (1907 – 1988), figura chave da moderna literatura francesa, já delinea o quadro de desencanto de Goytisolo frente à realidade político-social da Espanha e da Europa: (La lucidité est la blessure la plus rapproche du soleil - A lucidez é a ferida mais próxima do sol), como pode ser observado no fragmento abaixo:

El desamor a España - esa entidad ajena, fragmentaria, incompleta, a veces obtusa y terca, otras brutal y tiránica: [...], sujeto y motivo de nostalgia, proyección compensatoria de una patria frustrada, atisbo, vislumbre, presentimiento de un mundo todavía quimérico pero presente ya en tu espíritu en su muda, acechante proximidad (GOYTISOLO, 1985, p.276) .

A epígrafe também pode ser tomada como um exemplo de polifonia, que é entendida por Koch (1997) como “fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir ‘vozes’ que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes, com as quais o locutor se identifica ou não”. É ainda, de acordo com Bakhtin, (2003) a presença de outros textos dentro de um texto que estabelecem uma multiplicidade de vozes. Neste estudo tomamos como exemplos de polifonia, as epígrafes que abrem as duas partes de *Coto vedado*, por entendermos que são adequadas ao contexto da obra. A primeira delas corrobora uma ideia presente em *Coto vedado*. La lucidité est la blessure la plus rapproche du soleil - A lucidez é a ferida mais próxima do sol - ,insere na narrativa uma voz que afirma que o conhecimento alcançado pela dor se assemelha a um ferimento impossível de ocultar. Goytisolo não se coloca em nenhum momento como vítima, mas como produto de circunstâncias que em vários

momentos deixaram cicatrizes, feridas abertas que,se com o tempo cicatrizaram, conservaram, entretanto, suas marcas:

 Mi decisión veinteañera de ser escritor a secas y entrega posterior a la literatura fue en cierto modo resultado de una ardua y compleja negociación: el trato cuidadosamente cerrado entre la conciencia agobiadora de la realidad y el contrapeso nivelador de la mitomanía (GOYTISOLO, 1985, p.233).

O outro exemplo de marca polifônica selecionado em *Coto vedado* corresponde à citação de Montaigne (... "et existe autant de différence de nous á nous-mêmes que de nous à l'autrui" - e existe tanto de diferença entre mim e eu mesmo como entre mim e o outro) e remete a uma das bases da narrativa de *Coto vedado* – a alteridade. A fala das personagens evidencia diferentes vozes, com diferentes perspectivas; vozes que denunciam e/ou materializam o autoritarismo e que enunciam o protesto e a insatisfação. Por outra parte, pode-se constatar que também na polifonia instaurada em *Coto vedado*, o autor apresenta sua interpretação da história e cultura espanhola, na perspectiva da alteridade.

Em distintas culturas e épocas a alteridade tem-se manifestado, senão como prática de convívio social, sim como tema de obras como a que, neste estudo, analisamos e, nesse sentido, as estratégias discursivas utilizadas por Goytisoló são fundamentais para expressar a riqueza de uma realidade que se constitui por meio de muitas vozes, mesmo que frequentemente ignoradas ou obrigatoriamente silenciadas. Contra tais fatos se levanta a voz de Goytisoló. Como alguém já afirmou a escrita é a mais alta de todas as vozes.

Em seu artigo “Coto vedado, ¿autobiografía o novela?” Sixto Plaza (1989) afirma: “La obra publicada bajo el título de *Coto vedado* sería la que más se aproximara a estas definiciones, (novelas) aunque no es una "novela" sino una "autobiografía". Essa afirmação remete novamente à questão das fronteiras, nem sempre nítidas, entre autobiografia e ficção. Por um lado, a autobiografia goza de um status de veracidade conferido pelo próprio autor, que narra sua própria história sem nenhum tipo de mediador e oficializada pelo pacto autobiográfico. Por outra parte, o eu narrador se ficcionaliza pelo discurso do enunciador, mesclando, muitas vezes, no mesmo enunciado, objetividade e subjetividade, o que resulta em um paradoxo em que se fundem a realidade vivida e a realidade transcrita e, em algumas situações, concretizando em matéria narrativa a realidade desejada, como se pode observar no fragmento:

[...] imperativo de dar cuenta, a los demás y a ti mismo, de lo que fuiste y no eres, de quien pudiste ser y no has sido, de precisar, corregir, completar la realidad elaborada en tus sucesivas ficciones, este único libro, el Libro que desde hace veinte años no has cesado de crear y recrear y, según adviertes invariablemente al cabo de cada uno de sus capítulos, todavía no has escrito (GOYTISOLO, 1985, p.29).

A página 152, composta de um único parágrafo, todo em letra itálico, constitui um exemplo do questionamento levantado por Goytisolo sobre a dificuldade de transitar no campo minado constituído pela memória, sem adentrar o campo ficcional. A citação aborda inicialmente o tema da memória:

¿Es función de la memoria involuntaria conservar las impresiones soterradas que el mecanismo del recuerdo destruye? : la hipótesis freudiana, atribuyendo al último una acción canibalesca, depredadora respecto a los vestigios de un pasado sepulto, ¿no condena acaso tu ingenuo proyecto de recobro en razón de sus posibles resultados opuestos al fin perseguido? : (GOYTISOLO, 1985, p.152).

Nessa reflexão o autor introduz na narrativa a questão da memória, especificamente a memória involuntária. Esse tema tem sido amplamente debatido por estudiosos da modernidade, e entre eles Walter Benjamin (1983), que destaca sua importância na literatura. No contexto de *Coto vedado* a memória desempenha um papel fundamental, principalmente por tratar-se de uma literatura que tem no passado remoto - portanto na recordação - sua fonte de origem, ou em palavras de Goytisolo: seu “núcleo seminal de la memoria futura o fugitiva impresión oscuramente capturada [...]?” (GOYTISOLO, 1985, p.45). O narrador, protagonista absoluto deste tipo de relato, comprometido com seu projeto literário, tem como fonte única de criação a materialidade do passado vivenciado (objetiva ou subjetivamente).

Para Benjamin (1983), existem duas classes de memória: uma voluntária – comandada pela razão, conhecida também como memória da inteligência, sujeita à vontade e aos interesses do indivíduo, portanto, seletiva. Esse tipo de memória não goza de prestígio na literatura, exatamente pela sua natureza passível de manipulação. A memória involuntária, citada por Goytisolo na primeira linha do parágrafo da página 152 poderia, sim, oferecer um relato fidedigno do passado, pois ela não se subordina à vontade, surge espontaneamente ou é desencadeada por alguma circunstância externa. Essa memória não está sujeita à ação do tempo e fala muito mais dos efeitos do que das causas dos fatos na vida das pessoas.

Vale lembrar que, na obra de Goytisolo os elementos de memória mais recorrentes tanto na narrativa autobiográfica, quanto algumas obras consideradas ficcionais, como por exemplo, *Señas de identidad* (1976), remetem ao problema da Espanha e, na sequência, à Guerra Civil e à morte prematura de sua mãe. Outro fragmento

extraído do mesmo parágrafo da página 152 reafirma a dificuldade de recuperar com exatidão os fatos do passado:

La lenta sedimentación de los años, estratos de cuanto vegetaba en semiolvido fecundo sería en tal caso objeto de un pillaje organizado cuyos propósitos estructuradores no compensarían sino al contrario la devastadora manipulación enfrentado a la crudeza de la teoría no tienes más remedio que admitir su contaminadora sospecha: la tarea que tan confiadamente emprendieras, aquella resolución brusca de no permitir que tu vida, experiencia y emociones, lo que eres y has sido desaparecieran contigo se ha ido transformando poco a poco en un terreno plagado de redes y asechanzas que te obligan a andar con cautela, volver atrás la cabeza, poner en tela de juicio la exactitud de tus versiones, someterlas a la prueba de una confrontación con otros testigos, recurrir a documentos escritos que de algún modo corrigen o alteran su laboriosa reconstrucción : (GOYTISOLO, 1985,p.152).

O texto aponta para duas vertentes fundamentais na narrativa autobiográfica – o sujeito fragmentado em busca de um sentido para sua vida, como forma de perpetuar-se pela escritura e a impossibilidade de fazê-lo sem incorrer na ficcionalização. A esse respeito, parece bastante pertinente a afirmação de Pope (2001), para quem a autobiografia fundamenta-se em:

un querer saber quién soy, un querer atestiguar públicamente esa verdad. Goytisoló sabe, [...] que esta es una de las perplejidades del género: el autor tiene un cierto conocimiento privilegiado del asunto [...] pero a la vez se enfrenta a una maraña de obstáculos: fallas de la memoria, información equivocada, represiones conscientes e inconscientes, falsos recuerdos, recuerdos elaborados, y tantas otras trampas de la memoria [...] (POPE, 2001).

As linhas finais do parágrafo reafirmam a necessidade de uma acurada atenção por parte do autobiógrafo, a fim de evitar também um julgamento benevolente consigo, o que poderia conduzir à ficcionalização do relato ou, segundo o autor, a uma forma de traição, como corroboram as reflexões de Goytisoló

Como los sueños contados en el momento de despertarse a fin de que no se borren de la memoria se modifican al punto y pierden su aroma, así la fidelidad de la impresión que evocas exige una dosis prudencial de recelo: tu personalidad aleatoria de aquellos años, con sus rasgos a menudo antitéticos, propicia la tentación de otorgarle una posterior coherencia que, pese a su verdad teleológica, será una forma sutil de traición. (GOYTISOLO, 1985, p.152).

Em outra oportunidade o escritor nos lembra da complexidade que envolve, na narrativa autobiográfica, os limites que definem as fronteiras entre o relato autobiográfico e o relato ficcional:

Los recuerdos los vas sacando, luego los unes en forma de escritura y les das ya una estructura que no obedece a la vida, sino que obedece a la creación literaria. Siempre es esta la contradicción que uno advierte. A veces me lo planteaba: el recuerdo de un recuerdo de un recuerdo, ¿es todavía un recuerdo? No lo sé, no lo puedo saber (Goytisolo, 2007).

A memória voluntária, por sua vez, manifesta-se notadamente nas marcas de autenticidade que permeiam a narrativa. De acordo com Bergson (2006), esse tipo de memória é consciente e pode ser ativada quando a pessoa assim o deseja, tendo, portanto um caráter prático. Não tem a mesma carga emotiva e simbólica da memória afetiva, configurando-se mais como vivências de aprendizagem que, pelo uso, podem tornar-se comportamentos automatizados. Nesse aspecto, pode ser considerada como uma memória impessoal, pois “a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for mais bem sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada” (BERGSON, 2006, p.91).

Fatos verídicos da história pessoal de Goytisolo, da história da Espanha e outros de repercussão mundial fazem parte de sua memória voluntária e conferem à obra maior veracidade. Esta característica faz com que o leitor se sinta mais seguro de seu papel no pacto autobiográfico já que, ao mencionar episódios conhecidos por esse leitor, Goytisolo, de certa forma, insere-o em seu relato. A revolução cubana citada inicialmente nas páginas 10 e 11, a Semana Trágica (p. 19), a Guerra Civil (p. 23), a morte de sua mãe (p. 37) são alguns dos muitos exemplos que podem ser mapeados no relato e que permitem ao leitor adentrar o universo representado pelo autor, bem como conhecer a interpretação da Espanha e da cultura espanhola que Goytisolo expõe. Nomes de personalidades como Antonio Maura, que ocupou, por cinco vezes, o cargo de chefe do governo espanhol de forma descontínua entre os anos de 1903, a 1922, Vicens Vives, historiador e professor da Faculdade onde Goytisolo estudou (p. 143), além de outros como Castellet, Marsal, Manuel Sacristán, Gil de Biedma e Carlos Barral (p.145), associam-se a um período específico da vida do autor. Esses elementos delineam um retrato de época que, nesse contexto, contribui para oferecer ao leitor uma sólida base de realidade.

Outro aspecto interessante que une, no mesmo relato, o teor documental e o ficcional, diz respeito à transcrição de três cartas, nas páginas 12 e 13 de autoria de escravos que trabalhavam para seu avô, Agustín Goytisolo, e recuperadas por Goytisolo graças: “[...] a los hábitos ordenados de su hijo Antonio (tio do autor) debemos la conservación de um verdadero archivo de documentos” (GOYTISOLO, 1985, p.10). No parágrafo que antecede a transcrição na página 11 Goytisolo alude a outra carta: “[...] La misiva incluída en el último capítulo de la novela que cierra mi trilogía es auténtica si bien, por razones de adaptación novelesca, introduje algunos

cambios al transcribirla.” (GOYTISOLO, 1985, p.11). Essa técnica é explicada por Lejeune, quando aborda o tema do romance autobiográfico. Segundo esse autor, se considerada apenas a análise interna do texto, não se encontram diferenças entre o romance e autobiografia, já que todos os procedimentos adotados para dar ao leitor a convicção da autenticidade do relato podem ser também igualmente utilizados pelo romance que com frequência os repete. Para Lejeune:

[i] sso só é correto quando nos limitamos ao texto, sem considerar a página do título, pois desde o momento em que a englobamos ao texto, com o nome do autor, passamos a dispor de um critério textual geral, a identidade do nome (autor-narrador-personagem). O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro (LEJEUNE, 2008, p.26).

Vale destacar que, durante o lançamento de *Coto vedado*, ocorrido em Madri em 30 de dezembro de 1985, o crítico Rafael Conte procedeu à leitura de um texto de autoria do jornalista Lluís Bassets. Nessa matéria Bassets se refere a *Coto vedado* como uma obra realizada “con mucho amor, con un amor duro y cruel a veces, que exalta lo que denigra. Un libro autobiográfico y valiente, de indagación y búsqueda que asume una mirada crítica, nada resignada de la propia historia personal y colectiva”. Essa afirmação reflete, de certa forma, a construção do ethos autoral de Goytisolo.

O ethos “designa a imagem que o locutor constroi em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário.” (CHARRAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p, 220). Ele revela o caráter do enunciador, a representação que este faz de si mesmo. A leitura e análise de *Coto vedado*, portanto, deve tomar em consideração o contexto sociocultural que o produziu e, de igual modo, os fatores que influenciaram a formação do caráter e da identidade do autor. Em outras palavras, ter em

perspectiva que quando Goytisolo opta por falar de si, ele o faz impulsionado por determinados objetivos que revelam ou ocultam anseios, conscientes ou não. Esse contexto corrobora a construção de um ethos autoral que o leitor, via de regra, associa à imagem do escritor:

Lo que te fue arrebatado entonces iba a pesar con fuerza en tu destino, pero las consecuencias de tu orfandad no se manifestarían sino más tarde : extrañamiento de la figura paterna, tibieza religiosa, indiferencia patriótica, rechazo instintivo de cualquier forma de autoridad, cuantos elementos y rasgos plasmarían luego tu carácter guardan sin duda una estrecha relación con aquélla (GOYTISOLO, 1985, p.66).

Mais que sua autobiografia, Goytisolo apresenta sua interpretação da história da Espanha. Os fatos marcantes da história nacional são também decisivos em sua vida e participam efetivamente na construção de seu ethos autoral autobiográfico. Quando fala sobre seu interesse pela literatura, o autor levanta a possibilidade de que esteja relacionado aos hábitos de alguns antepassados do tronco materno. Ele cita, por exemplo, sua tataravó María Mendoza: "[...] Los vestigios del pasado interferían en mi juventud de forma molesta y sólo más tarde volví a pensar en esa posible y lejana transmisora genética de la vocación literaria que marcaría mi vida y la de mis hermanos [...]" (GOYTISOLO, 1985, p.30). Finalmente, com um discurso pleno de admiração e carinho, Goytisolo conclui esse assunto referindo-se à sua mãe:

Cuando a mis diecinueve o veinte años empecé a recorrer [...] el lote de libros franceses que integraban su biblioteca, el contenido de aquéllos [...] me revelaron el alcance de una pasión que, a su vez, influiría decisivamente en mi vida. Una nueva imagen de ella, [...] se superpuso a la compuesta hasta entonces de deshilvanados recuerdos y evocaciones someras. La mujer joven que me parió, dio el pecho, cuidó de mí y mis hermanos ceñida exteriormente a su papel de madre de familia, ¿era la misma que, según descubriría mucho más tarde [...], había escrito a escondidas un texto titulado *El muro y la locura* cuya morbidez le impresionó? (GOYTISOLO, 1985, p.52).

Destaca-se, assim, na construção de seu ethos autoral, a influência familiar que se agrega a outros fatos, como a questão da linguagem que o autor comenta: “Como prueba mi propio ejemplo, la inclinación a una u otra lengua por parte del escritor potencialmente bífido no es producto exclusivo de una libre elección personal sino resultado [...] de una serie de coyunturas familiares y sociales posteriormente asumidas” (GOYTISOLO, 1985, p.37).

Sobre a presença da família como marca distintiva de seu ethos, é interessante observar que, ainda que Goytisoló afirme: “[...] Mientras la noción de familia ha dejado de significar algo para mí desde hace años [...]” (GOYTISOLO, 1985, p. 23), esse valor se constitui um forte referencial em sua obra. Além de sua declarada simpatia pelo tio-avô Ramón, o autor registra também, inclusive já na primeira página da obra, a figura de Leopoldo, o tio por quem demonstra um grande apreço, dedicando-lhe um amplo espaço em sua narrativa, que ocupa as páginas 112 a 114. E não apenas em *Coto vedado* o tio Leopoldo está presente. Ganha status de personagem também em outras obras suas e de um irmão: “[...] Con diferentes nombres y máscaras, aparecería en una de mis novelas y en la tetralogía de mi hermano Luis, integrado ya por siempre en los lares de una empresa literaria cuya existencia desconocería” (GOYTISOLO, 1985, p.112). Ainda sobre o mesmo tema, ou seja, a presença da família nas autobiografias, a afirmação de James Fernández (1991) parece reforçar o exposto acima:

Establecer el lugar de la familia en la tradición autobiográfica resulta problemático; no sólo porque este lugar ha cambiado a través de la historia del género, sino también porque los mismos autobiógrafos se contradicen. Si por una parte se afirma a menudo que la autobiografía moderna nace

con la caída del antiguo régimen y el surgimiento del self-made man, por otra parte los autobiógrafos a veces demuestran un fuerte interés por los linajes, la genealogía, la herencia biológica. (FERNÁNDEZ, 1991, p. 54-60).

Em que pesem as críticas feitas aos valores cultivados por sua família, Goytisoló não deixa margem a dúvidas sobre o apreço que lhe devota, e inclui no grupo familiar a figura de Eulalia, a mulher que, contratada por seu pai, foi responsável pela criação do autor e de seus irmãos. Por mais de uma vez Goytisoló a menciona, e lhe tributa homenagem:

El importantísimo papel desempeñado por Eulalia en mi vida y la de mis hermanos, su personalidad contradictoria y compleja, su inmensa bondad y afecto por nosotros, sus querencias, caprichos, fobias, coqueterías requieren tratamiento aparte [...]. Su generosidad, abnegación, natural intuitivo la ayudaron a capear la situación y sobreponerse a los obstáculos (GOYTISOLO, 1985, p.80).

Uma descrição do quadro de decadência vivida por sua família em determinado período, coloca novamente em cena a figura de Eulalia:

Ella, la pobre sirventa aragonesa,[...] Julia transformada para siempre en Eulalia, custodia celosa de tres muchachos a quienes llegaría a querer como hijos, ignorante, sabia, patética, bondadosa, vuelta en razón de las circunstancias del puesto central que, a fuerza de voluntad y carácter, ocuparía entre nosotros, en testigo lúcido, fatalista de la decrepitud de personas y cosas (GOYTISOLO, 1985, p.127).

Goytisoló registra a dificuldade de lidar com a perda de Eulalia: *“idea intolerable de enfrentarte a la mujer aterrorizada e indefensa, verte obligado a esconder la naturaleza de la dolencia, [...] en espera de carta hasta el escueto telegrama, abierto con dedos temblorosos, que te aguarda en Fez* (GOYTISOLO, 1985,p.131).

Com admiração fala do irmão, escritor, Luis Goytisoló: “escribía también, con una madurez sorprendente y como adquirida de golpe: desde la aparición de su primer cuento en una revista barcelonesa, cualquier lector atento del mismo adquiriría al punto la certeza de habérselas con un verdadero autor” (GOYTISOLO, 1985, p.232). José Agustín, poeta, e Marta, a única irmã de Goytisoló também são citados. O primeiro, citado pelo menos umas quatorze vezes e, se de início, é associado às experiências corriqueiras da infância, na página 102 (José Agustín) é lembrado como confidente do autor que lhe relata o episódio do assédio sexual de que fora vítima. Este fato traz à baila a personalidade de seu avô materno e é o mesmo irmão que comunica ao pai de ambos o que ouvira de Goytisoló sobre a natureza das visitas que lhe fizera seu avô durante noites.

José Agustín é citado novamente algumas vezes na segunda parte da obra, e no que se refere à sua carreira literária há um breve comentário: “José Agustín, cumplido su servicio militar en Mahón, trabajaba y escribía un libro de poemas, *El retorno*, con miras al premio Adonais” (GOYTISOLO, 1985, p.194). Parece claro em Goytisoló maior identificação ou proximidade com Luis, o irmão mais velho. De todo modo o autor comenta a característica comum aos três – o labor literário, e ao fazê-lo cita Freud⁵ e retoma um tema, abordado inicialmente na página 90 e que se repete nas páginas 117, 215 e 233 - a mitomania. Essa peculiaridade de seu caráter o autor a associa claramente aos traumas familiares que vivenciou e pode ser considerada como integrante de seu processo de ruptura:

⁵ “Os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (isto é, ao progenitor do mesmo sexo), e ser grande como seu pai e sua mãe.” FREUD Sigmund. *Romances Familiares*, vol. 9, p. 243.

La vocación literaria mía y de mis hermanos, criados en un medio social y educativo muy poco propicio *a priori* al cultivo de las letras no puede explicarse tal vez sin la existencia de una necesidad angustiosa de resarcirse de un trauma y decepción tempranos [...]. Mi decisión veintiañera de ser escritor a secas y entrega posterior a la literatura fue en cierto modo resultado de una ardua y compleja negociación: el trato cuidadosamente cerrado entre la conciencia agobiadora de la realidad y el contrapeso nivelador de la mitomanía (GOYTISOLO, 1985, p. 233).

Goytisolo centra sua atenção nesse aspecto e sua escrita sugere, simultaneamente, ruptura e reencontro. O fragmento abaixo parece bastante ilustrativo dessa possibilidade:

Como la madre frustrada [...] después de un aborto involuntario busca con impaciencia, a fin de superar el trauma, la forma y ocasión apropiadas a lograr un nuevo embarazo, sentir aflorar bruscamente, en el dormitorio de la habitación en donde os reponéis del percance, la violenta pulsión de la escritura tras largos meses de esterilidad sosegada, urgencia y necesidad de escribir, expresarte, no permitir que cuanto amas, tu pasado, experiencia, emociones, lo que eres y has sido desaparezcan contigo, resolución de luchar con uñas y dientes contra el olvido, esa sima negra de fauces abiertas que acecha, lo sabes, a la vuelta de cualquier camino, don de vida precario, milagro humano, existencia y realidad avariciosamente concedidas, júbilo de confirmar con los cinco sentidos que el portento diario se prolonga, que una prórroga aleatoria te consiente aún ser tu mismo, súbita y reiterada acumulación de recuerdos [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 28-29).

Soma-se a esta necessidade de ser lembrado, de poder ser ele próprio, sem máscaras ou subterfúgios, o fato de que há uma mudança profunda na forma como se refere ao pai. No reencontro consigo mesmo o autor se reconcilia também com seu pai e seu país. De início, em grande parte da narrativa os comentários a respeito de seu pai apresentam sempre um tom de censura, recriminação e até de repulsa:

Católico, monárquico, visceralmente opuesto al catalanismo [...]. Esta nueva imagen paterna no se imprimió en mi memoria sino en Viladrau; pero, de

modo imperceptible, se extendió entonces sobre la forjada en mis primeros años [...]. La admiración y respeto que probablemente sentía por él sufrieron así un daño irreparable. [...] comenzó a inspirarme una injusta, pero real repugnancia (GOYTISOLO, 1985, p. 52-59).

Entretanto, no processo de ruptura e reencontro plasmado na narrativa, o livre exame de consciência e a reconciliação afloram, como se constata na passagem:

Hoy, esta falta de piedad y comprensión filiales me parece desde luego chocante. Las pruebas a que había sido sometido mi padre sobrepasaban el límite de sus fuerzas y no merecían una actitud de rechazo como la mía. [...] el personaje omnipotente y magnífico levantado en mi conciencia hasta los cuernos de la luna no era sólo un ser de carne y hueso como los demás sino por colmo un hombre senil, desvalido (GOYTISOLO, 1985,p.72)

Uma evidência a mais dessa reconciliação se constata no reconhecimento público expresso na página 249, quando comenta seu engano e de toda uma geração frente ao conhecimento de seu pai:

Hoy, al volver la vista atrás y recordar esa ceguera nuestra frente a realidades y condicionamientos históricos, étnicos y geográficos captados por un burgués excéntrico como mi padre, tal petulancia me hace sonreír (GOYTISOLO, 1985, p. 249).

Esse reencontro e reconciliação, após um processo de rupturas que incluem desde a opção pelo exílio até o uso da linguagem como veículo de denúncia e proposta de intervenção na realidade, convergem na escrita de Goytisoló para uma declaração de amor à Espanha: “[...] Pero, más significativo que ese determinismo histórico en favor de una de las lenguas en liza es, en mi caso, la relación apasionada con ella a partir del día en que lejos de Cataluña y España, descubrí que era mi patria auténtica y objeto simultáneo de amor y odio” (GOYTISOLO, 1985, p. 37).

Essa declaração se ratifica no último parágrafo, em itálico, portanto em segunda pessoa, quando o autor descobre na paisagem triste e desolada de Almería o seu afeto ao país:

El desamor a España, esa entidad ajena, fragmentaria, incompleta, a veces obtusa y terca, otras brutal y tiránica – en cuyo seno negligente has crecido sufrirá el impacto de la breve y enjundiosa cala por tierras de Almería: [...] la imagen de un paisaje cautivo y radiante cuyo poder de atracción desvía tu brújula y la imanta a la atormentada configuración de sus ramblas, estepas y montes: [...] proyección compensatoria de una patria frustrada, [...] presentimiento de un mundo todavía quimérico pero presente ya en tu espíritu en su muda, acechante proximidad (GOYTISOLO, 1985, p. 276-277).

As palavras finais de Goytisoló parecem lançar luzes sobre o título da obra – um país que por muito tempo e para muitos, incluindo-se o próprio autor, tem sido um “coto vedado” - território proibido.

CONCLUSÃO

Neste estudo procuramos trabalhar dois temas que, embora já discutidos e analisados por inúmeros pesquisadores, continuam merecendo novos olhares, ou seja, tomamos como matéria a alteridade e o multiculturalismo. E para tanto elegemos estudá-los sob a perspectiva de um autor que trata esses temas, não apenas como uma questão pertinente ao homem da atualidade, mas também como algo presente na cultura ocidental desde longa data. *Coto vedado* (1985), narrativa

autobiográfica de Juan Goytisolo, configurou-se, então, como uma possibilidade para a concretização da pesquisa.

Na delimitação do corpus deste estudo, os critérios adotados levaram em conta os seguintes aspectos:

- a seleção de autores, que têm reconhecimento da academia e cujos estudos sobre a formação da sociedade espanhola e ocidental corroboram a percepção de Goytisolo ou diferem do que o autor defende sobre o tema;
- as teorias que tratam os temas da alteridade e do multiculturalismo em alguns dos seus desdobramentos e
- os estudos que recuperam o estudo do gênero autobiográfico e contribuem para o seu aprimoramento.

Resulta impossível ler *Coto vedado* sem situar seu autor contra o pano de fundo de uma Espanha atingida pela Guerra Civil e limitada por uma visão de identidade que pretende ter uma pureza que vai de encontro a todos os grupamentos étnicos que, inegavelmente, construíram o país. O desejo do autor de retratar a cultura de sua terra natal de acordo com a sua visão o leva a romper com os modelos literários formais e ideológicos existentes, trazendo à luz uma obra inovadora que marca o espaço no cenário da literatura espanhola e universal.

Goytisolo foi por muito tempo considerado uma voz dissidente, e sua postura se reafirma na declaração de que sua pátria é, menos a Espanha, que a língua espanhola. Sua obra autobiográfica ultrapassa os limites do gênero e apresenta uma crítica da realidade espanhola, ao desconstruir os conceitos e valores sobre os quais

se estabeleceu a sociedade. Resgata autores que, no passado, trataram os temas de que hoje o escritor se ocupa e mostra que nos seus textos já se concretizava a modernidade. Goytisolo, reafirmamos, demonstra um profundo conhecimento da literatura espanhola e de sua história e reafirma seu apreço por autores que, a seu tempo, denunciaram a repressão, a intolerância e a exclusão geradas por manipulações político-religiosas. Para esse autor, a literatura deve contribuir para o aprimoramento da sociedade, aprendendo com os equívocos do passado a repensar o futuro. E para isso se vale de sua “nacionalidade cervantina” – no que se refere ao poder da crítica – e da linguagem no trato diferenciado e inovador que imprime à sua obra.

Seu relato mostra a impossibilidade de discorrer sobre a formação do povo espanhol e de sua cultura sem reconhecer a contribuição das outras etnias que interagiram nesse processo e construíram uma diversidade enriquecedora. Ao buscar o gênero autobiográfico, Goytisolo não trata de si apenas; vai muito além: ele inova e adapta-o à sua vontade e revela aspectos que a tradição pretendeu ignorar.

Mais que um relato autobiográfico, *Coto vedado* é a interpretação da história da Espanha feita por um homem que, já adulto, resgata (para o presente) as memórias sob um enfoque analítico que brinda o leitor com a possibilidade de conhecer fatos que a História não registrou. Goytisolo utiliza de forma criativa, direta e mesmo didática, a sua experiência do exílio para desenvolver um texto profundamente reflexivo que estimula no homem contemporâneo o desejo de atuar de forma mais humana e solidária com seus semelhantes.

Consciente das mudanças que o mundo enfrenta na modernidade, o autor abraça os novos paradigmas com toda a liberdade a eles inerentes e os expande em busca da melhor maneira de colocar-se num texto que dá voz às diferenças. Por meio de sua narrativa, o autor critica, questiona, denuncia e propõe novas reflexões sobre a Espanha. A comoção resultante da Guerra Civil espanhola para Goytisolo, é dor a ser extirpada pela linguagem. A memória que guarda os traumas e, por extensão, as outras perdas, irrompe cheia de dor pela perda da mãe, mas não se furta à reflexão sobre as implicações e consequências advindas do conflito.

Outro conceito chave em que se apoia a narrativa de *Coto vedado*, o multiculturalismo, tem em Goytisolo um defensor convicto. Não somente sua obra, mas sua própria história de exilado, militância política e produção literária apontam para a necessidade do diálogo entre as culturas. O autor considera que o multiculturalismo em suas reais implicações, oferece as bases para uma possibilidade de convívio harmônico entre os povos e argumenta que a riqueza de uma cultura se situa exatamente no fato de que ela é o resultado das influências exercidas e recebidas durante sua formação. Assim não caberia tratar de uma cultura genuinamente pura e menos ainda em supressão ou submissão de culturas.

Acreditamos ter alcançado a comprovação da hipótese levantada na introdução: *Coto vedado*, relato autobiográfico, tem sua narrativa perpassada pelos conceitos de alteridade e multiculturalismo. A Guerra Civil espanhola se coloca como o marco histórico – o eixo, a partir do qual o autor situa os fatos que selecionou para essa obra, que pode ser entendida como uma viagem pela história da sociedade e da cultura espanhola, em busca de si mesmo.

Outros aspectos importantes da vida e da obra de Juan Goytisolo, certamente merecedores de análise, não foram aqui contemplados. Dentre esses podemos citar o interesse pelo mundo islâmico, o diálogo intercultural, a literatura oral, a associação entre o prazer da leitura e o prazer sexual, a rejeição à figura paterna relacionada à figura de Franco, a orfandade e o exílio, a mundialização e a redefinição de fronteiras. Claro está, constituem interessantes temas de pesquisa. Por outra parte, com este estudo não tivemos a pretensão de oferecer respostas abarcadoras absolutas de qualquer natureza. O que norteou nossa pesquisa foi a expectativa de contribuir para um debate que se inscreve como prioridade na agenda internacional – o reconhecimento e o respeito às diferenças. Que este estudo possa remeter a muitos outros que visem a contribuir para o real entendimento entre os povos. É o que se espera.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e estética (a teoria do romance)*. São Paulo, Hucitec: Editora da UNESP. 1993.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução João Carlos Martins Barbosa Hemerson Alves Baptista – 1 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Experiência e pobreza*. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. V. 1.

_____. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1983. (Escrito em 1936 sob o título *Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows*).

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*, Campinas: Pontes, 1989.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória.* Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar.* Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIÉLI, Andrei. *Petersburgo.* Tradução Konstatin G. Asryantz e Svetlana Kardash. São Paulo: Ars Poética, 1992.

BORGES, Jorge Luis. *Páginas escogidas.* La Habana: Casa de las Américas 1988.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas.* Estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1989.

CÁRCAMO DE ARCURI, Silvia Inés (org). *Mitos españoles imaginación y cultura.* Rio de Janeiro: APEERJ, 2000.

CASTELLET, José Maria. *Literatura, ideología y política.* Barcelona: Anagrama, 1976.

CASTRO, Américo. *De la edad conflictiva.* 2 ed. Madrid: Taurus, 1961.

_____. *España en su historia.* Buenos Aires: Losada, 1948.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha.* Madrid: Espasa Calpe, PML Ediciones, 1994. Tomo I.

CESPEDES GALLEGO, Jaime. *Nuevos elementos para el estudio de la autobiografía* in: Revista de Investigación Lingüística. Murcia Editum. ISSN: 1139-1146 Vol. 9, Nº 1, 2006.

CHARRADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso.* Coordenação da Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

DE MAN, Paul. *La autobiografía como desfiguración.* Suplementos Anthropos, La Autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona: Anthropos n. 29, 1991.

DICCIONARIO de la lengua española. Real Academia Española. 21. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1992.

DILTHEY, Wilhem. *Selected Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

FAWZI SHAFIK, El Sharkaviy. *La visión del mundo árabe en la narrativa de Juan Goytisolo*. Disponível em: Tesis doctorales en red. Disponível em: <http://www.tdr.cesca.es> Universidad de Murcia, 2000. Acesso em julho de 2009.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Mito y realidad*. 1 ed. Barcelona: Labor, 1991.

FERNÁNDEZ, James. *La novela familiar del autobiógrafo: Juan Goytisolo*. ANTHROPOS. *Revista de Documentación Científica de la Cultura*, n. 125. La Autobiografía en la España Contemporánea. Teoría y análisis textual. Madrid: 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, Sigmund. *Romances Familiares*, vol. 9, Rio de Janeiro: Imago, 1909.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *O que é um autor?* IN: *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja/Passagem, 1992.

FUENTES, Carlos. *Geografía de la novela*. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 1993.

GARCÍA LÓPEZ, José. *Historia de la literatura española*. Barcelona: Vicens Vives, 2006.

GARCÍA, Guillermo. *Covadonga Cueva de Isis-Atenea Pentalfa*, Oviedo: Biblioteca Asturianista ISBN 84-7848-453-1. 1992.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Martins. Lisboa: Vega, 1995.

GOYTISOLO, Juan. *Un dios caído*. ABC (Madrid) 1/11/1986. copyright DIARIO ABC S. L, Madrid, 2009.

_____. *España y los españoles*. Barcelona: Lumen, 2002.

_____. *Tradición y disidencia*. México: editorial Planeta Mexicana, 2001.

_____. *El universo imaginario*. Madrid: Espasa Calpe, 1997.

_____. *La literatura como creación estética y fuente de entretenimiento* in: *De la ceca a la meca*. Madrid: Alfaguara, 1997. (Col. Textos de escritor).

_____. *El bosque de las letras*. Madrid: Santillana, 1995.

_____. *Cuadernos de Sarajevo: Anotaciones de un viaje a la barbarie*. Madrid: El País/Aguilar, 1993.

_____. *Coto vedado*. Barcelona: Seix Barral, 1985.

_____. Entrevista. In: *Semana de Autor sobre Juan Goytisolo*. Centro Cultural 1989.

_____. *Libertad, libertad, libertad*. Barcelona: Anagrama, 1978.

_____. *Disidencias*. Barcelona: Seix Barral, 1977.

_____. *Señas de identidad*. Madrid: Alianza, 1976.

GUSDORF, Georges. *Condiciones y límites de la autobiografía*. Suplementos Anthropos, *La Autobiografía y sus problemas teóricos*, Barcelona, n. 29, dez. 1991.

GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz. *La Muerte es un apuro Lingüístico: Reflexiones sobre la Autobiografía*. A Parte Rei. *Revista de Filosofía* 11, 1991. Disponível em: <http://serbal.pntic.mec.es/AParteRei/deman.pdf>

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A. 2002.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KOCK, Ingedore V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós ensaios sobre a alteridade*. – Tradução Pergentino Stefano Pivatto (coord.) s/e. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LOUREIRO, Ángel. *La autobiografía española: actualidad y futuro*. ANTHROPOS. *Revista de Documentación Científica de la Cultura*. n. 125. *La Autobiografía en la España Contemporánea. Teoría y análisis textual*. Madrid, 1991.

LUIS DE LEÓN, Fray. Poesía. ISBN: 9788481096118 Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2006.

MAGALHÃES, José Luis Quadros de. *Identidades e identificações na crise da modernidade: o antagonismo social, econômico e religioso como gerador do não reconhecimento do Estado democrático e social de Direito*. Revista Eletrônica de Direito do Estado (REDE), Salvador, Instituto Brasileiro de Direito Público, nº 16, outubro/novembro/dezembro, 2008. Disponível em: [www. Direitodoestado.com.br/rede.asp](http://www.Direitodoestado.com.br/rede.asp). Acesso em setembro 2009.

MARTÍNEZ CACHERO, José María. *La novela española entre 1936 y el fin del siglo*. Historia de una aventura. Madrid: PUBLICEP Libros digitales. 2006.

MIRANDA. Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp, 1992.

NAVAJAS, Gonzalo. *La novela de Juan Goytisolo*. Madrid: SGEL, 1979.

OLEZA, Joan. Multiculturalismo y globalización: pensando historicamente el presente desde la literatura. in: Prosopopeya. Revista de crítica contemporánea. Nº 4 Valencia, 2004. Disponível em: www.uv.es/entresiglos/oleza/pdfs/multiculturalismo_y_globalizacio.pdf. Acesso em julho 2009.

OLNEY, James. *Memory and Narrative: The Weave of Life-Writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

ORTEGA Y GASSET, José. . *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

_____. *España invertebrada*. Madrid: Revista de Occidente, 1921.

PLAZA, Sixto. Coto vedado, ¿autobiografía o novela? Actas del IX Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas : 18-23 agosto 1986 Berlín / coord. por Sebastián Neumeister, Vol. 2, 1989, ISBN 3-89354-828-9 , pags. 345-350. Disponível em: www.cvc.cervantes.es/obref/aih/pdf/09/aih_09_2_038.pdf Acesso em maio 2009.

POPE, Randolph D. *La elusiva verdad de la autobiografía: En torno a Coto vedado de Juan Goytisolo*. Washington University at St. Louis. 2002. Disponível em: <http://www.lehman.edu/faculty/guinazu/ciberletras/v05/pope.html> Randolph D. Pope

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo* – Tradução Denise Bottman. São Paulo: Schawarcs Ltda, 1995.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* - Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SARTRE. Jean Paul. *O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. Belo Horizonte: Vozes, 2000.

_____. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1989.

SICROFF, A. *En torno a las ideas de Américo Castro*. Disponível em: www.cvc.cervantes.es Acesso em novembro 2009.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SUBIRATS, Eduardo. *Juan Goytisolo: la ironía y el exilio*. Disponível em: www.revistaliterariaazularte.blogspot.com/2001_5/eduardo-subirats-juan-goytisolo-la.htm. Acesso em julho 2009.

TAVARES, Vera. [www. "E - dicionário de termos literários"](http://www.e-dicionario.de-terminos-literarios.com). Acesso em 14/09/2009.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

UBIETO, Antonio, Reglá, Juan, JOVER, José María, SECO, Carlos. *Introducción a la Historia de España*. Barcelona: Editorial Teide, S.A. 1967.

UNAMUNO, Miguel de. *Por capitales de provincia, andanzas y visiones españolas*, 8 ed. Madrid: Espasa - Calpe, 1964.

VAN DIJK, Teun A. *Dominación étnica y racismo discursivo em España y América Latina*. Barcelona: Gedisa, 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Autor defende visão da periferia ao centro

Disponível em: www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.as Acesso em 28/12/08

Folha de São Paulo DA REPORTAGEM LOCAL

Leia abaixo a continuação da entrevista com Juan Goytisolo. (JULIÁN FUKS)

Folha - Por que foi buscar justamente as vozes de Marrakech? Que efeito isso teve em sua literatura?

Juan Goytisolo - Viver fora do país e fora dos centros literários é algo muito bom para um escritor. Me interessam a vida e a literatura, mas a vida literária, não. Sempre busquei situar-me na periferia, não ter qualquer poder político, ideológico ou literário. Ter a liberdade de quem está extramuros. A visão da periferia ao centro é sempre mais interessante do que a visão do centro à periferia.

Folha - Mas era um interesse em buscar origens, identificações?

Goytisolo - Não, sou contrário às identidades. Os homens não temos raízes, e sim pés. Caminhamos. Nunca busco as minhas origens. Se buscasse, de qualquer forma, seria terrível, porque a minha família era de proprietários de escravos em Cuba. Pode-se ver que não quero qualquer relação com esses antepassados.

Folha - Como o manejo da língua é afetado pela distância?

Goytisolo - Também é interessante ver sua língua à luz das outras. Muitas coisas que eu não entendia do castelhano pude entender a partir da língua árabe. Por exemplo, o ato de personalizar verbos intransitivos: "Amanheci cansado". É um enxerto do dialeto árabe do Magreb. O castelhano e o português são línguas latinas, sim, mas há muitos traços árabes em suas sintaxes.

Folha - O mundo está se tornando mais intolerante à diferença?

Goytisolo - Os períodos de tolerância sempre foram, infelizmente, muito mais breves do que os de intolerância. Mas não creio que estejamos condenados a viver nesse estado. Na sociedade espanhola, por exemplo, o papel da mulher, da família, da homossexualidade mudou muito nos últimos 30 anos.

Folha - De que modo Marrakech vive essa intolerância?

Goytisolo - Marrakech é a cidade mais tolerante de todos os países árabes. Aqui, há uma mescla de culturas, uma abundância de cidadãos estrangeiros, e as pessoas se acostumaram às diferenças. E é uma cidade que me permite viver e trabalhar ao mesmo tempo.

Folha - Como fazer para representar essa diversidade, para contribuir para que ela se preserve?

Goytisolo - Me alarmo muito com a desaparecimento de tradições orais. Há um tempo, escrevi um artigo intitulado "Patrimônio Oral da Humanidade", que serviu de base para a UNESCO criar o conceito. Passei a ser um dos responsáveis por preservá-lo no mundo todo. De grupos do Brasil, por exemplo, com as línguas e tradições indígenas, a idiomas que só existem no México. É uma tentativa de resgatar o possível dentro desse naufrágio da biodiversidade que temos testemunhado.

Anexo 2- Juan Goytisolo presentó su libro 'Coto vedado', "un libre examen de conciencia"

Disponível em: www.elpais.com Acesso em 28/12/08

"No es una confesión, es sólo un libre examen de conciencia", dijo anoche Juan Goytisolo en la presentación en Madrid de su último libro, Coto vedado, publicado por la editorial Seix Barral. La obra fue presentada por Rafael Conte, que leyó el texto elaborado por Lluís Bassets, quien no pudo asistir al acto. Según Bassets, se trata de un libro que "asume una mirada crítica, nada resignada, de la propia historia personal y colectivo. Goytisolo explicó que en su texto ha pretendido huir de la hipocresía y el exhibicionismo" que han caracterizado a la literatura española.

Según la presentación de Lluís Bassets leída por Rafael Conte en el acto, se trata de un libro realizado "con mucho amor, con un amor duro y cruel a veces, que exalta lo que denigra". Un libro autobiográfico y valiente, de indagación y búsqueda que "asume una

mirada crítica, nada resignada de la propia historia personal y colectiva". Juan Goytisolo nació en Barcelona en 1931 y vive en París desde 1956, año en el que este largo relato autobiográfico que se remonta a sus más antiguas memorias, se detiene. El escritor catalán, que comparte desde hace años su vida entre París y Marrakech, reflexiona en esta obra, entre otras cosas, sobre su falta de raíces. Su condición de ser extranjero y ser errante le llevó a decir hace poco en una entrevista que él era un escritor de "ubicación ambigua y contradictoria", dotado de las virtudes del "desarraigo y la movilidad". "Un enraizamiento en la falta de raíces", escribió Bassets.

En un coloquio mantenido en mayo de 1981 en Madrid con el escritor español radicado en Francia Jorge Semprún, ambos llegaron a la conclusión de que la patria del escritor es el lenguaje. Así, según dijo Goytisolo entonces, la relación del escritor con el lenguaje puede explicarse mediante la metáfora amorosa: hay un idioma titular, los otros son aventuras.

Reconciliación

Se puede decir que en un escritor como éste, el autor realiza un ajuste de cuentas con amigos, familiares, colegas. "En estas páginas Goytisolo se reconcilia con su padre, con Cataluña, incluso con la sociedad franquista, consigo mismo", escribió Bassets. Estas confesiones versan, según explicó el autor, sobre "lo más duro y difícil de expresar, lo que no has dicho todavía a nadie".

Para Rafael Conte, *Coto vedado* es un libro único en las letras españolas, porque es representante excepcional de un género prácticamente desconocido en la historia literaria de este país. "Este libro me ha causado una impresión tremenda", dijo Rafael Conte. "No entré en él con facilidad, pero luego me atrapó y me causó un gran impacto".

"Coto vedado es un libro que le debe todo a España y nada a la tradición literaria española", explicó Juan Goytisolo. "En él se aborda un género que no se ha cultivado en este país, salvo excepciones, y que sí ha tenido numerosos y magníficos ejemplos en las literaturas francesa e inglesa".

Hipocresía y exhibicionismo

"Este libro debería ser forzosamente la obra de un español que ha vivido muchos años fuera", continuó Juan Goytisolo, "que ve a España de una manera muy distinta. En cierta forma, este libro llena un vacío de siglos y es por esa razón, anacrónico. Este libro debió aparecer hace dos o tres siglos. Es ese carácter de novedad y de algo esperado a la vez, lo que espero que lo acerque al lector. Considero además que esta obra hará comprender mejor al lector el resto de mi obra literaria adulta".

"La literatura española ha oscilado entre la hipocresía y el exhibicionismo. Yo he querido resolver mi conflicto hablando con sencillez, huyendo de esos extremos. Los españoles habían resuelto la ausencia de un género como este en el sacramento de la confesión. Para mí esto no es una confesión, es sólo un libre examen de conciencia".

Anexo 3- Literatura / España: Gana Juan Goytisolo Premio Nacional de Letras 2008

Disponível em: www.rancholasvoces.blogspot.com/2008/11/literatura-espaa-gana-juan-goytisolo.html Publicado por Jaime Moreno Valenzuela Acceso em 02/01/09 Ciudad Juárez, Chihuahua, 25 de marzo, 2008. (RanchoNEWS).

- El galardón distingue el compromiso y la experimentación de Juan Goytisolo. Una nota de Javier Rodríguez Marcos para El País:

Juan Goytisolo recibió ayer, a los 77 años, su primer premio institucional español. El escritor estaba en Madrid camino de Marrakech, la ciudad marroquí en la que vive desde 1996, cuando, tras la muerte de su mujer, la escritora Monique Lange, cerró su casa de París. Venía de participar en México en el homenaje a su amigo Carlos Fuentes: «Al llegar al hotel me dieron la mala noticia», dijo. La «mala» noticia era que le acababan de conceder el Premio Nacional de las Letras Españolas, dotado con 40.000 euros, por el conjunto de su obra. Los críticos José-Carlos Mainer y Juan Antonio Masoliver y los escritores Julia Uceda, Raúl Guerra Garrido y Ana María Matute, galardonada el año pasado, formaron, entre otros, parte del jurado.

Consciente de que le precede su fama de contestatario, se apresuró a matizar lo de «mala»: «Quería descansar, simplemente. A mi edad ningún premio hace ilusión. Hace 30 años...». Sobre la posibilidad de que este galardón le cierre las puertas del Premio Cervantes, que se falla el próximo jueves y para el que sonaba como candidato, Goytisolo se mostró de un laconismo cercano al desinterés: «No me presento a ningún premio, no me produce la menor emoción». En ningún momento, eso sí, pensó en rechazar el Nacional de las Letras: «No soy ni grosero ni descortés. Pero no me considero un bien nacional, me horroriza todo nacionalismo. Cuando me dan un premio dudo de mí mismo. Sólo cuando me declaran persona non grata, como me pasó en Almería, sé que tengo razón».

Para Juan Goytisolo, cada libro es «una propuesta literaria distinta, no un simple cambio de tema». Nacido en Barcelona en 1931, el escritor se estrenó en 1954 con *Juegos de manos*, una novela nacida a la sombra del realismo social de la época. Instalado en París, su obra dio un giro radical hacia la experimentación en 1966 con *Señas de identidad*. El desinterés por los caminos trillados de la literatura y la asunción de su propia homosexualidad dio lugar a un escritor incómodo no siempre bien comprendido: «Cuando una obra está viva siempre despierta resistencia», sostiene resignado.

Eso sí, él nunca ha renunciado a las otras dos vertientes de su obra: la defensa de los descarriados de la tradición cultural hispánica (Fernando de Rojas, Francisco Delicado, José María Blanco White) y el compromiso con las víctimas de la historia. Libros de viaje y ensayos como *Campos de Níjar*, *La Chanca*, *Cuaderno de Sarajevo* o *Contracorrientes* son fruto de ese compromiso.

Publicada este mismo otoño, su última novela, *El exiliado de aquí y allá* (Galaxia Gutenberg / Círculo de Lectores), rescata al protagonista de *Paisajes después de la batalla*, una obra de 1982 que retrataba con un humor sulfúrico la vida en el barrio mestizo del Sentier, en París.

Para Goytisolo, «una cultura es fruto de la mezcla de las influencias externas. Además, económicamente, una España sin ecuatorianos o sin magrebíes sería un desastre. Por eso la nueva directiva europea sobre inmigración es infame. ¿Cómo se puede tener retenido a un ser humano durante año y medio?». Sacudiéndose parte de las leyendas que le rodean, el escritor insiste: «Yo no soy un exiliado. La prueba es que estoy aquí».

Anexo 4- "La literatura es el dominio de lo raro"

JAVIER RODRÍGUEZ MARCOS 30/08/2008 Disponible em: www.elpais.com/articulo/narrativa/literatura/dominioraro Acesso em 28/12/08

El autor barcelonés vuelve a la ficción. Y lo hace retomando una novela suya 25 años después para dar un diagnóstico delirante de la actualidad.

Las mesas de un café ocupan hoy la terraza de la antigua biblioteca española de Tánger y un azulejo con el escudo franquista vigila a los parroquianos que beben té con menta. A esa biblioteca acudía el protagonista de *Don Julián*, la novela que Juan Goytisolo publicó en 1970, para perpetrar su particular crítica literaria a la más rancia tradición hispánica. El ejercicio consistía en abrir alguno de los libros del canon nacional, introducir entre sus páginas moscas capturadas ex profeso y cerrar aparatosamente el volumen con los insectos dentro. Cuando el año pasado el Instituto Cervantes de la ciudad bautizó su propia biblioteca con el nombre del novelista, éste repartió moscas (esta vez de plástico) entre los asistentes. Lo cuenta él mismo en esa terraza desde la que, al otro lado del Estrecho, se divisa la costa de Tarifa.

Quería indagar en el modo en que funcionan los fundamentalismos, pero no lo quería expresar con un discurso sino oyendo los ruidos del tiempo" "Las leyes sobre inmigración terminan siendo anacrónicas. Y el multiculturalismo me parece muy peligroso como modelo" Juan Goytisolo (Barcelona, 1931) vive desde hace años en Marrakech, pero pasa los veranos en Tánger. En esta ciudad nació, en cierto sentido, el novelista que es hoy. Un día

de finales de los años sesenta contempló la costa española desde el mirador de la Hafita, otra de sus atalayas, y dejó atrás al escritor que triunfaba en París con novelas de realismo comprometido para dar paso al autor de una literatura más arriesgada -no le gusta la palabra experimental-, la que se abre en 1966 con *Señas de identidad* y sigue con la citada *Don Julián y Juan sin tierra*: "Estaba en un camino sin salida. Fue el descontento el que me llevó a buscar otras cosas. Coincidió con mi homosexualidad pública, con admitir lo que estaba rechazando y, por otro lado, con mi falta de entusiasmo con la Revolución Cubana y con la URSS, con la mala experiencia con el partido comunista tras las *depuraciones* de Claudín y Semprún. Cuando uno llega al fin del camino hay que dar un salto a lo desconocido. Bergamín decía que más vale pájaro volando que ciento en mano. Tenía razón".

Goytisolo vivió desde entonces entre Marraquech y París, al menos hasta la muerte, en 1996, de su mujer, la escritora Monique Lange. Y al mestizo barrio parisiense del Sentier dedicó en 1982 *Paisajes después de la batalla*, una novela que retrataba la convivencia de inmigrantes en el corazón de la gran ciudad. A aquella obra le ha surgido ahora una continuación, *El exiliado de aquí y allá. La vida póstuma del monstruo del Sentier* (Galaxia Gutenberg / Círculo de Lectores). El protagonista de *Paisajes*, muerto en atentado terrorista, cambia el espacio por el ciberespacio para averiguar cuál fue la causa de su muerte con la ayuda de internet. Todo ello a pesar de que el novelista reconoce que sigue escribiendo "a mano con un bolígrafo barato y pegando papelitos con las correcciones". El resultado es un diagnóstico delirante de la actualidad. Putin, Berlusconi, Bush, Bin Laden y Benedicto XVI atraviesan las páginas de una obra zurcida con mil voces sacadas de la publicidad, la prensa, los correos basura, las encíclicas papales y los comunicados terroristas. Algo así como la novela que hubiera hecho Walter Benjamin si hubiera escrito novelas. Y protagonizada por un transformista al que su autor define volterianamente como "una Candide del siglo XXI".

PREGUNTA. Hace cinco años publicó *Telón de boca* y declaró que con esa novela se despedía de la ficción.

RESPUESTA. Yo lo pensaba así. Después de *Telón de boca* empecé a escribir monólogos, voces que escuchaba, parodias de discursos. Cuando tenía una docena me di cuenta de que había un vínculo entre ellas, de que no eran islas sino un archipiélago. La cita de Karl Kraus que abre el libro es clave: "Que mi estilo se adueñe de los rumores del tiempo".

P. ¿Y qué dicen esos rumores?

R. Que nuestra sociedad está atrapada entre el consumismo y el terror, y que el terror también se transformaba en mercancía.

P. ¿Y la relación con Paisajes después de la batalla?

R. Surgió después. Allí moría el protagonista, y qué mayor deseo que saber por qué te han matado. Durante la guerra civil de Argelia me impresionó mucho una señora a la que le habían matado el marido y no sabía por qué. Los motivos de una violencia así son siempre nacionalistas, ideológicos, religiosos...

P. Como si la identidad no se pudiese manifestar más que de forma violenta.

R. Quería indagar en el modo en que funcionan los fundamentalismos, pero no lo quería expresar con un discurso sino estando a la escucha de los ruidos del tiempo, de la prensa y de la propaganda. A mi edad, me he vuelto totalmente escéptico sobre el absurdo de nuestra existencia, y en lugar de manifestarlo de forma dramática lo hago de forma cómica, dejando al lector la conclusión. P. "Si la hipocresía es el homenaje del vicio a la virtud, la

provocación será, simétricamente, lo opuesto", se lee en la novela. ¿Existe todavía margen para la provocación?

R. Cuando el desnudo es legal no hay desnudo provocativo. Pero yo no quiero entrar en este juego sino en el del humor corrosivo. No tengo voluntad de provocación.

P. Pero hay gente que se puede sentir provocada por sus retratos de obispos pedófilos e imanes transexuales.

R. Es su problema. Yo no tenía ninguna voluntad provocativa. Es sólo una parodia del mundo tal y como yo lo veo, donde el sistema y antisistema se dan la mano: puesto que hay peligro terrorista hay que poner cámaras en todos lados; para vender agua limpia hay que aumentar el peligro del agua contaminada.

P. No hay respuestas positivas.

R. No, y cuando las hay nacen del delirio del protagonista: regar los campos de golf con agua mineral.

P. ¿No hay límites para el humor?

R. No creo que se vuelva a repetir. Desde *Señas de identidad* he procurado que cada libro sea una nueva propuesta literaria, no simplemente un cambiar de tema. Normalmente los escritores cambian de tema...

P. Me refería a si hay algún tema sobre el que no se deban hacer bromas.

R. ¿Para no ofender? Nunca he buscado ni la provocación ni el éxito. Ni tener más lectores. Lo que quiero es tener buenos relectores. Un texto literario que obliga al lector a volver sobre él, eso es para mí la literatura. Aunque nunca criticaré a ningún novelista que busque lectores, porque con la novela se puede ganar dinero, en cambio soy muy severo con la poesía. El poeta sabe que no va a ganar dinero y la mala poesía me ofende. Eso sí, cuando oigo que alguien dice que ha escrito una novela que podría adaptarse muy bien al cine veo una falta total de ambición: ¿y por qué no escribe directamente un guión? Luis Buñuel, al que conocía fugazmente, me dijo que le habían propuesto adaptar *Bajo el volcán*, de Malcolm Lowry. Dijo que era una obra tan genial que cualquier adaptación suya quedaría por debajo. En cambio le gustaba Galdós porque tenía ideas extraordinarias pero era muy chapucero, y eso le daba el margen creativo que él necesitaba.

P. Supongo que ha seguido la polémica que se montó con el artículo de Vicente Verdú sobre cómo ha de ser una novela hoy.

R. El artículo de Verdú era muy interesante. Lo único que no me gustaba era la palabra reglas. No puede haber reglas. Observaciones, sí. Yo no puedo leer una novela actual en la que se diga: contestó, murmuró, encendió un cigarrillo. Ni se me ocurre. Por fortuna hay gente que está escribiendo novelas interesantes, con un lenguaje adaptado a nuestra época.

P. ¿Quién?

R. No quiero decir nombres porque cuando cito a cuatro me salen cien enemigos. Dicen que soy cicatero, y eso que debo de ser el escritor español vivo que más ha escrito sobre otros escritores.

P. Sigue lo que se publica en España.

R. Estoy un poco a la merced de lo que me envían porque vivo en Marrakech y no hay librerías en español. También me llegan manuscritos y a veces me llevo alguna sorpresa. Ya me pasó con *La traición de Rita Hayworth*, la primera novela de Manuel Puig. Me di cuenta de que allí había un escritor. El título, por cierto, es mío. Puig me había enviado diez o doce títulos que no me gustaban. Se lo dije y él me explicó que el libro era como la traición de Rita Hayworth. Le dije, ahí lo tienes.

P. ¿Y últimamente?

R. Me pasó con *Fragmenta*, de Javier Pastor.

P. En las nuevas generaciones se ve su huella.

R. Es posible, yo no lo sé. Yo he procurado tener buenos maestros y no me preocupa tener buenos discípulos. Los tenga o no.

P. ¿Y hasta dónde llega la novedad? Las vanguardias tienen ya cien años.

R. Cada cual debe buscar su camino. Desconfío mucho de las clasificaciones de los profesores, de las generaciones. Cada escritor es una anomalía. Alguna vez me han dicho que era un escritor raro y siempre pienso que Cervantes se define a sí mismo como raro inventor. La literatura es el dominio de lo raro. Un creador ha de ser consciente de que hace algo nuevo. Si no, no merece la pena escribir. Aunque te arriesgues a la incompreensión.

P. Una novela como *Paisajes después de la batalla* no fue bien recibida. Tal vez porque salía Julio Iglesias.

R. *Le Monde* me llegó a recriminar que hablara de un París mestizo, distinto al del fetichismo literario.

P. La inmigración es de plena actualidad en España.

R. Yo aprendí tanto de mi vida en el Sentier como de la lectura de Cervantes. La diversidad cultural, las mutaciones de una urbe moderna es un fenómeno fascinante. De repente llegaron los turcos y empezó a haber en las paredes pintadas que no comprendías. Cerca de mi casa había una comisaría. Era la época de las redadas y de la guerra de Argelia. En una tapia alguien había escrito en árabe: policía sucio racista. Duró casi un año porque los policías no se enteraban de lo que ponía.

P. Años más tarde estalló la violencia en los barrios.

R. Pero en los periféricos. La convivencia que es posible en el centro de la ciudad es imposible en la periferia. Se pasa del crisol al gueto. En el centro estás continuamente con gente que viene de algún sitio. Para mí fue una experiencia definitiva. Tal vez esto no se entendía en España hace veinte años. Ahora se comprendería a la primera. Cuando yo regresé a Barcelona y Madrid en el año 1976 me parecieron muy deprimentes: ¡sólo veía españoles! La homogeneidad me chocaba. El problema es cuando la presión inmobiliaria hace que se *saneen* ciertos barrios. Se envía a la gente a la periferia y ahí empiezan los problemas.

P. Ahora han endurecido las leyes europeas sobre inmigración.

R. ¡Y nos lo venden como una medida progresista! Cómo se puede tragar esto. Y esa idea de segregar a los niños dentro de las escuelas... Entre la asimilación imposible y el multiculturalismo hay que encontrar un acuerdo pragmático.

P. ¿Cuál?

R. Es que nunca puede ser fijo porque la sociedad cambia. Hay cosas que no se pueden establecer por ley. Las leyes sobre la inmigración siempre terminan siendo anacrónicas e injustas porque la inmigración no para de cambiar. Y el multiculturalismo me parece muy peligroso como modelo. No se puede tolerar la ablación del clítoris porque forma parte de una cultura.

P. ¿Dónde está el máximo tolerable?

R. Hay que buscarlo, pero siempre cambiará. Si la economía necesita brazos no es lo mismo que si hay crisis. Pero el envejecimiento de la población hace palpable que Europa necesita gente de fuera. Además, el contacto con los demás nos enriquece. Pero lo que nos venden es miedo.

P. ¿La literatura ayuda a explicar esos fenómenos, sirve para algo?

R. Puede explicar, pero no cambia nada.

P. Pero usted no para de escribir artículos, viajó a lugares en guerra.

R. Son cosas distintas. Trato de dar testimonio cívico de cosas que me preocupan. No fui a Sarajevo por razones literarias sino por defender una causa que me parecía justa.

P. Cuando capturaron a Karadzic publicó un artículo muy duro no sólo con él, también con la ONU.

R. La colusión de Unprofor (las Fuerzas de Protección de Naciones Unidas) con los sitiadores de Sarajevo fue vergonzosa. Ir a testimoniar allí era casi un delito. En la base de la OTAN en Aviano, en Italia, te vaciaban la maleta de mala manera. Y retuvieron todo lo posible la información sobre la matanza de Srebrenica, cortaban las comunicaciones. Un negociador japonés llegó a decir que los musulmanes se lo habían buscado.

P. También ha establecido una relación entre la guerra de Bosnia y el 11-S. ¿Tan clara la ve?

R. La pregunta que nadie puede contestar es: ¿hubiera durado el sitio de Sarajevo cuarenta y tantos meses si los sitiadores hubieran sido musulmanes, y los sitiados, cristianos? Ni una semana. Imaginar que esto no iba a tener un precio... Me cruzaba con árabes en Sarajevo, ¿qué hacían allí? Habían ido a defender a sus correligionarios bosnios. Vieron la actitud occidental y se radicalizaron.

Anexo 5 – Los mitos fundadores de la nación española

Juan Goytisolo

Disponível em: www.elpais.com/articulo/narrativa/literatura

Acesso em 11/12/ 2009.

«Covadonga es la esencia de España, el lugar en donde Don Pelayo derrotó al Islam, el altar mayor y una de las primeras piedras de la Europa cristiana» (Juan Pablo II).

“Santi Yagüe (Santiago) será entronizado anti-Mahoma y su santuario compostelano se convertirá en la anti-Caaba. Compostela pasa a ser el punto de convergencia de la cristiandad militante en oposición a La Meca, y la popular romería del Camino de Santiago, la réplica franca y galaico-leonesa al Hach (...) Hoy, el apóstol sigue siendo el santo patrón de España”.

Sabemos desde el siglo XVIII, gracias a la Ilustración y al empeño posterior de los historiadores críticos, que todas las historias nacionales y credos patrióticos se fundan en mitos: el prurito de magnificar lo pasado, establecer continuidades «a prueba de milenios», forjarse genealogías fantásticas que se remontan a Roma, a Grecia o a la Biblia, obedece sin duda a una ley natural de orgullo y autoestima, pues los hallamos en mayor o menor grado en el conjunto abigarrado de Estados y naciones que integran el continente europeo.

No tengo nada contra los mitos y su fecunda prolongación artística y poética, a condición, claro está, de no olvidar su carácter ficticio, elaboración gradual e índole proteica, ya que estos mitos, manejados sin escrúpulo como un arma ofensiva para proscribir la razón y falsificar la historia, pueden favorecer y cohesionar la afirmación de «hechos diferenciales» insalvables, identidades «de calidad» agresivas y, a la postre, glorificaciones irracionales de lo propio y denigraciones sistemáticas de lo ajeno.

«El impulso revolucionario de los mitos», escribió Juan Aparicio, el inamovible director general de prensa durante los años más duros del franquismo, «dispara a las multitudes hacia querencias de un potencial terrible». El mito, cual una idea platónica, pertenece al dominio de Dios, quien lo ha cedido para su uso y devoción por los naturales de un país. El mito es, por lo tanto, de «esencia nacional». No andaba errado el censor emérito: el recurso a los mitos fundacionales (Covadonga, Santiago, la Reconquista) por la Falange e intelectuales adictos al Glorioso Movimiento sirvió de base a la «Cruzada de salvación» de Franco y a los horrores de la guerra civil y de su inmediata posguerra.

Aunque flácidos e inservibles como globos pinchados en la España de hoy, estos mitos resurgen y lozanear, como gatos de siete vidas en diversos Estados y pueblos europeos que creíamos vacunados para siempre tras la derrota del fascismo.

Las referencias mesiánicas de Le Pen a Clovis, Poitiers y Carlos Martel —cuyo potencial explosivo es amortiguado, por fortuna, por dos siglos de tradición laica y republicana— son paralelas a las burdas manipulaciones de la historia serbia y también croata, que condujeron en fecha reciente a la infame «purificación étnica» y al genocidio de 200.000 musulmanes. Ahora, este impulso mítico dispara a las multitudes rusas víctimas desnortadas del desplome súbito de la URSS a la busca de «esencias puras» y de su «alma vendida», esto es, con fórmulas acuñadas por la Falange y el Fascio.

El cotejo de los textos escritos por los bardos e ideólogos de Mussolini y José Antonio Primo de Rivera con los de los inspiradores de Le Pen, Milosevic, Karadzic o Zhirinovskiy, y el del lenguaje troquelado por el nacional-catolicismo español de la primera mitad de siglo, con el de las Iglesias ortodoxas rusa, serbia o griega, resulta a este respecto tan concluyente como sobrecogedor. Como dice el lúcido e incisivo ensayista serbio Iván Colovic, refiriéndose al discurso oficial del nacionalismo étnico, el escenario iconográfico político «evoca y recrea un conjunto de personajes, sucesos y lugares míticos con miras a crear un espacio-tiempo igualmente mítico, en el que los ascendientes y los contemporáneos, los muertos y los vivos, dirigidos por los jefes y héroes, participen en un acontecimiento primordial y fundador: la muerte y resurrección de la patria».

Como vamos a ver, esta leyenda de muerte y revivación —escamoteadora de la realidad del Andalus y de la Castilla de las tres castas—, es el mito original de España.

1.- La panoplia lepeniana cifrada en la tríada de Clovis, Carlos Martel y Juana de Arco no es mero folclor ni decorado de carrozas verbeneras. En nombre de Occidente y sus héroes sin mácula, grupos fascistas y xenófobos, en la nebulosa del Frente Nacional, apalean y asesinan a inmigrados magrebíes cuyo único crimen estriba en su supuesta descendencia de los sarracenos aplastados por el titánico martillo de Carlos. El proyecto de una Francia pura, una Francia francesa, se edifica así —como el de la Serbia pura, la Serbia serbia— sobre un frágil castillo de leyendas y patrañas. Aunque, a diferencia de sus colegas

españoles, los historiadores del país vecino no incurran en el dislate de llamar franceses a los galos ni considerarse compatriotas de Vercingétorix, y el milagroso bautizo de Clovis, reseñado el año 948 por Flodoard (893-966), no haya sido nunca tomado en serio por su fantástica convergencia de portentosos lances, el mito de Poitiers resistió con mayor éxito al escrutinio del investigador.

Si bien Benito Jerónimo Feijoo (1676-1764) prevenía a sus lectores contra la índole novelesca de la proeza del héroe franco, salvador, según las crónicas antiguas y aun modernas, de la civilización cristiana, el mito aguantó un largo asedio de críticos y eruditos antes de derrumbarse. Desde Pablo Diácono, para quien 375.000 sarracenos perecieron en la batalla, hasta la rimada Crónica latina anónima del año 854, pasando por los relatos de Teófilo y los monjes de Moissac, este acontecimiento trascendental se engalana de ostentosas inverosimilitudes y levita en un ámbito manifiestamente novelesco.

La presencia del ejército árabe en el lugar es a todas luces tan fantástica como la extravagante identidad de Mahoma, atribuida a un tal Mahou, cardenal franco aspirante al Papado que movido por el despecho de su fracaso, habría ido a predicar su nueva y nefanda doctrina a los nómadas salvajes de Arabia. La crítica posterior de Henri Pirenne, Lucien Musset y el análisis mitoclasta de Edward Said en su imprescindible *Orientalismo* (Libertarias, Madrid, 1990) desmontan el andamiaje tan laboriosamente armado.

¿Cómo podía haber llegado la veloz caballería árabe, como quien dice de un tirón, a Poitiers el año 732, sin la intendencia y abasto indispensables a la travesía de mares, desiertos y montañas, en medio de pueblos aguerridos y hostiles? ¿No se contradice tan mirífica hazaña con la precisión del monje del Monte Cassino que, en la segunda mitad del siglo VIII relata la llegada de presuntos sarracenos «con sus mujeres e hijos» a Aquitania, para instalarse en ella? Los jinetes célebres como el rayo, ¿llevaban consigo a su prole? Como veremos más adelante, las páginas en blanco de la historia, en razón de la falta de documentos fidedignos sobre lo acaecido en el siglo VIII, permiten a los fabricantes interesados de mitos ornar el pasado de su nación de la religión verdadera con báculos, oropeles y mitras que —una vez cristalizada la leyenda y ratificada por los historiadores «patriotas»— resultan difíciles de desacralizar.

No hubo batalla en Poitiers —a lo sumo escaramuzas en tierras vecinas— ni árabe alguno intervino en ella. El Islam llegó a la provincia Narbonense un siglo más tarde y no con su invicta caballería, sino por el «contagio» de la predicación y afinidades a las doctrinas «heréticas» profesadas de antiguo por quienes luego hablarían la langue d'oc.

2.- Aterricemos ahora en predios más cercanos. La leyenda compostelana de Santiago Apóstol y su prolongación en Nuevo Mundo —¿cuántas ciudades y lugares denominados Santiago o simplemente Matamoros existen desde la frontera norte de México hasta la cordillera andina?— constituye un magnífico ejemplo del «impulso revolucionario» del mito.

El traslado del sepulcro del apóstol, custodiado por los ángeles, de Palestina a Galicia el año 44 después de Cristo y su descubrimiento oportuno nueve siglos más tarde desafía desde luego toda explicación racional y creíble. ¿Qué motivo podía haber inducido a los discípulos de Santiago a transportar su cuerpo al fin del mundo entonces conocido, al mismísimo finis terrae? ¿Preveían ya la terrorífica invasión sarracena y el lucido papel que el apóstol iba a desempeñar en la cruzada emprendida contra ella? Y, más asombroso aún, ¿cómo fue localizado el sepulcro romano e identificado el cadáver que, a partir de entonces, saldría milagrosamente de él para auxiliar a los cristianos con el célebre tajo de su espada invicta?

Américo Castro (1885-1972), respondiendo a nuestros modernos historiadores mitólogos como Ramón Menéndez Pidal (1869-1968) y Claudio Sánchez Albornoz (1893-1984), analiza luminosamente la fuerza y supervivencia del mito:

«Los confines entre lo real y lo imaginario se desvanecen», escribe en *La realidad histórica de España* (Madrid, 1954), «cuando lo imaginado se incorpora al proceso mismo de la existencia colectiva, pues ya dijo Shakespeare que "estamos hechos de la materia misma de nuestros sueños". Cuando lo imaginado en uno de estos sueños es aceptado como verdad por millones de gentes, entonces el sueño se hace vida, y la vida, sueño».

La trasmutación pasmosa del pacífico pescador del lago Tiberíades en un jinete experto y aguerrido, cortacabezas insigne, respondía como es obvio, a la necesidad de las Iglesias, tanto hispana como carolingia de oponer a la triunfante predicción del credo de Mahoma un Santi Yagüe de recia espada, hermano gemelo de Cristo e «hijo del trueno»; capaz de planear por los aire en albo y radiante corcel de acuerdo con la fábula dioscúrica de Pólux y Cástor.

Lo curioso es el retraso con el que la leyenda apareció. La vieja fábula del siglo IV de la estancia y predicación del apóstol en la Península sufre, en efecto, una modificación en la que conviene detenerse un instante. Hasta mediados del siglo IX, una centuria después de la fecha en la que, según la historiografía tradicional, habrían arrasado «España» los feroces invasores árabes, los himnos litúrgicos y romances populares impetraban la protección del apóstol contra «la peste y otros males»; sin mencionar dicha catástrofe ni la suerte trágica de los cristianos. Sólo después del descubrimiento del sepulcro —narrado a fines del siglo IX— los devotos imploran su ayuda contra los sarracenos, cuya existencia por lo visto, ignoraban antes.

En la centuria siguiente, Santi Yagüe (Santiago) será entronizado anti-Mahoma y su santuario compostelano se convertirá en la anti-Caaba. Dicha mutación confiere a la leyenda su carácter definitivo. Compostela pasa a ser el punto de convergencia de la cristiandad militante en oposición a La Meca, y la popular romería del Camino de Santiago, la réplica franca y galaico-leonesa al haÿÿ (la santa peregrinación musulmana). La Providencia concederá en adelante la victoria al jinete en «níveo e impetuoso» caballo no sólo sobre los moros de la Península, sino también, en un extraordinario vuelo transoceánico, sobre los aztecas, inclinando el fiel de la balanza, en plena batalla, en favor de Hernán Cortés y los suyos.

Señalaremos, de la mano de Américo Castro, que «muchos católicos» como el padre Mariana pusieron en duda en el siglo XVII «la existencia del cuerpo del apóstol en el sepulcro de Galicia». El también jesuita Pedro Pimentel sostuvo incluso, por tal razón, que debía confiarse la protección de España en santa Teresa de Jesús (1515-1582), propuesta que suscitó la iracunda réplica de Quevedo.

Hoy, el apóstol sigue siendo el santo patrón de España, aunque su actividad bélica se haya extinguido. Como catalizador de energías cumplió bravamente la función que le fue asignada. Como dice Américo Castro, «Santiago fue un credo afirmativo, bajo cuya protección se ganaban batallas que nada tenían de ilusorias. Su nombre se convirtió en grito nacional de guerra, opuesto al de los sarracenos».

3.- Los mitos fundadores de una nación tienen la piel dura: aun desahuciados por la crítica demoledora de sus falsificaciones sucesivas e interpolaciones flagrantes, siguen ofuscando algunos historiadores contemporáneos y se perpetúan en los manuales de enseñanza por pereza y rutina, debido a la incomodidad y esfuerzo que ocasionaría un nuevo y perturbador planteamiento de la realidad historiable. Cuando Sánchez Albornoz, en sus elucubraciones líricas sobre «la embrionaria España, mecida en la cuna de Covadonga», daba su aval a las leyendas manipuladas por el franquismo y el sector más reaccionario de la Iglesia, ¿ignoraba la coincidencia de sus tesis con las sostenidas por la extrema derecha y el ultranacionalismo xenófobo? Cedamos la palabra al conocido historiador en uno de sus trémulos arrebatos proféticos: «Temo que otra gran tronada histórica pueda mañana poner en peligro la civilización occidental, como lo estuvo por obra del Islam en los siglos VII y VIII...La cultura europea fue salvada por Don Pelayo en Covadonga...¿Dónde se iniciará la nueva reconquista que salve al cabo las esencias de la civilización nieta de aquella por la que, con el nombre de Dios en los labios, peleó el vencedor del Islam en Europa?» (Orígenes de la nación española, Oviedo 1975). A juzgar por sus escritos, el espectro de otra invasión sarracena ahuyentaba el sueño y amargaba los días del distinguido arabista.

En un substancioso y aguijador ensayo sobre el tema, Covadonga, un mito nacionalista católico de origen griego (El Basilisco, Oviedo, 1994), el historiador Guillermo García Pérez no se limita a señalar los desatinos y absurdos en los que incurre la fábula, sino que se remonta al origen de ésta y la esclarece con brillantez. Las Crónicas asturianas de Alfonso II

el Casto y Alfonso III el Magno, muy posteriores a los hechos descritos, refieren en un lenguaje a la vez tosco y florido la aniquilación por Don Pelayo (722) de 127.000 invasores denominados primero «caldeos» y luego «sarracenos». La Virgen de la Cueva completa a continuación el inmisericorde exterminio al precipitar una avalancha de rocas o pedazo ingente de la montaña sobre los 60.000 fugitivos del desastre. La victoria del héroe y la subsiguiente intervención celeste son tanto más asombrosas cuanto, según otras crónicas, los invasores moros de Tariq (711) sumaban tan sólo siete mil y los de su jefe y rival Musa dieciocho mil. ¿Cómo podían haberse multiplicado en siete años de guerra, pillaje y devastación los culpables de la «destrucción de la España Sagrada» de 25.000 a 187.000, cifra a la que habría que añadir, para no desmentir la veracidad de los monjes y eclesiásticos francos, la de los 375.000 que perecerían 10 años después en Poitiers (732)? Por mucho que parezca increíble, la proliferación astronómica de los supuestos árabes no fue objeto de desmitificación cabal gracias a Lucien Barreau-Dihigo, sino en 1921. Ciertamente, como nos recuerda Guillermo García Pérez, el abate Juan Francisco Masdeu (1744-1817), sin poner en tela de juicio la realidad de la batalla, señaló la interpolación en la Crónicas de «circunstancias muy dudosas o claramente falsas». Pero el miedo a la Inquisición primero y la alergia «a la novedad de discurrir» tan difundida ayer y hoy en España, después institucionalizaron, en medio de la credulidad colectiva, el mito de Covadonga y Don Pelayo hasta el incitante cotejo del mismo con el de Delfos (480 años antes de Cristo) por Guillermo García Pérez.

La comparación de las dos leyendas disipa cualquier duda: la asturiana es una copia de la griega, incluidos los pormenores de la matanza (de persas en un caso y de caldeos o sarracenos en el otro), la intervención milagrosa de Atenea y el desprendimiento mortífero de las rocas (en la leyenda original del monte Parnaso). Como dice acertadamente nuestro investigador, situando la aparición del mito en su contexto histórico —la dependencia o vasallaje del reino leonés respecto a Carlomagno— «la leyenda de Covadonga (1) sería sólo una pieza más, un ingrediente estructural de la estrategia política desarrollada por el recién formado Imperium Christi (Carlomagno y el Papado, independizado de Constantinopla) para luchar contra el entonces, preocupante dominio islámico del mundo mediterráneo».

En su iluminadora exposición de las vicisitudes del mito Guillermo García Pérez apunta con razón al uso pro domo del mismo en fechas más reciente. Cuando la imagen de la Virgen —trasladada por razones de seguridad en los años de la guerra civil a la embajada de la república en París— fue devuelta a España, la estatua, paseada con honores de Capitán General por Franco y la jerarquía eclesiástica hasta su cueva milagrosa, había sido transmutada en símbolo de la «España eterna», salvada de nuevo providencialmente por la supuesta Cruzada. Medio siglo después, Juan Pablo II, en su peregrinaje al santuario en agosto de 1989, pronunció una homilía, cuyo resumen por Guillermo García Pérez reproducimos para ilustración del lector: «Covadonga es la esencia de España (el lugar) en donde Don Pelayo derrotó al Islam, el altar mayor y una de las primeras piedras de la Europa cristiana».

¡Saludemos la habilidosa elevación de la superchería áulica de Carlomagno al rango de verdad pontificia y la transformación de la atávica diosa de Onga en esencia nacional y espada flamígera de la Cristiandad!

Nota

(1) El walí de Córdoba, Ambasa, envió durante la primavera boreal del año 722, una expedición de unos centenares de soldados al mando de Alqama, Alqama y Opas contra los rebeldes astures. Parece ser que se produjo una escaramuza —no hubo tal batalla como exagera la Crónica de Alfonso III casi doscientos años más tarde— junto a la cueva de Covadonga, una zona montañosa y cerrada, entre la patrulla musulmana y un reducido número (¿100? ¿300?), dirigidos por Pelayo (m. 737) de origen visigodo, al que se adjudica el haber fundado el reino de Asturias (718-737). La acción no pasó a mayores y el contingente musulmán retornó hacia el valle de la Liébana, por el puerto de Amuesa. La historiografía actual sostiene que las gentes del norte no pelearon en Covadonga en

defensa de la religión católica, sino para mantener su independencia. Sin embargo, muchos historiadores ponen en duda la propia existencia del episodio.

Anexo 6 - Juan Goytisolo: La literatura como creación

Disponível em: /malaga.cnt.es/spip.php?article25

Acesso em 02/05/2009

MALAGA 22 DICIEMBRE DE 2005 Asistí a una conferencia en el Rectorado donde participaba uno de los más grandes novelistas de la literatura española; se encontraba para dar una charla sobre la literatura y el compromiso que tiene él mismo como escritor. Me he permitido extraer las ideas y pensamientos que fluyeron por el escritor esta jornada, y que transcribo más adelante, como reconocimiento de uno de los escritores más importantes vivos, del que resulta admirable no sólo su obra, sino la capacidad de entendimiento y el conocimiento profundo que tiene de las múltiples civilizaciones, y su defensa de la diversidad, en un mundo tan cegado por el monocolor de la civilización occidental.

Breve reseña bibliográfica: Juan Goytisolo (Barcelona, 1931), que acaba de presentar sus obras INCOMPLETAS, según él mismo, fue censurado por el franquismo hasta la muerte del Dictador, y ha vivido en París, Nueva York, reside actualmente en Marrakech. Ha obtenido importantes premios, como la el Premio Octavio Paz en el 2002 en México. Es autor de múltiples novelas como Señas de Identidad (1976), Reivindicación del Conde don Julián (1970), Juan Sin Tierra (1975), Makbara (1980), Paisajes para después de la batalla (1982), La saga de los Marx (1993), El sitio de los sitios (1995), Las semanas del Jardín (1997), Fin de fiesta (192), Campos de Nijar (1959), La Chanca (1962), Cuaderno de Sarajevo (1994), El bosque de las letras (1995), Disidencias (1977), Furgón de Cola (1967), Coto vedado (1985), En los reinos de Taifa (1999), Carajicomedia (1999).

En su conferencia malagueña estuvo dialogando con Juan Francisco Ferrer (escritor), que dijo de él que es una persona notable, reconocida a nivel mundial, que ha trascendido a la literatura universal, como el más cervantino de los escritores de nuestro siglo. Aunque nació en Barcelona, también lo hizo en Marrakech, en Nueva York, “murió” en Sarajevo, y volvió a renacer.

Autor de obras como “la Reivindicación del conde Don Julián”, “Juan Sin Tierra”, o “Telón de Boca”, de los que leyó un extracto en esta conferencia, Ferrer le hizo una serie de preguntas para que diera su visión y opiniones al respecto, y hacer un breve debate finalmente.

Francisco Ferrer (FF): ¿Qué opina de la reciente publicación de sus obras completas? Juan Goytisolo (JG): Yo diría incompletas obviamente, pues vivo aún. Mis escritos abarcan medio siglo. Las primeras novelas son de los años 50, las tenía olvidadas, las he leído ahora como si fueran de otra persona. Hay que saber escoger el momento de escribir en cada momento. La rabia que sentía escribiendo “La Reivindicación del Conde D. Julián” se debía a que estaba escriba en pleno franquismo, no podía ser de otra forma. La escritura en “Coto vedado” o en “El reino de Taifas” se hicieron en ese momento, ahora sería imposible. Las más recientes las tengo frescas aun, las obras anteriores las tenía olvidadas completamente. Creo que hay aciertos y errores. Como en una de mis obras y con el tema de los niños de la guerra civil española, que era un tema magnífico, creo que lo escribí antes de tiempo, pero no se puede cambiar. Soy muy autocrítico, lo que escribo en un campo, si me equivoco, soy el primero en decirlo. La memoria de España tiene mucho de quienes les gusta hablar más de los demás, que de uno mismo. Las novelas españolas son muy desmemoriadas. De haber sido ingleses, no incurrirían en esos graves defectos, nos llevan ventaja histórica.

FF: ¿Cómo has encontrado novelas como “Juan sin tierra”, “Señas de identidad”, ahora? JG: Funcionan muy bien, cambiaría algún párrafo. De “la Reivindicación del Conde de D. Julián” no cambiaría una palabra. El gran traidor de la Historia de España es ella misma: por ejemplo, sabemos hoy que la famosa invasión de los musulmanes no ocurrió en absoluto, o como el Apóstol Santiago no era tan Apóstol. Cuando España empieza a decaer (su imperio), qué hicieron los poderes entonces para enfrentarse a esas pérdidas, ¿qué hizo el apóstol Santiago?, se necesitaba alguien como Quevedo, un escritor que odiaba a las mujeres, a los moros, a los homosexuales, y glosar a “Santiago como cortador de millones de cabezas” FF: ¿Es Ud. una anomalía cultural? JG: Esto viene de la individualidad, cuanto más distinto eres, más discordante. Es el resultado de la sociedad cultural. Valle Inclán era considerado una anomalía. Fue rechazado su ingreso por la Real Academia, y éste al enterarse declaró “desde cuándo los herejes entran en la Academia”.

FF: ¿Se considera un heterodoxo en la literatura? JG: En absoluto. He aplicado el concepto que le da Meléndez Pelayo (autor de “El libro de los heterodoxos”, para vilipendio de algunos, incluso se arrepentiría de haber incluido a quien fue uno de sus amigos después, Galdós), los heterodoxos son definidos como grupos minoritarios. (Ni con estos, ni con aquellos estoy conforme ni disiento en todo. Todos tienen parte de verdad y parte de error, y cada cual descubre el error en otro sin ver el suyo - Miguel Servet, “quemado por heterodoxo”). Meléndez Pelayo que hizo un magnífico prólogo en el IV centenario de la Celestina, pero que es mezquino cuando se ciega por la ideología. En Nueva York había un curso de la Lozana Andaluza, al que casi consideran pornográfico en los años 60. En esta obra hay una reivindicación del placer femenino, de la mujer prostituta en Roma. Otro ejemplo es el Cancionero de Dumas, cuyos poemas prodigiosos sobrepasan el tiempo en que fueron escritos, toda una burla al antisemitismo, por cierto. “Las Coplas de Jorge Manrique a la muerte de su padre”, muy conocidas, y bellas. Pero muy mejores y desconocidas son “las Coplas a la muerte de su madrastra”. (solo una persona del numeroso público las conocía). Y resalto también la obra de Blanco White, autor de “Cartas de España”, exiliado y no conocido en su tierra, vilipendiado y admirado por Meléndez Pelayo, Blanco White fue sepultado en vida y condenado al olvido por sus enemigos naturales (el nacional-catolicismo hispano y las dictaduras, gobiernos e instituciones conservadores y reaccionarios), pero, dolosamente o no, los representantes más destacados de la corriente de pensamiento liberal que va a salto de mata desde las Cortes de Cádiz hasta la Restauración alfonsina le ignoraron también. Una alianza non sancta de prejuicios, intereses, misoneísmo y celo apostólico selló su tumba. (Juan Goytisolo: un escritor marginado) .

Autor como digo, no traducido en su lengua. Como le ocurrió a la considerada obra maestra del siglo XIX, La Regenta, que estuvo de 1912 a 1965 fuera de la circulación. En Francia, esto no se habría permitido. Estos ninguneos son propios de este país.

La cultura española carece de curiosidad por otras culturas. Américo Castro hablaba de falta de interés. Esto está cambiando poco a poco. No se puede conocer la literatura española sin recurrir a extranjeros. Al contrario, españoles que hayan contribuido a la cultura de otros países son escasos. Soy el primer escritor español que conoce el árabe (y nuestros vecinos están en la frontera). Este idioma me ha enseñado muchas cosas del español. Hay infinidad de refranes (refranero de Alonso del Castillo), palabras, verbos intransitivos (decir anochecer borracho, o amanecer cansado), no hay traducción posible al inglés, por ejemplo, está cogido directamente del árabe. O bien señalar de donde proceden los términos semen y leche, que es una traducción del árabe). Pues bien, no había entrevista que me hicieran que no preguntaran insidiosamente: ¿a qué viene ese interés tuyo por el mundo árabe? Cuando hice la serie para TV Alquibla, trate de resaltar y diferenciar la diversidad del mundo árabe: Marruecos, Argelia, o Egipto, no se parecen en nada, o como Irán, donde existían

bibliotecas con numerosos títulos de libros en inglés, francés, ruso, pero en español, ninguno. En Yemen sólo un español tuvo la curiosidad de conocer a los yemeníes.

FF: Señas de Identidad colectivas, es algo intrínseco a las nacionalidades... JG Es un título que parece un comodín, que sirve para todo. Las culturas sanas son las que se interesan por todas las culturas y se enriquecen. Dos ejemplos: la cultura árabe supo asimilar las influencias de la India, de Oriente Próximo, y es entonces cuando tienen su mayor esplendor. Cuando empiezan a encerrarse en la religión se estancaría. Lo mismo ocurre a España, la cerrazón de la Inquisición hizo que el desarrollo en el comercio tardara siglos. Soy contrario a todos los nacionalismos (vasco, catalán o español). Cuando leo la prensa me quedo aterrado. Azaña, que supuso un hilo conductor del pensamiento federal de Pi i Margall, no ha sido superado por estos nacionalismos aterciopelados.

FF: Háblanos algo del “árbol de la literatura” y lo que significa para ti. JG: Es un texto fundamental, *Las Semanas del Jardín* (1997). Una obra no puede ser trasladada al futuro si no pertenece al pasado. Esto resume mi experiencia, mi percepción personal de la literatura. Una obra como “El bosque de las letras” permite relacionar unas obras con otras, hay que tener la posibilidad de comparar, de ver la cultura española a la luz de otras lenguas y culturas, y sumar, sumar. No se pueden negar aspectos (porque no interesan, ¿a quién?), esto es una mutilación..

FF: ¿Por qué lo consideran el más cervantino de nuestros escritores? JG: Se ha escrito tanto este año del Centenario, que todo se está frivolisando. Se entregaron 1 millón de ejemplares, (si solo se leyera un 1%, deberíamos quedarnos contentos). Cuando Cervantes escribió la primera parte del Quijote lo hizo en el más absoluto desconocimiento. Mi obra “Las semanas del Jardín”, es un título cervantino, donde Cervantes aparece asediado en Sarajevo, es un relato dentro del relato, simulación de actores, se halla antes en los cuentos de las mil y una noches. Como una polinización (me gustan los ejemplos relacionados con la botánica), influyó en la literatura europea los cuentos de las mil y una noches.

FF: Una de tus obras favoritas: la Celestina. JG: Si, Fernando de Rojas, no olvidemos que murió a los 23 años, que su familia fue quemada por la Inquisición, que vivió en un mundo sin perdón divino, y que su breve obra trágica contiene cierto humor, como un poder trágico.

Público: ¿Hay alguna tabla de salvación para el poeta/escritor que pueda decirnos? JG: La misión del escritor no es dar respuestas, sino hacer preguntas. Uno defiende la inteligencia creadora. En un diálogo en una obra mía, entre Demiurgo y el personaje, donde le hace hablar a Dios, y le critica duramente su incapacidad para dar respuesta al desastre del que debería ser responsable, en términos de las barbaridades humanas.

Entre aplausos los asistentes se despiden de esta magnífica persona y escritor que es Juan Goytisolo, del que buscaremos sus obras para aprender y disfrutar. Envío esta crónica que ha sido completada de la mejor manera posible a partir de las notas tomadas en la conferencia, para su publicación, y que si la lee el Señor Goytisolo, espero que no le desagrade la impericia, la incapacidad de síntesis o cómo he completado alguna de las ideas, y el haberme permitido hacerlo, para darlo a conocer en medios no oficiales, donde la cultura se valora por lo que significa, no por lo que cuesta. Fdo: Antonio Jiménez

Anexo 7 - Juan Goytisolo: «La mirada del que se sitúa a las afueras es más interesante que la del que está en el centro»

Disponível em: www.ducros.biz/corpus/index.php?command=show_news&news_id id=1215 Documentación Entrevista publicada al diario “ABC”

Acesso em 18/05/2009

Intensa semana la que Juan Goytisolo ha protagonizado en Nueva York de la mano del Centro Juan Carlos I y el Instituto Cervantes. ABC Cultural ha aprovechado la ocasión para entrevistar a este autor siempre polémico, apasionado y riguroso.

Llueve en Nueva York, perplejo por el esclarecedor frío de abril que le hace a Juan Goytisolo buscar el precario abrigo de un paraguas roto. Sus ojos azules no han perdido curiosidad, y sigue mirando el mundo con extrañeza y compasión. Se sonríe a veces con su reserva, esa que disimula y que no le gusta mostrar ante extraños. El Centro Juan Carlos I de la Universidad de Nueva York y el Instituto Cervantes de la ciudad varada entre los ríos Hudson y Este le acaban de dedicar una intensísima semana, en la que la figura del historiador Américo Castro, que indagó como pocos en el pasado árabe, judío y cristiano de España, y sobre todo en las causas de la Guerra Civil, ha sido recordada con frecuencia. Desde que a mediados de los cincuenta se fuera de España, Juan Goytisolo no ha pasado nunca más de un mes seguido en la tierra que le vio nacer. «La mirada del que se sitúa a las afueras siempre es más interesante que la del que está en el centro», dice este escritor que a sus sesenta y nueve años acaba de publicar *Carajicomedia*, en la que demuestra que su ironía sigue tan intacta como la pasión por la escritura.

-¿Hasta qué punto es Américo Castro un alter ego de Juan Goytisolo?

Es obvio. Ha sido, si la palabra maestro tiene algún significado, mi maestro. Empecé a leerlo a principios de los sesenta y cada vez me interesó más. Yo creo que, contrariamente a lo que dice esta crítica canónica de que lo único que le interesaba era rescatar elementos árabes y judíos de la historia de España, lo que creo es que la reflexión de Castro parte de la Guerra Civil española y por qué se produjo, y esto le obligó a reflexionar sobre la historia de España. Una de las cosas que quedan muy claras es que por no haber sabido asimilar lo que ocurrió en nuestra historia estamos condenados a repetirnos hasta que no comprendamos lo que hemos sido. Éste es el motivo principal de mi interés. Gran parte de mis ensayos literarios o político-literarios parten de esta búsqueda, de este conocimiento.

-¿En qué medida la visión historiográfica que Castro tenía de España sigue siendo algo extraña a la imagen que los españoles se han fabricado de sí mismos?

Sigue siendo extraña en las universidades españolas, pero no en Estados Unidos. Prácticamente en todas las universidades es algo que ya ha sido asimilado. La gente está trabajando en un terreno nuevo y dando por supuesto que la visión de Castro forma parte del conocimiento global. En España sigue habiendo una gran resistencia. Esto se ve en tres campos que son como tabúes en la cultura española actual: la resistencia a considerar los tres primeros siglos de la literatura castellana como una literatura mudéjar, de alguna manera. Es absurdo pensar que había un arte mudéjar, pero que no existía una literatura mudéjar y una sociedad mudéjar. El Libro de buen amor es una mezcla de culturas muy distintas. Otro elemento es el no querer aceptar el drama que vivieron los cristianos nuevos, que fue el origen de una serie de formas literarias que de otra manera no hubieran existido. Fue el primer enfrentamiento de un grupo intelectual con un Estado totalitario. Antes del nazismo y del comunismo en el siglo XX se produjo esta confrontación y con estrategias muy distintas: la huida, la evasión, la mística, el enfrentamiento a veces directo, que era casi suicida, y la ironía cervantina. La picaresca es un caso clarísimo de una obra escrita contra un momento en que todo el mundo estaba orgulloso de su linaje. Es el antilinjaje. Hay que entender esto. Y la tercera cuestión es la exclusión del tema erótico. Un buen ejemplo es que hace treinta años una obra como *La lozana andaluza* no se estudiaba en ningún lado. Yo fui el primero en romper el tabú precisamente en la New York University, dando un curso sobre *La lozana*. El cancionero de burlas, lo mismo. Y citaré otro ejemplo: todo el mundo conoce las Coplas a la muerte de su padre, de Jorge Manrique, pero ¿cuánta gente conoce las Coplas a su madrastra? Nadie. Y sin embargo son unas coplas divertidísimas, a veces

obscenas, llenas de humor, con una inventiva verbal enorme. En una ocasión le pregunté a Octavio Paz, un hombre lleno de curiosidad cultural, si conocía las Coplas a su madrastra y las ignoraba. Esto indica hasta qué punto se excluye del canon lo que no conviene a la mojigatería, a la norma fijada por el nacionalcatolicismo.

-¿Y Américo Castro es una especie de espejo incómodo en el que no gusta reconocerse por la imagen que pueda proyectar de nosotros mismos?

Sí, es una imagen incómoda, pero tenemos que convivir con ella. Cuando la gente dice que todo esto está superado es evidente que no. Habría que leer lo que se escribió en la Guerra Civil española en los dos lados. En la Antología del fascismo español, de Julio Rodríguez Puértolas, la cantidad de textos antisemitas y antijudíos que aparecieron en aquellos días era impresionante, de una obscenidad apabullante. Por otro lado, si se leen todos los poemas escritos durante la guerra contra los moros, vemos un racismo enorme en la parte republicana. Claro, en la parte nacionalista no escribían contra los moros porque se estaban sirviendo de ellos, eran sus mercenarios. En la parte republicana, con la excepción de Juan Gil-Albert, que escribió un poema muy bello, que decía: «Un muchacho moro (o marroquí), que engañado cayó en el frente de Madrid», se hablaba de morisma salvaje, borracha de sensualidad, que viene a violar a nuestras mujeres y a nuestras hijas, palabras textuales de Dolores Ibárruri. Estas imágenes mentales se han mantenido, como ahora en El Ejido. En un artículo recogí este informe extraordinario sobre los españoles y la inmigración, una encuesta publicada hace apenas dos meses por el Ministerio de Asuntos Sociales, que revela la vigencia tenaz de ciertos prejuicios: la puntuación más baja corresponde a los gitanos, clasificados aún entre los inmigrantes después de cinco siglos y medio de presencia ininterrumpida en la Península. Inmediatamente después, cómo no, los árabes y musulmanes (léase moros), y en tercer lugar, en este singular palmarés de la infamia, agárrese el lector al asiento, nada menos que los judíos. Y yo me pregunto, ¿hay inmigrantes judíos en España? ¿Quién ha visto a un inmigrante judío? Esto demuestra que mientras sigamos con la exclusión del que piense de una manera distinta de nosotros, es lo mismo. Cuando era joven me decían: no se puede ser español sin ser católico. Ahora te dicen que no se puede ser vasco sin ser nacionalista.

-Dos nombres constantes en su reflexión y en su juego de espejos han sido el citado Américo Castro y Blanco White. ¿Después de tanta escritura y tanto tiempo, quién es Juan Goytisolo?

Nadie puede autodefinirse. Es la mirada de los demás la que le configura a uno. No sé realmente quién soy. La verdad es que cuando traduje a Blanco White, a medida que iba descubriendo los textos y los traducía tuve la impresión de que aquello lo había escrito yo, porque la España que él criticaba era la España que me había de alguna manera obligado a abandonar su territorio en la época de Franco. La actualidad de Blanco White es asombrosa y la forma cicatera en que se le trata aún en España es un indicativo de que las cosas no han cambiado demasiado.

-¿En qué medida ha adoptado la figura del transterrado, de quien mira su país desde fuera, en una forma de estar en el mundo? ¿Hay, como se le ha acusado alguna vez, una mirada confortable del que se instala en un balcón exterior?

Lo que más me ha interesado siempre ha sido la posibilidad de ver a mi propio país con intimidad y a distancia. Es la mirada de alguien que conoce muy bien este país, pero se sitúa fuera. Creo que ver tu propia cultura a la luz de otras culturas, tu lengua a la luz de otras lenguas, te da una oportunidad de afinar la percepción. La mirada del que se sitúa a las afueras siempre es mucho más interesante que la de quien se sitúa en el centro. Esto siempre ha sido así. Eran precisamente los cristianos nuevos y los conversos los que veían

realmente cómo era la sociedad española. Los cristianos viejos generalmente, por el hecho de existir, ya estaban satisfechos, dentro de la corrección y de lo que debía ser, de la norma.

-Cada vez que se ha internado en los campos minados de la realidad internacional -léase Bosnia o Chechenia- no ha faltado intelectual o escritor que le ha acusado de salirse del tiesto. Además de las razones políticas para ver de cerca y escribir de cerca, ¿qué motivos íntimos le han impulsado a jugarse el pellejo acercándose a mirar donde el dolor es más agudo?

En el caso de Bosnia, cuando empezó a estallar el conflicto, me documenté bastante, y encontré que el nacionalismo serbio tenía un parecido enorme con el nacionalcatolicismo español que llevó hasta la cruzada de Franco. El lenguaje de Milosevic y de la propaganda oficial parecían un remedo del lenguaje de la Falange. Había textos sobrecogedores que se pueden comparar, y dentro de la mitología nacional serbia encuentras equivalencias: la batalla del Campo de los Mirlos es la de Guadalete; el príncipe Lazar, el rey don Rodrigo; el traidor don Julián es el yerno del príncipe Lazar; la Serbia celeste es la España sagrada; el romancero son los pesme, etcétera. Y lo que se ventilaba allí era una lucha entre un concepto que viene de la Revolución francesa, el concepto de la ciudadanía, la condición de ciudadano independientemente del origen étnico y religioso frente a la barbarie de la raza y la sangre, que era el lenguaje de los ultranacionalistas serbios y de los ultranacionalistas croatas. Era obvio que había que defender esta idea en Bosnia puesto que sirve de base a todas las democracias europeas. Lo terrible de mi experiencia fue ver que en lugar de apoyar a los que estaban defendiendo los principios en los que se funda la democracia europea, los de la Unprofor (las fuerzas de la ONU) estaban apoyando descaradamente a los extremistas serbios. En Chechenia partía de un conocimiento previo también amplio, ya que siempre me ha interesado mucho la literatura rusa del siglo XIX, y autores tan distintos como Pushkin, Lermontov y sobre todo Tolstoi, que en la guerra de Chechenia tuvo un papel muy destacado. Por otro lado, había leído las obras de Vincent Monteil y Benningsen y de otros autores acerca de la lucha de los musulmanes de la Unión Soviética, las tarikas o cofradías sufíes que habían opuesto una gran resistencia, y fui allí con estas dos lecturas.

-Pero las lecturas no llevan a alguien a tomar una decisión tan radical como para meterse en la boca del lobo, en estos dos casos.

Como toda persona tengo un montón de defectos, y tal vez uno de ellos sea una cierta inconsciencia. Nunca he tenido miedo físico en estas situaciones.

-¿Pero además del compromiso político, humano, hay alguna otra pulsión, curiosidad, aunque es una palabra que puede resultar obscena en este contexto?

Tengo aversión a los sistemas despóticos y al lenguaje ultranacionalista. Es algo que no soporto. Vivo muy apartado de la lucha política, no me interesa nada, pero lo que sí me moviliza es la xenofobia y el racismo, porque me parece lo peor. La opresión política puede desaparecer, pero los sentimientos racistas son muy difíciles de eliminar. Siempre he dicho que me parece mucho peor el ataque a una persona inocente por el color de su piel o el rizado de su cabello que meter preso a alguien que está luchando por unas ideas políticas y sabe que corre un riesgo y está armado para soportar eso, mientras que el que es agredido en la calle por razones raciales o étnicas me parece que sufre una brutalidad mucho mayor.

-Hannah Arendt habló de tiempos de oscuridad refiriéndose a un momento especialmente dramático de este siglo que nos deja. ¿Cómo definiría los tiempos que ahora vivimos?

Cuando la marea de este siglo se retire creo que va a dejar, o está dejando, un horizonte desolador, un paisaje destrozado, civilizaciones deshechas, un empobrecimiento del ser

humano. Ésta es la impresión que tengo. En el solsticio de junio del año 2000, como sucede en las playas bretonas, en lugar de algas y almejas encontraremos el plástico y la inmundicia que estamos sembrando.

-En Carajicomedia parece haberse divertido de lo lindo poniendo espejos en los lugares más inverosímiles, haciendo que textos que parecía que lo habían dicho todo vuelvan a decir como nadie se había atrevido a leer. ¿Sigue la Iglesia siendo una domesticadora de conciencias en España o su magisterio ha pasado a mejor vida?

Nunca he pretendido ser maestro de nadie. Es un ejercicio en primer lugar de autoparodia, y a partir de la autoparodia una parodia de todo. Lo que ocurre en España es que a la gente le gusta reírse de los demás, pero no de sí mismo. Creo que tengo el derecho de hacerlo porque el primer parodiado dentro de Carajicomedia soy yo. He seguido siempre esta norma de tomar mi trabajo muy en serio, pero no tomarme a mí mismo demasiado en serio. Si se mira superficialmente parece que la influencia de la Iglesia no es tan grande. Hay muchas cosas que han cambiado. Pero creo que sí sigue determinando de una manera u otra una serie de conductas, y a veces por lo que no dice. Me ha escandalizado por ejemplo el silencio con respecto a lo que está ocurriendo con los inmigrantes en España. No ha dicho palabra. En esto ha reflejado a toda la clase política, porque durante las elecciones ni siquiera en Almería, ni los candidatos del P ni del PSOE, han hablado para nada de lo ocurrido en El Ejido. Estoy esperando alguna autoridad eclesiástica que llame la atención sobre esto.

-¿Son sus textos todos sus hijos?

Asumo todo lo que he hecho a partir de Reivindicación del conde don Julián. Hasta Señas de identidad era un miembro más de mi generación. Sería absurdo situarme dentro de una generación porque he seguido una trayectoria propia. Cada escritor es una anomalía.

-La pregunta tiene también otra vertiente. ¿Son de alguna forma sus textos los hijos que ha querido traer al mundo?

Esto es siempre una forma de crear algo, un material que no existe. Por otra parte, actualmente tengo a tres niños en casa en Marrakech, tres niños pequeños, me ocupo de ellos, y me siento con la libertad de no haberlos lanzado al mundo. No tengo esta responsabilidad metafísica terrible de lanzar al mundo tres seres y al mismo tiempo me siento responsable de ellos. Pero con los textos no tengo una relación como de padre e hijo. Funciona hasta que el libro sale, luego ya me olvido. A veces me hablan de un libro que he escrito hace quince años y ya no me acuerdo. Se ha ido de casa y ha desaparecido de mi vida.

Anexo 8 - Goytisolo ejerce la autocrítica y aborda lo que han sido su vida y su literatura

Por SILVIA ISABEL GAMEZ

Disponível em: <http://www.elconfesionario.com.ar/noticias/202.htm>

Acesso em 10/12/2009

Ciudad de México (1 junio 2002).- Del niño que sacaba diez en religión, quedan sólo algunos conceptos pendientes de olvidar. Agnóstico confeso, Juan Goytisolo afirma: "La definición que da el catecismo del hombre como un ser racional compuesto de alma y cuerpo es lo más inexacto que existe, un puro disparate".

El Premio Octavio Paz de Poesía y Ensayo 2002 niega la existencia de un más allá, pero en bien de su obra acepta abrir el corazón a lo que su inteligencia rechaza.

"Al escribir, uno debe mostrarse como un ser integral, incluir lo racional y lo irracional, subir la inteligencia del corazón. Cuando escribo, busco que se manifieste la totalidad de mi persona".

Nacido en Barcelona una noche de Reyes de 1931, Goytisolo llegó al mundo precedido de una pérdida: su hermano, el primogénito Antonio, cuatro años antes, ya desde entonces una presencia fantasmal y constante.

Fue también un niño marcado por la tragedia; tenía 7 años cuando su madre murió víctima de un bombardeo de la aviación fascista. Sola en el centro de la ciudad, apenas pudo recorrer 20 pasos antes de entrar a refugiarse en el número 17 del Paseo de Gracia. Así describe Miguel Dalmau en *Los Goytisolo* (Anagrama, 1999) ese momento, tal como se lo contó la portera del edificio: "...se apoyó en la pared sin decir palabra, comenzó a llorar y fue resbalando lentamente hasta quedar sentada en el suelo". El reloj marcaba las dos menos cinco de la tarde del 17 de marzo de 1938.

En sus obras autobiográficas *Juan sin Tierra* (1975) y *Coto vedado* (1985), Goytisolo reserva la ironía y la dureza para las figuras masculinas de la familia, mientras extrema la ternura con las femeninas.

"Todas las mujeres de la rama materna fueron víctimas, de una u otra forma; además, de ese lado proviene la sensibilidad literaria. Mi familia paterna era de empresarios, acumuló en Cuba fortunas colosales, no tenían la menor tendencia hacia el arte".

Escribir esos libros autobiográficos, ¿le permitió ajustar cuentas con su origen?

Nunca los pensé como un ajuste de cuentas, una provocación o por afán de escandalizar. Intentaba decir lo que fue mi vida, pero con un sentido de autocrítica. Octavio Paz me escribió en una carta que *Coto vedado* le parecía una obra única en la literatura española. Lo que se vende como autobiografía en España son los aspectos agradables de uno mismo, te elevas una estatua gloriosa o publicas chismes sobre los demás, siempre ha sido así; no existe la reflexión crítica con respecto a uno mismo. Apenas nacer, se convirtió en el preferido de sus padres... probablemente de mi madre, no lo sé, parece que fue así.

¿Se sintió alguna vez, como sugiere su biógrafo, mimado por los dioses?

Un niño no sabe qué son los dioses ni los mimos.

¿Y ahora, cuando mira a la infancia?

Los recuerdos son algo curioso: imágenes sin continuidad. Una especie de diapositivas; en *Coto vedado* puse incluso en duda la realidad de algunos recuerdos, que pudieron ser ilusorios.

La pérdida de su madre en la Guerra Civil, ¿lo empujó a romper con esa otra madre que es para muchos la patria?

No de niño. Pero la experiencia de la brutalidad de la Guerra Civil me distanció de España a los 18 o 20 años, cuando empecé a preguntarme qué país era ése donde se mataban los unos a los otros. Nunca he sentido el menor patriotismo, de lo cual me enorgullezco.

Además de a su madre, ¿qué le arrebató la Guerra Civil?

Las libertades fundamentales del ser humano.

Goytisolo sintió un temprano rechazo hacia un padre enfermo, hundido por la muerte de su madre. A este primer deseo de huida se sumarían otros, resultado de la crisis de la economía familiar, la atmósfera opresiva de la posguerra, su natural aislamiento en la literatura... hasta que en 1953 marcha a París.

"Deseaba conocer una sociedad libre. El paso de España a París equivalía a transitar de un mundo gris a otro con variaciones cromáticas".

En *Coto vedado* evoca a sus padres en su retrato de boda, detenidos en el tiempo, jóvenes y hermosos. ¿Qué imagen suya le gustaría que permaneciera?

Me da igual, nadie puede controlar su destino ni su imagen. La historia siempre se burla de la gente que se maquilla para pasar a la inmortalidad. Dentro de 200 años, si el mundo aún existe, me juzgarán como quieran.

Ha manifestado desprecio hacia el personaje que fue en su adolescencia, ¿se siente hoy satisfecho con lo que es?

Ni satisfecho ni no, no me planteo en esos términos la existencia. Hay momentos agradables y otros menos.

Sus herederos son tres niños magrebíes que viven en su casa de Marrakech. Si lo consideramos como un penúltimo acto de congruencia, ¿cuál será el último: negarse a ser enterrado en el mausoleo familiar, como ha escrito?

Soy partidario de la incineración a secas. Desde luego, descarto cualquier espacio religioso. Su amigo Mariano Castells decía del joven Goytisolo que, en lugar de vivir, parecía que prefiriera "escribirlo todo".

"Es a partir de Reivindicación del conde don Julián (1970) que puedo decir que estoy de acuerdo con lo que he escrito. Con ese libro comencé a experimentar el crecimiento orgánico del texto, la escritura como una aventura. Mis primeras novelas partían de un esquema, ahora escribo sin saber a dónde voy".

Creada en Tánger, en una época en la que -según su biógrafo Dalmau- "vivía sentimental, cultural y sexualmente cada vez más próximo al islam", la novela marca también la que será su posición periférica, ese mirar a España desde la otra orilla, empeñado en despertar su furia con golpes certeros, en un exilio inspirado en la figura de José María Blanco White, que escribió sobre ese país desde Inglaterra.

"El rechazo moral de los bienpensantes ha sido para mí a veces una satisfacción".

¿Y cuando es usted quien manifiesta su repudio en artículos?

Ahí procuro ser estrictamente racional. He dicho que es preferible para un intelectual equivocarse por su cuenta a tener razón por consigna. Si me he equivocado es mi responsabilidad, pero intento no caer en la demagogia.

En ese mirar a España desde la otra orilla, ¿nunca apareció la nostalgia?

La nostalgia de España fue breve. Cuando me di cuenta de que (el dictador Francisco) Franco iba a morir en la cama, sentí un desafecto hacia la sociedad española. A mí siempre me ha gustado la diversidad, y allí todo me parecía tan aburrido, la gente tan igual, que no me sentía en casa.

Con el paso de los años, ¿se ha atemperado lo flamígero de su pluma?

Creo que, para quienes estamos genéticamente programados para la literatura, la escritura evoluciona con la vida. Digo esto porque soy incapaz de hacer nada salvo escribir.

¿Siempre tiene un libro en las manos?

Siempre no, también me gusta pasear. Soy una persona curiosa, disfruto viajar y ver ciudades. Nunca me he forzado a escribir, sólo lo hago cuando se me presenta algo -un verso, una visión, una frase- que lo desencadena de una forma acuciante.

Descubrió muy pequeño que la vida es una sucesión de pérdidas. ¿Esto definió su vocación literaria?

No se me ocurrió hacer otra cosa. Entre los 10 y 14 años, cada verano escribía dos o tres novelas que leía a mis desdichadas primas. Eran narraciones de aventuras, recuerdo que para evitarme la descripción de los personajes recortaba las fotos de los actores que salían en una revista de cine, lo que era una técnica bastante avanzada para la época.

Estudioso del árabe, de la literatura medieval y del turco, Goytisolo ha plasmado su pasión por estas culturas en libros como Makbara (1980), De la Ceca a La Meca (1997) y Carajicomedia (2000). Su lucha contra las dictaduras y dogmatismos lo ha llevado a visitar escenarios de guerra que luego han reaparecido en títulos como Cuaderno de Sarajevo (1993) y Argelia en el vendaval (1994).

Como dicen los musulmanes -es una cita suya de Rimbaud- ¡está escrito! ¿Cree en el destino?

Cuando he viajado a zonas de peligro he ido tranquilo, tal vez es inconsciencia, pero lo que debe ocurrir va a ocurrir. Quienes sí me dan miedo son los conductores que van a gran velocidad; me preocupa la idea de quedar mutilado en una carretera.

¿Hay algo que le quite el sueño?

Todo, siempre tomo una pastilla para dormir. Empecé hace como 20 años y me habitué, pero procuro no aumentar la dosis.

El estudio de lenguas como el árabe, ¿le ha hecho desear vivir en otras épocas?

La idea de la transmigración (pasar un alma de un cuerpo a otro) es muy antigua, pero todos sabemos que no podemos cambiar de época.

¿Y cuando se ha permitido imaginarlo?

Supongo que me quedaría en esta época, porque viajar a México en el Siglo 16 debía ser más complicado.

La trilogía literaria de los Goytisolo la forman, además de Juan, sus hermanos Luis, narrador cuatro años menor, y José Agustín, poeta nacido en 1928 y fallecido en 1999.

"Siempre he tenido una relación estrecha con Luis. Hubo divergencias cuando publiqué Coto vedado, pero siempre ha existido una comunicación intelectual".

¿Y con José Agustín?

Hay que respetarlo porque está muerto.

Dalmau consigna en Los Goytisolo la difícil relación que tuvo con el poeta. José Agustín condenó el hecho de que su hermano decidiera revelar en Coto vedado el secreto de la familia: un abuelo pederasta, Ricardo Gay, que visitaba a Juan cuando apenas contaba 12 años en la biblioteca-despacho donde dormía para besarlo y acariciarlo.

Tras un periodo de acercamiento a mitad de los años 60, volvieron a distanciarse cuando Reivindicación del conde don Julián hizo pública la nueva identidad de Goytisolo: su pasión por el islam y los árabes.

Durante 40 años, hasta el final de su vida, Goytisolo vivió junto a la escritora Monique Lange, "una mujer extraordinaria, con la que tenía una complicidad muy fuerte". Musa moral, solía decirle: "No te tomes jamás en serio. Quien corre tras la gloria la ve desvanecerse como un espejismo. Al respeto intelectual, literario y moral se accede en silencio".

Después de sucesivas crisis existenciales, el escritor conoce en 1963, en un café de París, a un joven árabe, Mohamed, con quien tiene lugar -ha escrito- su primer "lento naufragio en el placer".

Recuperada la serenidad tras aceptar su naturaleza homosexual, Goytisolo -cuenta de nuevo Dalmau- se deja arrastrar desde su experiencia erótica por la fascinación del islam. Junto a Mohamed recorre los cafés del barrio parisino de Barbés; "no era la primera vez - escribe el biógrafo- que Goytisolo se sentía atraído por analfabetos, o lo que él llama 'hombres de instrucción tosca y primaria'. Pero hasta entonces había frecuentado su compañía porque le permitían 'compensar con su vivificante e impregnadora rudeza el refinamiento mental exigido por la escritura". Ahora había un componente carnal, "la maldición asociada al vicio nefando se había transformado de súbito en gracia", en palabras de Goytisolo.

En plena época franquista, la sexualidad era un tema prohibido, ¿hasta qué punto sublimó esa represión en la literatura?

En aquella época, España era un país curioso. Durante los años 50, en Barcelona había cafés o bares donde las camareras cantaban canciones pornográficas, obscenas, que aún me sé de memoria. Era todo muy contradictorio.

¿No experimentó la represión?

Había una condena muy fuerte de la homosexualidad, algo que forma parte del carácter español. Mi amigo (el escritor francés Jean) Genet siempre decía que los maricas más audaces del mundo eran los españoles, que se disfrazaban de andaluzas y salían con peinetas a la calle. Las condenas eran tan fuertes que ningún homosexual podía vivir una existencia natural, se volvían extremas debido a la represión.

¿Fue un deslumbramiento conocer a Genet?

Conocer en la misma noche a Monique y a Genet cambió mi vida. La influencia de Genet fue más ética que literaria; despreciaba a los escritores que querían hacer carrera, eso me curó de la vanidad, del deseo de vender libros. Genet era de un rigor extremo, durante varios años siguió una técnica muy simpática: firmó con Gallimard contratos sobre libros que no escribió jamás, de los que sólo existe el título. Si un escritor, cuando no tiene nada que decir, tiene la suerte de encontrar un editor crédulo que le acepte este tipo de contratos, me parece mejor que los firme a que escriba tonterías para ganar dinero, creo que responde a

la ética del escritor. Si convertí a Genet en un modelo no fue por imitación, sino porque correspondía a mi propia naturaleza.

En una entrevista reciente, declara que "por fortuna" nunca se ha enamorado de un hombre, ¿por qué lo dice?

He tenido relaciones de amistad con hombres, en las que ha habido confianza, respeto, pero enamoramiento, ninguno. Mis relaciones afectivas han sido con mujeres, con los hombres - no me refiero a las aventuras de un día- el vínculo ha sido amistoso.

¿Ha sido un hombre más cerebral que pasional?

No creo que se puedan establecer diferencias, no lo sé.

Anexo 9 - Tengo pies y camino

Entrevista a Juan Goytisolo 2007

Disponível em://www.artifara.unito.it/Nuova%20serie/Artifara-n--7Artifara, n. 7,

Acesso em: 22/10/2009

Come è stato acutamente osservato da Ryszard Kapuściński, quello dell'intervista è una scrittura corale, giacché non ha un solo autore. È soltanto grazie ad un'usanza ormai divenuta abituale che si è soliti firmare il testo con un unico nome. In realtà, tale genere letterario nasce dall'incontro tra due persone: colui che pone le domande ed un interlocutore che dà le risposte.

Il testo che segue ha come "coautore" Juan Goytisolo, una delle figure più atipiche nell'ambito della letteratura contemporanea in lingua spagnola; a volerlo etichettare in una corrente letteraria specifica, ci si rende immediatamente conto che l'impresa è ardua: egli è autore, per così dire, solitario.

Nato a Barcellona, ma presto esule volontario in Francia, Goytisolo ha da alcuni anni deciso di abbandonare definitivamente l'Europa per trasferirsi in Marocco, paese con il quale ha sempre vissuto una condizione di profonda affinità. Uomo e scrittore fronterizo, in perpetua ricerca di un rapporto osmotico tra molteplici culture e lingue, Goytisolo rifugge continuamente da ogni tipo di rigida classificazione, tanto dal punto di vista letterario quanto da quello esistenziale. È nell'inflessibilità delle nostre società che l'autore scorge la peggiore causa dell'impoverimento delle culture e degli uomini.

L'intervista che segue, rilasciatami dallo scrittore il 15 agosto 2007 a Tangeri, è un tentativo di gettare luce su alcuni punti ricorrenti della letteratura goytisoliana. Al contempo, rappresenta anche un testo che riflette sul senso della vita e in cui emerge con forza la visione dell'autore rispetto agli accadimenti del mondo, spesso incomprensibili o inaccettabili. Según los antiguos griegos la posibilidad de actuar de forma correcta, superar las pulsiones individuales y alcanzar la libertad no podía existir sin el cuidado y el conocimiento profundo de uno mismo. En su vida, ¿cuánta importancia le ha dado usted a la práctica de cuidado y conocimiento de su propia persona?

Tanto como cuidado de mi propia persona, nunca me he cuidado mucho. Lo que uno comprueba, cuando llega a una edad avanzada, es que hay una evolución del yo. El yo de cuando tenía doce años o de cuando tenía veinte años, obviamente, no es el mismo. Hay una mutación genética y una correspondiente mutación de la personalidad. Entonces, claro, toda empresa autobiográfica empieza por ser como un trabajo de arqueología y termina por ser como una obra de ingeniería literaria, este es el problema. Los recuerdos los vas sacando, luego los unes en forma de escritura y les das ya una estructura que no obedece a la vida, sino que obedece a la creación literaria. Siempre es esta la contradicción que uno advierte. A veces me lo planteaba: el recuerdo de un recuerdo de un recuerdo, ¿es todavía un recuerdo? No lo sé, no lo puedo saber. Entonces continuamente pongo en duda las cosas de las que no estoy muy seguro.

Creo que el conocimiento de uno mismo es necesario para la relación con los demás. Si uno tiene una relación correcta con uno mismo, tiene una relación correcta con los demás. Él que está en contradicción continua con uno mismo, pues se encuentra en contradicción con los demás. Lo que puedo decir es que soy una persona muy poco conflictiva. Desde que resolví unos conflictos conmigo mismo, no soy conflictivo con nadie. Esta es la realidad.

Por otra parte, no hay una tradición autobiográfica tal como yo la entiendo en los países católicos. La autobiografía empieza en Francia gracias al Siglo de la luzes, la herencia luterana de los hugonotes. El católico se va a aconfesar y es como Ariel, lo da todo a la confesión, lo deja todo, mientras que en la tradición protestante siempre ha habido una introspección. Por eso, para mí, el único antecedente que yo conozco, antes de escribir Coto Vedado, es el de Blanco White que vivió en Inglaterra y que escribió su autobiografía en inglés. Ahora existen algunas autobiografías interesantes también pero esto, hace muy poco, era una rareza. Yo, de haber sido un escritor inglés o francés, probablemente no hubiese escrito esto porque otros escritores lo han hecho. Pero, precisamente la tradición española notaba una falta de eso, esta fue la razón determinante.

Si usted tuviera que definirse....

Es imposible definirse. He pasado toda la vida huyendo de definiciones. La personalidad humana escapa de toda definición. No he intentado ni intentaré jamás definirme.

En la elección de una patria adoptiva ¿cuáles son los elementos que juegan el papel más importante? Y ¿qué ha encontrado en sus patrias adoptivas que no había logrado tener en su tierra natal?

Salí de España en busca de libertad y la encontré en París. Nunca he buscado países, me he aclimatado en ciudades. En París viví en el barrio del Sentier, un barrio multiétnico donde vi toda la variedad humana. Salía de una sociedad que en aquella época era compacta. Recuerdo que debía tener 12 años la primera vez que vi en Barcelona a un negro de verdad. ¡Sólo los había visto en el cine! Llegar a París y, sobre todo, en el barrio donde vivía, un barrio de gente de todos los orígenes, para mí fue tan importante como la educación literaria.

Siempre me han gustado los sitios donde he hallado esta diversidad, por ejemplo en Nueva York donde estuve durante años dando cursos. No me gusta nada el campo, me engorriona el campo. Me gustan las ciudades. Me gusta Tánger, me gusta Marrakech, me gusta Estambul. Probablemente me gustaría Nápoles si lo conociera mejor. Me gusta Barcelona que es una ciudad muy abierta. Yo, en las Ramblas, me encuentro en mi elemento. Oigo hablar todos los idiomas del mundo y veo esta diversidad que he buscado siempre.

¿Cuánto influye la idea previa que tenemos de un lugar en el hecho de que estemos a gusto en un espacio concreto?

Cuando oigo hablar de raíces, identidades fijadas... A mí todo esto me horroriza. Ahora estaba viendo una manifestación de los vascos clamando que eran "esencialmente vascos"... Todo esto me horroriza. Uno puede ser muchas cosas a la vez. Yo puedo ser barcelonés, parisiense, newyorkino, marrakchí, lo que sea... Uno se aclimata poco a poco en lo que descubre. Hay sitios que sé que no me interesan nada, hay otros que me inspiran. Como ya he dicho, el barrio del Sentier ha sido siempre para mí una fuente de inspiración tan grande como puede ser mi conocimiento de Cervantes, de La Celestina o de San Juan de la Cruz, para citar ejemplos de autores que son muy cercanos a mi manera de ver la literatura.

Dejando a parte Coto Vedado y En los reinos de Taifa, ¿cree usted que sus otros libros (por ejemplo aquellos que nacen de su experiencia como enviado de guerra o, incluso, los ensayos en los que se perfila su inclinación ideológica) pueden considerarse también literatura autobiográfica?

Hasta cierto punto. Los reportajes de guerra, claro... Pero a mí lo que me más me interesaba era cuando esta experiencia se transformaba en algo distinto. Por ejemplo, el Cuaderno de Sarajevo era una experiencia periodística, pero luego la reflexión se convirtió en El Sitio de los Sitios: está Sarajevo, está la literatura y estoy yo. Transmutaciones que, a partir de la realidad, se transforman en literatura.

En su opinión ¿el ejercicio narrativo puede ser un instrumento de autocomprensión y de construcción de la identidad de uno mismo?

De autocomprensión sí, pero yo no creo que se construyan las identidades. Lo que se llama "una identidad" yo lo siento como las nubes, no tiene una forma concreta.

Quizás sea importante aclarar el sentido que le doy a la palabra "identidad". Con este término me refiero a los rasgos específicos de una persona, su carácter, su forma de ser....

Bueno, supongo que la experiencia cambia muchas cosas. Probablemente, si me hubiese quedado encerrado en el medio burgués, derechista o católico en el que nací y en el que fui educado, sería alguien enteramente distinto. Por fortuna, no ha sido así. Tengo pies y camino. Me ha gustado siempre ver mi cultura a luz de otras culturas, esto no me canso nunca de decirlo. Si sólo se conoce la sociedad española y la literatura española y no se tiene un conocimiento de otras culturas, uno se limita a un espacio muy reducido. Lo otro te permite ver lo que te interesa de cada cultura. La educación que recibí cuando era joven era desastrosa. En la España de los 40 no nos enseñaban nada. He procurado, con retraso, entrar no sólo en todo el ámbito de la literatura española, sino pasar a la de los idiomas que conozco: el inglés y el francés. También tengo afinidades con escritores de distintos países. No conozco el ruso, pero la literatura rusa, de Gogol a Tolstoi, me gusta mucho y con los poetas rusos siempre he tenido una relación muy intensa. En Italia, concretamente, con Carlo Emilio Gadda, Italo Calvino y también Italo Svevo. Son los tres escritores italianos que siento más próximos.

¿La experiencia literaria puede suponer una mejoría individual y luego social?

Yo soy un ser muy poco social. Todo lo que puede ser la rutina social me aburre. Con el tiempo he procurado huir de las estructuras cerradas. Aquí en Marruecos, en los últimos años, tengo una tribu. Me encanta. Hay dos hermanos, un amigo con su esposa simpatísimos, su hija... Todo esto no es la familia celular cerrada, pero me gusta circular dentro de un espacio con su gente. Tengo algunos amigos escritores y amigos intelectuales pero, por ejemplo, en Marrakech lo paso muy bien cuando voy al café. La gente que viene a verme son un empleado de bazar, un guardia de tráfico... En fin, me divierte este contacto.

En una de las charlas que dio en Sevilla el pasado abril, usted dijo que es una persona muy pesimista y que nadie, entre nosotros, puede hacer nada para mejorar el mundo en el que vivimos... Por otro lado, su literatura a menudo hace hincapié en las aberraciones de la sociedad actual. ¿No cree que el simple hecho de insistir en algunos temas implique, por sí mismo, el intento de cambiar algo? Entonces la pregunta es ¿cuál es el sentido de denunciar si existe la convicción de que las cosas no pueden cambiar?

Bueno, yo aquí distinguiría dos aspectos. Uno es el aspecto, podríamos decir, periodístico: los artículos en los que sí he procurado tomar posición en los temas que conozco. Hay gente que habla de todo, son especialistas en todo. Yo procuro hablar de lo poco que sé y no de lo mucho que no sé. Tengo un cierto conocimiento del mundo islámico y procuro poner este conocimiento a la luz de un razonamiento y ver qué se puede mejorar, cómo se puede salir de esta eterna conflictividad que hay ahora. Esto es una cosa. Ahora: la creación literaria. No creo que de mis libros, a partir de Señales de identidad, se pueda extraer conclusión alguna. El escritor no está para dar respuestas, está para hacer preguntas. Yo no doy ninguna receta. Lo que ocurre en los territorios ocupados de Palestina me indigna, la invasión de Irak me parece monstruosa... Sobre estos temas yo escribo.

Fui a Argelia durante la guerra civil, fui a Chechenia, fui a Bosnia. Es una tentativa por lo menos de que la gente conozca la realidad de lo que está habiendo allí. Porque lo que descubrí es que veía cosas que la prensa no decía. Esto fue mi experiencia de Sarajevo. Continuamente verdades omitidas, falseadas. En una reunión de "Le Monde Diplomatique", hice una lista de cosas que yo había podido observar y que habían sido ocultadas deliberadamente. La gente se quedó asombrada.

El hecho de dar voz a lo que ha sido ocultado para que los lectores se enteren de lo que realmente pasa, ¿no puede suponer una forma de cambio?

Es difícil. Las ideas tardan en abrirse camino. Lo que ocurre es que, cuando hay un progreso, este progreso puede derrumbarse con una facilidad enorme. Podemos decir que después de la socialdemocracia de los años 60 y 70, tenía la impresión de que se avanzaba hacia una sociedad más justa y, de repente, hemos vuelto a caer en el capitalismo más desenfrenado. Esto te vuelve muy pesimista. Claro, hay evoluciones. En el siglo XVIII, los primeros que hablaron de esclavitud y de la necesidad de abolir la esclavitud parecían unos utopistas. Luego, con el tiempo, ha ido evolucionando. Pero yo creo que, a ritmo distinto, se

va abriendo poco a poco camino la idea de que con nuestras tres religiones monoteístas lo tenemos muy difícil. Es muy difícil remontar la corriente.

¿Qué le ha quedado de su experiencias como corresponsal de guerra? ¿Cuáles han sido los elementos que más le han chocado?

El descubrimiento de la especie “inhumana” a la que pertenecemos. La capacidad de salvajismo de la especie humana. Somos animales civilizados, pero animales. Esta es la conclusión que he sacado.

¿Porqué usted considera la oralidad un elemento tan importante de su escritura?

Es una cuestión de ritmo, prosodia, como uno lo encuentra en Carlo Emilio Gadda, Guimarães Rosa, en Celine. Antes de la invención de la imprenta se escribía para ser leído en voz alta. De hecho, se calcula que la oralidad puede existir como desde hace 50.000 años. La escritura, 5.000 años. Es un lapso mucho más breve. Me ha parecido lógico. A mí me ha interesado siempre la oralidad y puedo decir que lo que he escrito sobre el tema sirvió a la UNESCO para la creación del patrimonio oral y material de la humanidad.

Los años en que presidí este jurado fue una maravilla. Me hizo perder un tiempo precioso pero al mismo tiempo ganar mucho tiempo por la cantidad de candidaturas que se presentaron de lugares distintos del mundo. Era formidable para mí ver esta diversidad.

Lo que más me impresionó fue la candidatura de “los relatos de arena”. Consiste, simplemente, en que el sabio empieza a dibujar en la arena una serie de líneas que, luego, se van convirtiendo en un diagrama cada vez más complicado. Cada trazo tiene un significado y la gente debe aprenderlo para asegurar el paso de esta vida al más allá. La fragilidad de la arena... Esto me impresionó enormemente. No es ni escritura ni nada, pero... En “Le plaisir du texte” Roland Barthes introduce el concepto de “escritura en voz alta”. Según el intelectual francés el objetivo de dicha escritura no sería la claridad de los mensajes, sino cierta erótica del lenguaje, las pulsiones de la voz, la estereofonía de la carne. Con respecto al tema de la oralidad ¿cómo definiría su escritura?

La prosodia y el ritmo han desempeñado siempre un papel primordial. Recuerdo que cuando escribí Makbara, en lugar de firmar ejemplares en el Corte Inglés, propuse al editor que me organizase una serie de lecturas en todas las universidades españolas. Recuerdo que un señor, un catedrático que había escrito un libro sobre esto dijo, al oírme: “usted está leyendo en endecasílabos”. Yo no pido obviamente que el lector me lea en voz alta, pero es una manera también de ver el texto.

En una entrevista con Manuel Ruiz Lagos usted ha declarado: “cada escritor tiene el derecho y la posibilidad de acuñar neologismos que reflejen para él la situación vital en la que se halla. (...) Yo he elegido [aquellos] que respondían a mi necesidad” ¿Existen palabras o expresiones específicas a las que está ligado sentimentalmente o que, más que otras, “ponen en marcha” su yo, su interioridad?

Tengo una actitud contradictoria, pero siempre la contradicción forma parte de mi vida. Mucha gente me dice: “usted se contradice” y yo contesto: “claro que me contradigo”. Si estuviese plenamente de acuerdo, no escribiría ni haría nada. El espíritu humano avanza a partir de la contradicción. Cuando era joven, era la contradicción entre la admiración de un paisaje bellissimo en contraste con la miseria de los habitantes y ver que no podía ni escribir un texto bellissimo, ignorando la miseria, y tampoco podía hablar sólo de la miseria, ignorando la belleza. En un caso es escribir un panfleto social y, en el otro, una divagación estética que prescindía de la realidad humana.

Con respecto a los idiomas: siempre me ha interesado el conocimiento del castellano desde sus orígenes. Hay palabras que han desaparecido y que me parecen extraordinarias y que he intentado volver a poner en circulación. Pongo un ejemplo: cuando se habla de una pareja que no está casada se emplea la expresión: “compañero, compañera sentimental”. Me parece de letra de tango. Cuando lees: “apuñalada 26 veces por su compañero sentimental”... Pues ¡vaya sentimiento! Me parece una expresión horrorosa. En la literatura del siglo XV y XVI se llamaban “coamantes” que me parece una expresión mucho más correcta.

Por otro lado, trato de inovar palabras en lugar de traducir estúpidamente. Por ejemplo: “smog”, mezcla de “fog” y “smoke”, de niebla y de humo, pues: “neblumo”. He inventado el verbo “medinear” que no es lo mismo que “callejear”. Cuando estoy en la Rambla, “rambleo”. Me gusta inventar palabras y, al mismo tiempo, recuperar palabras de otros idiomas cuando es necesario.

Hablar un idioma es constitutivo del género humano, pero no es constitutivo hablar un idioma específico más que otro. En sus libros a menudo se mezclan lenguas distintas: catalán, castellano, francés, inglés, árabe, italiano.... ¿En su opinión, el idioma se relaciona con el concepto de identidad?

Cada idioma tiene su genio propio. Hay idiomas que son idiomas de cultura y otros que son idiomas de práctica. Por ejemplo: el árabe. Yo hablo el árabe dialectal, pero no conozco el árabe clásico. Yo no puedo leer ninguna obra literaria árabe porque no tengo el conocimiento. En otras lenguas es al revés: lenguas de cultura, pero que no practico al hablar. Por ejemplo, hay muchos autores italianos que los he leído directamente en italiano. Cuando era joven viajé bastante veces con Monique Lange por Italia, pero es un idioma que no he practicado. Del inglés tengo un conocimiento literario y práctico. Del francés también. Varía en cada caso.

El italiano lo aprendió viajando entonces?

Si uno conoce el catalán, el francés y el español, el italiano es fácil. Es como el portugués. El portugués lo entiendo, he leído algunas veces obras en portugués. De vez en cuando recurro al diccionario, pero lo entiendo.

A menudo en sus novelas se dan imágenes violentas cuyos protagonistas o víctimas son los animales. ¿Es una casualidad o existe una simbología específica a la que estas escenas remiten?

Es una muestra de la crueldad humana. De todas las especies animales del universo, la más dañina es la especie humana, no cabe la menor duda. Por eso, en Señas de identidad, comparo la matanza de campesinos del 36 con el encierro del novillo, el chivo expiatorio, el animal de todas las frustraciones. En la guerra civil era lo mismo aunque yo era demasiado niño para saberlo.

En Bosnia, lo que me impresionó más, fue el testimonio de una mujer. Era una musulmana, vivía en un barrio de mayoría étnica serbia y su marido se fue para pasarse a los gubernamentales, es decir los musulmanes. Sus vecinos de escalera la violaron... Gente con la que se cruzaba todos los días.

También me enteré de que los francotiradores cobraban una prima por niño que mataban porque esto desmoralizaba a la población. Cuando ves esto, te preguntas qué podemos hacer. Es salvajismo.

¿Cómo un pueblo tan culto como el alemán pudo creer a Hitler y lanzarse en un delirio colectivo? ¿Cómo los EEUU se lanzaron a esta aventura de Irak, cuando era totalmente previsible?

El día que entraron en Bagdad yo estaba en México y recuerdo que leí un artículo que decía “La guerra empieza hoy”. Conociendo un poco la región, yo sabía lo que iba a pasar...

En muchas entrevistas usted ha declarado que quiere profanar la patria en la que ha nacido - España - a través de la única patria que percibe como verdadera - la lengua - . ¿En qué sentido usted considera el idioma como tierra/patria?

Como dijo con mucha razón Carlos Fuentes, soy de nacionalidad cervantina. No me considero ligado a ningún pedazo de tierra, nunca he creído en esto.

¿Qué tiene que hacer un escritor para aportar algo nuevo al “árbol de la literatura”?

Ahora, en el terreno de la novela, las propuestas literarias son rarísimas. Es repetir, como en las telenovelas. Yo no leo novelas excepto cuando alguien me dice “lee esto, porque lo releerás”. Lo que me interesa es la relectura. Por ejemplo, no se puede leer la obra de Carlo Emilio Gadda sin releerla. Yo he buscado siempre tener el mayor número de relectores y el menor número de lectores, así que no me he preocupado demasiado. Cualquier estupidez se vende 100 veces más de lo que yo escribo.

Existen algunas elecciones estilísticas que caracterizan su literatura que me hacen pensar en la dimensión onírica. Me refiero a la ausencia de espacios concretos, al salto cronológico, a la mezcla de personajes y de voces hablantes. Todos elementos que, de alguna forma, aparecen en nuestras visiones nocturnas. ¿A qué se debe el uso de estos elementos?

No puedo generalizar porque cada obra es un proyecto distinto. Ese estilo de novela realista dejó de interesarme muy pronto. Las virtudes del pájaro solitario es, tal vez, el ejemplo más claro. La escribí como si estuviese genéticamente programado para escribirla. En cambio, hay otras que empiezo por el final y luego me remonto al principio. Otras que son como un rompecabezas, en las que voy uniendo las piezas a medida que voy avanzando. Es decir, la creación para mí es una aventura. Si en un libro preveo desde el principio lo que va a ocurrir, no me interesa nada. Leer Si una noche de invierno un viajero es una aventura. Esto es lo que yo exijo a los otros escritores como lector. La aventura de la lectura me la exijo a mí mismo como escritor. Ha de ser así aunque, por desgracia, es una anomalía en el comercio actual.

El individuo que sueña vive de alguna forma una condición de “libertad” que se le niega en la vida pública. En su caso, ¿la elección de elementos oníricos, si usted está de acuerdo en definirlos oníricos, remiten a dicha libertad negada por la sociedad?

Es una forma de escritura libérrima, es decir, no estar sujeto a ninguna condición. Por ejemplo, hay un autor como Ibn Arabí, en la lectura de Revelaciones de la Meca, que me parecía extraordinario. Es el Borges de la imaginación religiosa. Dante era un genio absoluto en la lengua, en el idioma, pero no tenía la libertad de Ibn Arabí. Ibn Arabí circula.

En el Corán, como en la Biblia y en la Torah - como dice nuestro Benedicto actual - el infierno con llamas y todo este tipo de cosas, existe. Ibn Arabí tiene la audacia de decir que el infierno existe, pero, de la misma manera que hay seres aéreos como los pájaros que viven en el aire, seres terrestres que viven sobre la tierra y seres marítimos que viven en el mar, hay seres ígneos que viven en el fuego la perpetua felicidad y sacarles del fuego sería condenarlos a muerte.

Este tipo de imaginación me impresiona mucho. Yo no soy nada religioso, es más, con la iglesia católica actual, yo he vuelto a ser muy anticlerical. Lo que no le perdono, además, a Benedicto XVI es que dice que el Limbo no existe. Yo escribí un artículo diciendo que no se lo perdonaba. El limbo me parecía la única solución aceptable, si hay algo después.

En cambio, me impresiona la belleza de los místicos, de San Juan de la Cruz. Él es el poeta mejor de la lengua española; lees sus versos y estás en un estado de perpetuo descubrimiento. Es extraordinario. Tengo una gran devoción por la creación poética de los místicos, pero cualquier sistema dogmático me horroriza.

Leonardo Sciascia, decía que todo personaje famoso tiene que vivir su vida según el concepto que los demás se han creado con respecto a él. Según el escritor siciliano dicho personaje acabaría siendo un “reflejo” de sí mismo, volviéndose en un “alguien” del que es muy difícil salir sin experimentar cierta vacilación. Me gustaría conocer su opinión con respecto a lo dicho, ya que usted es objeto de estudio por muchos investigadores y que, de alguna forma, su vida es pública y al alcance de extraños.

Estoy obligado, de vez en cuando, a dar conferencias, charlas, pero procuro tener una vida lo menos pública posible. Soy una persona, nunca he querido ser un personaje y me horroriza cuando alguien me dice “un personaje como usted”... Soy una persona, no soy ningún personaje.

Por ejemplo, si alguien viene a hablar conmigo de mis libros me parece muy bien, pero para sacarse una foto o este tipo de cosas, no me gusta nada. Mi única relación mala en la vida es con los fotógrafos. Me llevo muy mal, me pongo muy nervioso con ellos sobre todo cuando me quieren hacer posar.

Mucha gente dice que soy muy antipático, muy huraño, pero me da igual. Soy como soy.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)